

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ANDRÉ SANTANA MATTOS

A TENDÊNCIA À ESTABILIDADE DE FECHNER NA OBRA DE FREUD

São Carlos

2024

ANDRÉ SANTANA MATTOS

A TENDÊNCIA À ESTABILIDADE DE FECHNER NA OBRA DE FREUD

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaina Namba.

São Carlos

2024

Mattos, André Santana

A tendência à estabilidade de Fechner na obra de Freud
/ André Santana Mattos -- 2024.
162f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Janaina Namba
Banca Examinadora: Ana Carolina Soliva Soria, Caio
Padovan Soares de Souza, Denise Maria Barreto
Coutinho, Richard Theisen Simanke
Bibliografia

1. Psicanálise. 2. Filosofia. I. Mattos, André Santana. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato André Santana Mattos, realizada em 06/12/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Janaina Namba (UFSCar)

Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar)

Prof. Dr. Caio Padovan Soares de Souza (UFPR)

Profa. Dra. Denise Maria Barreto Coutinho (UFBA)

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke (UFJF)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Janaina Namba, orientadora deste trabalho, pelas leituras e contribuições, pela confiança e pela condução do processo de forma sempre cordial e amigável.

Ao professor Richard Simanke e à professora Ana Carolina Soliva Soria, pelas contribuições realizadas por ocasião do exame de qualificação. A estes, bem como à professora Denise Coutinho e ao professor Caio Padovan, pela apreciação do trabalho e pelas contribuições realizadas na defesa da tese.

Aos demais professores, colegas e amigos que contribuíram e somaram de maneiras diversas durante este processo.

Aos familiares que me deram o apoio necessário durante o período desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro dispendido para a realização da pesquisa.

RESUMO

MATTOS, André S. *A tendência à estabilidade de Fechner na obra de Freud*. 2025. 163f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

Este trabalho consiste em um exame da relação entre as obras de Sigmund Freud e Gustav Fechner, a partir do conceito fechneriano de tendência à estabilidade, que é incorporado na obra de Freud em 1920, em *Além do princípio do prazer*. O princípio da tendência à estabilidade havia sido formulado por Fechner em 1873, no livro *Algumas ideias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos*, tendo sido concebido como um princípio físico, segundo o qual todo sistema material isolado caminhará para estados cada vez mais estáveis. Este princípio agiria nos organismos tendo como efeito tanto os ciclos estáveis da vida quanto a estabilidade do repouso inorgânico. Freud, por sua vez, o insere em sua obra tomando-o como a base do seu princípio da constância, que, junto ao princípio do prazer, será por ele entendido como expressão da pulsão de morte. Somando-se a isso o fato de que Fechner entende a estabilidade e o prazer como as manifestações física e psíquica de um mesmo processo, tem-se aí uma interessante e notável coincidência entre os dois autores, que alinham em suas teorias estabilidade, morte e prazer. Por outro lado, encontramos uma importante divergência entre a tendência à estabilidade e os princípios de regulação das quantidades de excitação, bem como entre as concepções de prazer dos dois autores, pontos em que reside a associação tecida explicitamente por Freud. Enquanto em Freud se coloca em primeiro plano uma concepção quantitativa, a estabilidade e o prazer em Fechner possuem um caráter mais essencialmente qualitativo. O tema da repetição, que aparece de alguma forma nos dois autores, parece ser ainda mais divergente, já que a repetição cíclica, característica da estabilidade fechneriana, não está representada no conjunto dos fenômenos que integram a compulsão à repetição de Freud. Mesmo o ponto de maior coincidência ou compatibilidade teórica, porém, que é a convergência entre tendências que levam à estabilidade, à morte e ao prazer, não parece permitir uma integração teórica rigorosa, se consideradas as especificidades destes conceitos em cada autor.

Palavras-chave: Freud, Fechner, tendência à estabilidade, morte, prazer.

ABSTRACT

MATTOS, André S. *Fechner's tendency to stability in Freud's work*. 2025. 163f. Thesis (Doctorate in Philosophy) — Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

This work consists of an examination of the relationship between the works of Sigmund Freud and Gustav Fechner, based on Fechner's concept of the tendency to stability, which is incorporated into Freud's work in 1920, in *Beyond the pleasure principle*. The principle of the tendency to stability had been formulated by Fechner in 1873, in the book *Some ideas on the history of creation and development of organisms*, having been conceived as a physical principle, according to which every isolated material system would move towards increasingly stable states. This principle would act on organisms, resulting in both the stable cycles of life and the stability of inorganic rest. Freud, in turn, inserts it in his work, taking it as the basis of his principle of constancy, which, along with the pleasure principle, will be understood by him as an expression of the death drive. Adding to this the fact that Fechner understands stability and pleasure as the physical and psychical manifestations of the same process, we have there an interesting and remarkable coincidence between the two authors, who align stability, death and pleasure in their theories. On the other hand, we find an important divergence between the tendency to stability and the principles of regulation of the quantities of excitation, as well as between the conceptions of pleasure of the two authors, where the association explicitly woven by Freud resides. While in Freud a quantitative conception is placed in the foreground, stability and pleasure in Fechner have a more essentially qualitative character. The theme of repetition, which appears in some way in both authors, seems to be even more divergent, as the cyclical repetition characteristic of Fechnerian stability is not represented in the set of phenomena that make up Freud's repetition compulsion. Even the point of greatest coincidence or theoretical compatibility, however, which is the convergence between tendencies leading to stability, death and pleasure, does not seem to allow for a rigorous theoretical integration, if we consider the specificities of these concepts in each author.

Keywords: Freud, Fechner, tendency to stability, death, pleasure.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Fechner e a tendência à estabilidade	21
1.1. O princípio da tendência à estabilidade	27
1.1.1. O princípio no universo	27
1.1.2. Vida, morte e finalidade.....	34
1.1.3. A psicofísica do prazer.....	38
1.2. Concepção, origem e evolução da vida.....	49
1.2.1. Estados moleculares orgânico e inorgânico	53
1.2.2. Do estado cosmorgânico ao estado molecular-orgânico.....	59
1.2.3. O processo de diferenciação do sistema cosmorgânico	63
2. Freud em torno da tendência à estabilidade	70
2.1. Os princípios de regulação das excitações	71
2.1.1. A gestação da constância (1892-1894)	71
2.1.2. Breuer e o princípio da constância (1895)	76
2.1.3. Descarga e constância no <i>Projeto</i> de 1895	81
2.1.4. Descarga e inibição: a omissão da constância (1899-1915)	84
2.1.5. O retorno da constância (1920-1923)	91
2.1.6. Qualidade e prazer (1924)	95
2.2. Pulsão e repetição, morte e vida	99
2.2.1. A compulsão à repetição na vida psíquica	99
2.2.2. Biopsicologia do trauma	104
2.2.3. Pulsão, repetição e morte	107
2.2.4. Vida e repetição	111
2.2.5. Eros e Tânatos	113
3. Fechner e Freud: análise teórica comparativa	120
3.1. Quantidade e qualidade	121

3.2. Estabilidade, morte e prazer	132
3.3. Vida e relação	143
3.4. A “repetição” e seus diversos sentidos	150
Considerações finais	154
Referências bibliográficas.....	157

INTRODUÇÃO

Entre os autores aos quais Sigmund Freud faz referência em suas obras, Gustav Theodor Fechner ocupa um lugar bastante singular, sendo referido com notável apreço. “Sempre fui receptivo às ideias de G. T. Fechner, e apoiei-me nesse pensador em alguns aspectos [*Punkte*] importantes”¹, diz-nos Freud em 1925, em sua apresentação autobiográfica, numa passagem onde aborda a sua relação com a filosofia².

Boa parte dos comentadores que abordaram a relação entre os dois autores reverbera as palavras de Freud, ressaltando o papel de Fechner na formação do seu pensamento. Assoun, por exemplo, ao comentar a referida passagem, acentua a sua importância, dizendo haver aí “o signo de uma filiação epistemológica que funda o privilégio concedido a Fechner”, se levarmos em conta que “o reconhecimento de paternidade é raro e precioso sob a pena de Freud”³; Fechner representa toda uma história teórica, diz ainda o autor, de modo que o seu significado para Freud se daria “não como afinidade pessoal, mas como modelo epistêmico”⁴. Duas apreciações mais precoces da relação entre Freud e Fechner foram feitas por Hermann e Dorer. O primeiro considera que “traços do pensamento psicanalítico”⁵ estão presentes nas ideias de Fechner, que conteriam precursores da energética e da dinâmica freudianas, a acentuação da importância das pulsões, dos conflitos e do princípio do prazer, enquanto Dorer vê “concordâncias não negligenciáveis nos conceitos fundamentais importantes”⁶ nas teorias dos dois autores. De acordo com Ellenberger, a própria existência de parte significativa das ideias de Freud estaria condicionada à influência de Fechner: “Uma grande parte do arcabouço teórico da psicanálise”, afirma, “dificilmente teria surgido sem as especulações do homem a quem Freud chamava o

¹ FREUD, “Selbstdarstellung”, 1925, GW 86, CdL 148. Tradução de P. C. de Souza. Faremos referência aqui às obras de Freud citando a edição ou editora, como *Gesammelte Werke* (GW), *Studienausgabe* (SA), *Amorrotu Editores* (AE) e *Companhia das Letras* (CdL), seguida pelo número da página. A referência completa de cada volume citado está nas referências bibliográficas listadas ao fim do trabalho.

² Fechner aparece aqui entre os três únicos nomes próprios mencionados, sendo os outros dois Schopenhauer e Nietzsche. Apenas a Fechner é atribuído, contudo, algo como uma influência direta.

³ ASSOUN, *Introduction à l'épistémologie freudienne*, 1981, pp. 155-6. Tradução nossa.

⁴ ASSOUN, *Introduction à l'épistémologie freudienne*, 1981, p. 150. Tradução nossa.

⁵ HERMANN, *Gustav Theodor Fechner*, 1926, p. 58. Tradução nossa.

⁶ DORER, *Bases historiques de la psychanalyse*, 2012 [1932], p. 121. Tradução nossa.

grande Fechner”⁷. No mesmo sentido, Nitzschke afirma que a influência de Fechner não se limita a aspectos particulares das ideias de Freud, incidindo sobre o “fundamento no qual se edifica um intrincado sistema, no interior do qual se pode seguir os múltiplos rebentos dos pensamentos fechnerianos”⁸. Em franca oposição às opiniões acima elencadas, porém, Riepe defende que “a influência de Fechner sobre Freud é um mito de história da recepção”⁹, e que, em alguma medida, o uso que Freud faz dos conceitos de *princípio do prazer* e *outro cenário* “não apenas não tem nada em comum com os conceitos de Fechner, mas implica em sua direta refutação”¹⁰.

Ellenberger, ao fazer uma apresentação geral das relações entre Fechner e Freud, especifica cinco pontos onde identifica convergências entre as ideias dos dois autores¹¹: 1) o conceito de energia mental; 2) a concepção espacial da mente — que Freud formula tomando como inspiração a passagem de *Elementos da psicofísica* onde Fechner fala que os sonhos ocorreriam em um outro cenário; 3) o princípio do prazer — que é formulado por Fechner no livro *Sobre o bem supremo*¹² e no artigo “Sobre o princípio do prazer do agir”¹³, como um grande princípio psicológico e moral; 4) o princípio da constância de Freud e o princípio da tendência à estabilidade de Fechner — que são relacionados ainda por seus autores ao princípio do prazer; 5) e, por fim, o que Ellenberger denomina de princípio de repetição em Fechner e a compulsão à repetição em Freud.

Antes de chegar a Freud, Fechner exerceu influência em autores de diversos campos, como Ewald Hering, Ernst Mach, Joseph Petzoldt e Charles Sanders Peirce. Josef Breuer, cuja cooperação com Freud entre os anos de 1882 e 1895 foi decisiva para o desenvolvimento da psicanálise, também foi muito influenciado por Fechner, talvez através de Hering, de quem foi aluno¹⁴. Tendo isso em mente, poderíamos nos sentir tentados a traçar uma linhagem intelectual Fechner-Hering-Breuer-Freud, a qual pode ter existido enquanto linha de influências, mas seria

⁷ ELLENBERGER, *The discovery of the unconscious*, 1970, p. 218. Tradução nossa.

⁸ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, p. 94. Tradução nossa.

⁹ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, p. 757. Tradução nossa.

¹⁰ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, p. 758. Tradução nossa.

¹¹ ELLENBERGER, “Fechner and Freud” [1956], 1993.

¹² FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846.

¹³ FECHNER, “Ueber das Lustprincip des Handelns”, 1848. Freud e Fechner usam o mesmo termo, havendo diferença apenas na grafia, que em Freud aparece como *Lustprinzip*. A forma utilizada quase sempre por Fechner, também no termo isolado *Princip*, era a ortografia dominante de sua época, da qual também decorrem diferenças, em relação à ortografia alemã atual, em outros termos por ele utilizados.

¹⁴ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, pp. 266-7.

provavelmente uma explicação simplista para a influência que Fechner teve sobre Freud, já que este já tinha ao menos algum conhecimento sobre Fechner antes de conhecer Breuer¹⁵.

A primeira menção que Freud faz a Fechner, segundo Riepe¹⁶, está em uma carta a Eduard Silberstein de outubro de 1874, quando Freud possuía ainda 18 anos, e pede que o seu amigo lhe conte sobre as conferências de Fechner, já que Silberstein estava estudando em Leipzig, onde Fechner residiu e atuou, desde os 16 anos, até o fim da vida¹⁷. Em 8 de novembro do mesmo ano, Freud escreve novamente ao amigo, reafirmando o seu interesse em um relato das conferências de Fechner¹⁸, o que sugere que a primeira solicitação não deve ter sido atendida. Em 10 de agosto de 1879, por fim, quase cinco anos depois, escreve dizendo que estava lendo “algumas obras menores de Fechner, um grande filósofo e homem espirituoso”¹⁹.

Em 1895, no grande esboço de uma psicologia científica que enviou ao seu amigo Wilhelm Fliess, Freud menciona a famosa lei psicofísica que leva o nome de Fechner, segundo a qual a variação da magnitude da sensação relativa a um estímulo se dá como uma função do logaritmo da intensidade do estímulo. Ao se perguntar se a quantidade de excitação que flui pelos neurônios perceptivos ϕ é transferida de maneira proporcional aos neurônios ψ , Freud responde que cada neurônio ψ sempre recebe uma quantidade aproximadamente igual dos neurônios ϕ , de modo que o aumento da quantidade resultaria em mais neurônios ψ ocupados, através de ramificações, e não na ocupação de um neurônio com quantidades maiores. Se 1Q em ϕ ocupa um neurônio ψ , por exemplo, 3Q em ϕ ocuparia três neurônios ψ , cada um com 1Q. Ao

¹⁵ Além de Breuer, Fechner influenciou duas outras figuras que foram referências importantes na formação universitária de Freud, os professores Ernst Brücke e Theodor Meynert (DORER, *Bases historiques de la psychanalyse*, 2012 [1932], p. 169), o que reforça a ideia de que a difusão da influência de Fechner era mais ampla e agiu sobre Freud por fontes mais diversas, que não se restringiam a Breuer.

¹⁶ Cf. RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, pp. 757-8.

¹⁷ “Numa aula de Brentano me lembrei que tinhas a intenção de ouvir as preleções do Fechner, pelo que te peço que me escrevas sobre o quê está falando e de que maneira” (FREUD, *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*, 1995, p. 86).

¹⁸ “Se estiveres ouvindo as preleções do Fechner e ficares conhecendo argumentos interessantes, teria prazer em tomar conhecimento deles e espalhá-los noutros círculos” (FREUD, *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*, 1995, p. 90).

¹⁹ FREUD, BOEHLICH (org.), *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*, 1995, p. 204.

que Freud afirma que isto “recorda muito as relações da lei de Fechner, que de tal modo ficaria localizada”²⁰.

Poucos anos depois, enquanto escrevia o seu livro sobre os sonhos e adentrava a literatura sobre o assunto, Freud menciona Fechner em uma carta enviada a Fliess, em 9 de fevereiro de 1898, referindo-o como o autor da única ideia de valor sobre o tema:

Estou profundamente imerso no livro dos sonhos, escrevendo-o com fluência, e gosto da idéia de todas as “cabeças balançando” por causa das indiscrições e ousadas que contém. Se ao menos não fosse necessário ler tanto! Já estou farto da escassa literatura que existe. A única idéia sensata ocorreu ao velho Fechner, em sua sublime simplicidade: o processo do sonho se desenrola num território psíquico diferente. Farei um relato sobre o primeiro mapa grosseiro desse território.²¹

Na carta enviada a Fliess em 6 de dezembro de 1896 — logo, mais de um ano antes da carta citada acima —, Freud já havia formulado uma representação esquemática do psiquismo bem semelhante àquela que apareceria em *A interpretação dos sonhos*, contendo, entre outras coisas, a distinção capital entre inconsciente e pré-consciente (sob os termos “inconsciência” e “pré-consciência”²²). Não sabemos, portanto, ao que se referiria precisamente este “primeiro mapa” ainda por ser descrito, mas vale notar que, na exposição da concepção do aparelho psíquico publicada pela primeira vez na *Traumdeutung*, que ficaria conhecida posteriormente como a primeira tópica, a ideia de Fechner é citada novamente como algo valioso e prepara o terreno para a inserção do espaço na teorização sobre a psique.

No primeiro capítulo da obra, que contém o resultado do trabalho de revisão da literatura sobre os sonhos do qual Freud se queixara a Fliess, ele afirma: “Ninguém acentuou com mais força a diferença essencial entre a vida onírica e a vida de vigília, nem se valeu dela para tirar conclusões de maior alcance, do que G.T. Fechner em algumas das observações de seus

²⁰ FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 399, AE 359. Tradução nossa.

²¹ FREUD; MASSON (org.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*, 1986, pp. 299-300.

²² FREUD; MASSON (org.), *A correspondência completa...*, 1986, p. 209.

*Elementos de psicofísica*²³. Ele então expõe a formulação, a qual é retomada no capítulo 7: “No contexto de algumas discussões dedicadas ao sonho, o grande Fechner expressa em sua *Psicofísica* [...] a hipótese de que *a cena* [Schauplatz] *dos sonhos é distinta daquela da vida representacional de vigília*”²⁴. Ao que nos parece, como se coloca na sequência do texto, Freud extrai daí a ideia de uma localidade psíquica, proporcionando então o ensejo para a formulação da sua representação espacializada do aparelho psíquico e para a distinção dos sistemas pré-consciente e inconsciente, com a qual se conecta a explicação dos sonhos em geral como a realização disfarçada de um desejo reprimido.

A ideia fechneriana de uma diversidade de cenários psíquicos também é mencionada por Freud em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, em 1905, no contexto da discussão sobre o papel do conceito de inconsciente na explicação dos chistes²⁵, assim como nas *Conferências de introdução à psicanálise*, ministradas entre os anos de 1915 e 1917, no contexto da exposição sobre o sonho²⁶.

É em *Além do princípio do prazer*, contudo, que Freud menciona o princípio da tendência à estabilidade de Fechner e o relaciona à sua teoria, dando forma à questão de pesquisa que consideramos a mais interessante e fecunda na relação entre os dois autores, e que nos propomos aqui a investigar. Nas considerações iniciais da obra, Freud retoma a sua concepção sobre o princípio do prazer, que é definido como uma regulação automática dos processos psíquicos que os direciona de uma incitação desprazerosa para um resultado prazeroso, e relaciona o desprazer a um aumento da quantidade de excitação e o prazer a uma diminuição desta. Afirma então, após ter se queixado da ausência de contribuições teóricas para a questão, que seria digno de nota “o fato de um pesquisador arguto [*ein so tiefblickender Forscher*] como G. T. Fechner sustentar uma concepção de prazer e desprazer que coincide essencialmente com a que nos impôs o trabalho psicanalítico”²⁷, a qual, exposta no livro *Algumas ideias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos*, de 1873, estabelece uma relação entre prazer e desprazer,

²³ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 72, LPM 65. Tradução de R. Zwick.

²⁴ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 512, LPM 563-4. Tradução de R. Zwick.

²⁵ FREUD, *El chiste y su relación con lo inconsciente*, 1905, AE 168. Em contextos diversos do mesmo escrito, Freud ainda cita duas outras obras de Fechner: a *Pré-escola da estética* (*Vorschule der Ästhetik*), sobre a relação dos chistes com o prazer, e o *Pequeno livro de enigmas do Dr. Mises* (*Rätselbüchlein von Dr. Mises*), que contém enigmas baseados na decomposição e recomposição de palavras.

²⁶ FREUD, *Conferencias de introducción al psicoanálisis (Partes I y II)*, 1915-16, AE 81.

²⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 218, AE 8, CdL 163. Tradução de P. C. de Souza.

no lado psíquico, e “condições de estabilidade e instabilidade”²⁸, no âmbito físico. Na sequência, Freud fará uma aproximação entre o princípio do prazer e o princípio da constância, isto é, o empenho do aparelho psíquico em “conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante”²⁹, acrescentando então que este empenho “subordina-se, como caso especial, ao princípio fechneriano da *tendência à estabilidade*”³⁰.

Atendo-se ao texto de Freud, no entanto, não sabemos o que Fechner entende por estabilidade nem o que significa precisamente a sua tendência à estabilidade, e desse modo surge a questão, portanto, de em que medida as noções freudianas de constância e redução das excitações coincidem com o conceito fechneriano de estabilidade, e de que maneira os princípios teóricos e a concepção de prazer dos dois autores podem ser relacionados — o que nos leva à obra de Fechner citada por Freud.

Um intelectual de interesses e produções em campos variados, Fechner transitou pela física, filosofia da natureza, ética e estética experimental, tendo se tornado mais célebre, contudo, pelo desenvolvimento da psicofísica, que lhe concedeu um importante lugar histórico como um dos pioneiros da psicologia experimental. No seu livro de 1873, por sua vez, ele se propõe a fazer uma reavaliação da teoria da evolução de Darwin, mas para isso apresenta diversas ideias, em um escopo mais amplo, que envolvem uma concepção geral da vida e do desenvolvimento dos organismos, onde figura com destaque a tendência à estabilidade, um princípio físico geral que é também relacionado a aspectos da vida psíquica.

Heidelberger identifica, nesta obra de Fechner, cinco ideias principais³¹. A primeira ideia é uma nova definição de vida, que diferencia a matéria viva da matéria inanimada a partir do estado de movimento de suas partículas. Enquanto, nas moléculas inanimadas, as partículas se moveriam apenas em oscilações térmicas, os movimentos das partículas das moléculas orgânicas

²⁸ FECHNER, *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwicklungsgeschichte der Organismen*, 1873, p. 94. Citado em FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 218, AE 8, CdL 164. Tradução nossa.

²⁹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 219, AE 8-9, CdL 164. Tradução de P. C. de Souza.

³⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 219, AE 9, CdL 164. Tradução de P. C. de Souza.

³¹ Cf. HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, pp. 249-55. Heidelberger remete estas ideias de Fechner à influência de Lorenz Oken (1779-1851), um dos representantes da *Naturphilosophie*, a filosofia romântica da natureza que floresceu entre os alemães e que é associada sobretudo ao nome de Friedrich Schelling. Stanley Hall conta-nos que, ao entrar na universidade, Fechner havia se tornado um ateu, “até que ele leu a história natural de Oken, que lhe trouxe súbita e nova luz, e ele se tornou um entusiástico discípulo de Schelling” (STANLEY HALL, “Gustav Theodor Fechner”, 1912, p. 125, tradução nossa).

seriam mais complexos e irregulares, sendo causados por forças internas. A segunda ideia, que aqui nos interessa em especial, é o princípio da tendência à estabilidade, um princípio geral que conecta os movimentos orgânicos e inorgânicos, segundo o qual qualquer sistema fechado ou submetido a influências externas constantes se aproxima progressivamente da estabilidade completa, entendendo por isso um estado em que suas partes retornam periodicamente às mesmas posições e relações. Fechner usa o Sistema Solar para ilustrar a ideia de estabilidade aproximada, na qual o sistema retorna periodicamente, de modo aproximado, ao mesmo estado. O princípio também teria validade aproximada em sistemas abertos, como os organismos vivos, onde se pode observar certas periodicidades, como no ciclo do sono, no sistema circulatório etc. Com o envelhecimento do organismo, seus estados de movimento se tornariam cada vez mais inorgânicos e estáveis, até que o organismo inteiro sucumba a um estado inorgânico. A terceira ideia é o princípio da diferenciação relacional³², segundo o qual a “origem e desenvolvimento de novas espécies ocorre, na maior parte, para aumentar a estabilidade mútua de organismos”³³, o que seria complementado pela diferenciação fortuita, isto é, aquilo que Darwin chamava de variação, e pela luta pela sobrevivência, sendo esta última rebaixada a um papel secundário. A quarta ideia é uma inversão da concepção usual sobre a origem da vida, segundo a qual os organismos surgiram a partir da matéria inorgânica: para Fechner, pelo contrário, o universo inicialmente se encontrava “em um estado comparável a um estado orgânico”³⁴, chamado por ele de estado “cosmorgânico”, e ao longo do tempo foram se desenvolvendo gradualmente estados orgânicos e, por fim, estados inorgânicos, de acordo com a tendência à estabilidade. A quinta e última ideia, por sua vez, remete à visão psicofísica de Fechner, que entende como idênticos o físico e o psíquico, atribuindo ao primeiro a manifestação externa e ao segundo a manifestação interna de um mesmo processo. A ideia aqui desenvolvida é que o princípio da tendência à estabilidade é o lado físico de algo que se expressa psiquicamente como uma tendência ao prazer: “cada organismo e o mundo como um todo perseguem a meta de alcançar o estado de

³² A tradução do livro de Heidelberger verte *bezugsweise Differenzierung* por *relative differentiation*. Preferimos o adjetivo “relacional” a “relativa”, por expressar de modo mais patente a ideia de relação.

³³ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 252. Tradução nossa.

³⁴ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 253. Tradução nossa.

maior prazer possível para si mesmos”³⁵. Com isso, Fechner entende combinar a causalidade mecânica com a teleologia, reconciliando esta última com a ciência de seu tempo.

A articulação do princípio da tendência à estabilidade com a teoria freudiana, feita inicialmente em *Além do princípio do prazer*, aproxima, como já apontamos, o princípio fechneriano ao princípio da constância e ao princípio do prazer. Estes princípios, por sua vez, têm uma longa história na obra de Freud, que remete aos primórdios da psicanálise. No contexto da explicação teórica da histeria, entre 1892 e 1895, têm origem as primeiras menções a um princípio da constância; no *Projeto* de 1895 teremos a formulação do princípio da inércia neuronal e de uma tendência ao prazer; e em vários outros textos que se seguem encontraremos definições, nem sempre precisas, seja de uma tendência à descarga de excitações ou à sua constância, e do próprio princípio do prazer.

Em 1920, além da inserção teórica do princípio fechneriano, a reformulação da teoria das pulsões que ali terá lugar trará ainda dois outros conceitos que adquirem para nós considerável importância: os de pulsão de morte e compulsão à repetição. Após examinar um conjunto de fenômenos que exibiam uma compulsão à repetição que estaria “além do princípio do prazer”, isto é, que seria mais primária que ele, Freud avança para supor que o esforço pela repetição seria uma característica geral das pulsões ou da vida orgânica, e que o início da vida teria trazido com ela um ímpeto a retornar ao estado inorgânico, constituindo assim a pulsão de morte como um patrimônio perene dos organismos vivos, enquanto as pulsões de vida englobariam aquilo que Freud antes designava como pulsão sexual e pulsão do eu.

E a tendência à estabilidade de Fechner, na medida em que considera o estado inorgânico mais estável que o orgânico, parece representar também uma tendência da vida em direção à morte, enquanto o seu conceito de estabilidade engloba, de alguma maneira, a ideia de repetição — o retorno periódico das partículas em movimento de um sistema às suas posições iniciais³⁶. A afirmação de Freud, em *Além do princípio do prazer*, de que o princípio da constância (ou princípio do Nirvana) estaria a serviço da pulsão de morte³⁷ já poderia sugerir a intenção de realizar uma conexão teórica entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte, já que ambas

³⁵ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 254. Tradução nossa.

³⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873.

³⁷ Cf. FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 270, AE 60, CdL 237.

estariam na origem daquele princípio, e esta possibilidade é certamente reforçada quando entramos em contato direto com a obra de Fechner.

A apreciação da relação entre a tendência à estabilidade de Fechner e a obra de Freud por parte dos comentadores é bastante diversa, apontando tanto aproximações quanto divergências. “Os princípios fundamentais da energética freudiana”, segundo Assoun, “derivam diretamente da energética fechneriana”, restando esclarecer apenas “como Freud especifica o princípio de estabilidade em princípio de constância-inércia”³⁸. Laget sublinha o papel de Fechner em *Além do princípio do prazer*, afirmando que *Algumas ideias...* fornece ali “um quadro de pressupostos e, digamos, um quadro imaginário, entre eles intrincados”³⁹; afirma que “há afinidade entre *Einige Ideen* e ‘Além do princípio do prazer’ enquanto meditação sobre a morte, a finalidade, o progressismo [*progressisme*]”⁴⁰, dizendo ainda que o conceito freudiano de pulsão de morte é embasado na tendência à estabilidade de Fechner. Nitzschke, num sentido semelhante, retira, ao menos em parte, o caráter de novidade da hipótese freudiana da pulsão de morte ante as ideias formuladas anteriormente por Fechner⁴¹. E, segundo Heidelberg, a dualidade de processos que encontramos em Oken (individualização e universalização) e em Fechner (movimento espontâneo e tendência à estabilidade) apareceria apenas “ligeiramente modificada”⁴² na distinção de Freud entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Heidelberg afirma, porém, que, apesar de Freud ter defendido que a visão de Fechner sobre o prazer e a dor é basicamente a mesma que aquela a que ele chegou com o trabalho psicanalítico, há uma diferença entre as duas visões, já que, para Fechner, o prazer não estaria relacionado à redução de excitação, mas à aproximação a estados de estabilidade; diz que Freud talvez tenha suposto que “todo aumento na estabilidade de um movimento é acompanhado por uma redução da quantidade de excitação”⁴³, mas que essa não seria uma ideia de Fechner. Um esforço para resolver esse problema, segundo Simanke, encontrar-se-ia na observação de Freud de que o prazer e o desprazer estariam relacionados ao ritmo de variação da intensidade da

³⁸ ASSOUN, 1981, p. 152. Tradução nossa.

³⁹ LAGET, *Freud et le temps*, 1995, p. 105. Tradução nossa.

⁴⁰ LAGET, *Freud et le temps*, 1995, p. 106. Tradução nossa.

⁴¹ Cf. NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, p. 86.

⁴² HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 265.

⁴³ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 265. Tradução nossa.

excitação⁴⁴. Ellenberger, apesar de mencionar uma convergência entre o princípio fechneriano e a compulsão à repetição de Freud, aponta também que haveria uma diferença entre as duas concepções, pois, para Freud, a compulsão à repetição origina uma tendência mortífera de retorno ao inorgânico, o que, segundo ele, não estaria presente na obra de Fechner⁴⁵. Riepe, que, por sua vez, procura destacar de modo enfático as divergências entre os dois autores, afirma que, em *Além do princípio do prazer*, “Freud concebe especulações filosóficas naturais [*naturphilosophisch*] que, contudo, [...] estão diametralmente contrapostas às de Fechner”⁴⁶.

Partindo desse panorama inicial, desenvolveremos a exposição, para basear e formular o nosso posicionamento sobre a questão, do seguinte modo: em um primeiro momento, realizaremos uma investigação precisa do significado do princípio da tendência à estabilidade no interior da obra de Fechner, examinando também aspectos teóricos relacionados, como a sua concepção de vida; em um segundo momento, faremos uma incursão na obra de Freud para analisar, de maneira detalhada, os princípios teóricos que podem ser relacionados ao princípio fechneriano; em um terceiro momento, por fim, empreenderemos uma análise comparativa entre a tendência à estabilidade de Fechner e o conjunto teórico freudiano que pretende acomodá-la, buscando examinar onde as ideias dos dois autores se aproximam e se afastam, e em que medida esta relação ou conjunção teórica pode ser bem estabelecida.

Consideramos este trabalho como predominantemente histórico, no sentido de que consiste no exame de ideias passadas, não envolvendo a criação ou proposição teórica, senão na medida em que for necessário preencher as lacunas das teorias dos autores, onde a interpretação se torna mais incisiva e passa a se confundir em maior medida com a construção — o que é mais fácil de evitar, caso assim seja desejado, quando se analisa a obra de um único autor. O exercício da comparação teórica também ultrapassa o trabalho de interpretação que o precede, mas não adquire o caráter propositivo. Em alguma medida, cremos também que o nosso trabalho poderia ser considerado histórico-filosófico, por tratar primordialmente do domínio teórico ou ontológico — entendido, no sentido amplo, como a representação da realidade —, onde teorias filosóficas e científicas podem ser articuladas, e onde por vezes é mesmo difícil distingui-las. Nesse sentido,

⁴⁴ SIMANKE, “Fontes científicas”, 2020, p. 377.

⁴⁵ ELLENBERGER, “Fechner and Freud” [1956], 1993.

⁴⁶ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, p. 761.

de modo mais particular, estamos também no domínio da história da psicanálise — e, de todo modo, no campo mais geral da história das ideias.

1. FECHNER E A TENDÊNCIA À ESTABILIDADE

Fechner nasceu em 1801, no povoado de Groß Särchen, então pertencente ao Eleitorado da Saxônia⁴⁷. Filho de um pastor, esperava-se que ele também ingressasse no clero. Com a morte de seu pai, em 1806, ele saiu de sua cidade natal para morar com um tio materno. Após ter morado em diferentes cidades durante a infância e a adolescência, iniciou aos 16 anos os estudos de medicina na Universidade de Leipzig, na cidade onde permaneceria até o fim da vida.

Insatisfeito com a qualidade dos cursos a que ali assistiu, ele registrou apenas duas exceções, sendo uma delas as aulas do professor de anatomia e fisiologia Ernst Heinrich Weber, cujos estudos posteriores sobre a mínima diferença discernível entre dois estímulos⁴⁸ seriam fundamentais para a lei psicofísica que seria formulada décadas depois por Fechner. A insatisfação com o curso de medicina, contudo, se somava ao reconhecimento de que ele mesmo não possuía o talento necessário para a prática médica, constatando assim que havia feito uma má escolha. O pouco apreço de Fechner pela medicina de seu tempo foi por ele expresso em escritos que a satirizavam, publicados ainda na época em que era estudante, sob o pseudônimo Dr. Mises⁴⁹. Ainda assim, Fechner concluiu seus estudos, tendo levado de sua formação universitária a perda de sua fé religiosa e uma fascinação pela ciência natural, além de algumas influências com as quais ali teve contato e que, de acordo com Heidelberger, ajudaram a formar o seu pensamento posterior, como as filosofias da natureza de Oken e Schelling, a psicologia filosófica de Herbart, a atitude romântica em relação à natureza e à vida, bem como a filosofia do idealismo tardio pós-hegeliano.

Fechner relata que seus estudos em medicina o levaram a uma visão de mundo ateuista e mecanicista, até que, em fevereiro de 1820, teve contato com a filosofia da natureza de Oken, a qual lançou ao mundo uma nova luz e o deixou fascinado, ainda que ele não a tenha entendido

⁴⁷ Sobre as informações biográficas que seguem, ver HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004.

⁴⁸ A “lei de Weber”, como Fechner a chamava, estabelece que “a menor distinção discernível entre dois pesos, dois comprimentos ou dois sons pode ser expressa como uma razão invariável entre aqueles pesos etc., independentemente das magnitudes dos pesos e comprimentos ou da intensidade dos sons” (HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 20, tradução nossa).

⁴⁹ Os primeiros livros publicados sob este pseudônimo apareceram entre 1821 e 1825. O nome do verdadeiro autor por trás do pseudônimo era conhecido ao menos desde 1830, quando foi publicado em um dicionário de pseudônimos, como apontou Gundlach (“Dr. Mises and Mr. Fechner”, 1986).

com muita clareza. Em seguida, começou a estudar Schelling e outros filósofos da natureza, afirmando que, ainda devido à obscuridade, teve dificuldade em encontrar uma clara convergência com a teoria da identidade de Schelling, sentindo ainda que ele mesmo poderia dar a sua contribuição.

A filosofia da natureza que se desenvolve no começo do século XIX, de acordo com Heidelberger, tem sua origem na tentativa de superar o dualismo engendrado pela separação entre fenômeno e númeno realizada por Kant em 1781, na *Crítica da razão pura*. Schelling prefere entender a natureza não como algo que por acaso converge com as leis da mente, mas como aquilo que necessariamente expressa e realiza a mente, afirmando uma identidade absoluta entre natureza e mente, concebidas como o exterior e o interior, o visível e o invisível: “A natureza deve ser a mente visível, a mente deve ser a natureza invisível”⁵⁰. A natureza estaria em um constante processo de criação e evolução, entendido como o desenvolvimento da mente. Desse modo, a filosofia da natureza substituiria a visão do mundo como um mecanismo sem alma, disseminada desde a física newtoniana, pela imagem de um organismo animado.

Lorenz Oken elaborou de maneira consistente uma filosofia da natureza nessa linha. Ainda que não tenha concebido uma teoria da evolução orgânica que envolvesse a transformação de uma espécie em outra, ele chegou a afirmar que “organismos de ordem superior originaram-se espontaneamente do ‘muco primevo [*primeval slime*]’ orgânico”⁵¹. Oken inicia o seu *Livro didático da filosofia da natureza (Lehrbuch der Naturphilosophie)*, de 1809, afirmando que a filosofia da natureza “é a ciência da própria transformação eterna de Deus no interior do mundo”⁵², devendo expor o desenvolvimento do mundo, desde o seu início até o surgimento da vida orgânica e da razão humana. Sua filosofia da natureza é constituída de três partes: uma doutrina do todo ou de Deus (*mathesis*), uma doutrina dos particulares ou da individualização da matéria (*ontologia*) e uma doutrina sobre a ação do todo nos indivíduos, isto é, sobre a vida orgânica (*pneumatologia* ou *biologia*). O todo, de acordo com Oken, possui um lado real e material, caracterizado pela diversidade, e um lado ideal e imaterial, caracterizado pela unidade (Deus). Os dois lados, contudo, seriam idênticos, ao passo que a realidade seria criada a partir de um ato de autoconsciência de Deus, como a sua manifestação. Este ato daria origem a uma

⁵⁰ SCHELLING apud HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 22. Tradução nossa.

⁵¹ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 23. Tradução nossa.

⁵² OKEN apud HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 23. Tradução nossa.

polaridade dinâmica, que seria a causa de todo movimento no mundo, sendo assim rejeitada uma explicação puramente mecânica. Oken ainda formulou uma teoria embriológica da recapitulação, e a sua ideia de um “muco primevo”, contendo “bolhas” que seriam as unidades mínimas da vida, teria preparado o caminho para a teoria do protoplasma e a teoria celular. O sistema da filosofia da natureza de Oken, contudo, transforma o idealismo em um monismo materialista, na medida em que Deus é identificado a uma parte da matéria, a saber, o éter, tendo este aspecto “pagão” da filosofia da natureza exercido significativa influência no materialismo filosófico do século XIX.

Este “paganismo” de Oken, de acordo com Heidelberger, sobreviverá no pensamento de Fechner, o qual, em 1823, obteve a sua *Promotion* para doutor em filosofia em Leipzig, com uma tese que tinha como meta prover uma teoria geral dos organismos⁵³. Ele havia decidido dedicar sua carreira à filosofia da natureza e pretendia ensinar as filosofias de Schelling e Oken, mas logo passou a nutrir dúvidas em relação a elas. As primeiras dúvidas em relação à filosofia da natureza foram nele suscitadas pelas conferências de E. H. Weber, e, após frustrar-se com os resultados do intenso esforço que dedicou à área, terminou por abandoná-la. A isso se somou a necessidade de se manter financeiramente, o que o levou a se dedicar sobretudo à escrita e tradução de obras científicas, onde se destaca a tradução dos livros de Biot e Thénard, tendo produzido, entre 1822 e 1838, entre 1.500 e 2.000 páginas por ano. Contudo, ainda que retornando ao materialismo, Fechner considerou que, do seu contato com a filosofia da natureza, permaneceram traços e efeitos em seus escritos posteriores. Algumas das obras satíricas que publicou no período como Dr. Mises buscavam ainda aliviar a tensão entre a ciência natural e o materialismo, de um lado, e a filosofia da natureza e a religião, do outro.

A partir do inverno de 1823-24, Fechner ministrou cursos de fisiologia na faculdade de medicina e a ele foi concedida uma cadeira temporária na Universidade de Leipzig. Depois disso, continuou dando aulas não remuneradas nas áreas de física e química. No ano de 1827, ficou três meses em Paris com uma bolsa concedida pelo governo da Saxônia, tendo encontrado ali Biot, Thénard e Ampère. Entre 1831 e 1834, atuou como professor extraordinário (*außerordentlicher Professor*) e, a partir de 1834, assumiu por fim o posto de professor ordinário (*ordentlicher*

⁵³ UNIVERSITÄT LEIPZIG, “Gustav Theodor Fechner”, sem data (a). No mesmo ano, ele obteve a sua *Habilitation* para lecionar física.

Professor) de física⁵⁴. Em 1835, montou o primeiro instituto de física da Alemanha, planejado pelo seu antecessor no cargo. Fechner conduziu pesquisas sobretudo no campo da eletricidade, dando algumas contribuições importantes na área, além de desenvolver um modelo atômico planetário e uma concepção material baseada nos átomos e na força de atração. Realizou ainda estudos sobre fenômenos óticos subjetivos que influenciaram pesquisadores posteriores, incluindo Helmholtz. O seu trabalho na área das ciências exatas o levou a desacreditar ainda mais da filosofia da natureza e acentuar a importância da matemática para o conhecimento científico. As suas traduções de obras dos cientistas franceses, que foram pioneiros na ampliação da matematização das ciências, contribuíram tanto para formar a sua própria opinião, quanto para fomentar esta tendência na ciência alemã, onde se estabeleceria apenas mais tarde.

Contudo, a carga de trabalho como professor de física e conflitos emocionais levaram Fechner gradualmente a uma crise psicológica que, ao fim de 1839, o fez interromper suas atividades de ensino. Concomitantemente, os experimentos que vinha realizando sobre fenômenos visuais lhe provocaram graves perturbações na visão, já que envolviam, por exemplo, olhar diretamente para o Sol através de uma lente colorida. Seus olhos ficaram tão sensíveis à luz que ele, por fim, “vendou seus olhos e se diagnosticou como cego” e, em 1841, “perdeu todo o apetite e se emaciou até o ponto em que não conseguia mais ficar em pé”⁵⁵. A sua doença experimentou diversas oscilações, tendo atingido o seu ápice em agosto de 1843 e, dois meses depois, Fechner vivenciou uma melhora repentina, “acompanhada de uma fase maníaca e de megalomania”⁵⁶, na qual acreditava que Deus o havia escolhido para realizar coisas extraordinárias e o mundo lhe aparecia sob uma nova luz, revelando os seus enigmas. Aos poucos a fase maníaca também cedeu, mas de sua doença persistiram ainda “dificuldades visuais e dores de cabeça periódicas”⁵⁷.

Em 1846, Fechner pediu permissão ao Ministério da Cultura para passar a ensinar filosofia ao invés de física, apresentando para isso duas justificativas: “nem meus olhos conseguem tolerar a observação penetrante, nem minha mente consegue tolerar o pensamento

⁵⁴ UNIVERSITÄT LEIPZIG, “Gustav Theodor Fechner”, sem data (a).

⁵⁵ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 48. Tradução nossa.

⁵⁶ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 49. Tradução nossa.

⁵⁷ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 49. Tradução nossa.

matemático”⁵⁸. Assumiu, desse modo, ainda nesse mesmo ano, o cargo de professor ordinário de *Naturphilosophie*, no qual permaneceria até 1875⁵⁹. Livre da sua obrigação como professor de física, Fechner pôde se dedicar a temas filosóficos e científicos de seu interesse. Atendo-se em sua primeira fase naturalmente a cursos sobre física, a partir de 1846 os temas de seus cursos versam predominantemente sobre a filosofia da natureza e a relação entre mente e corpo. Há de início alguns cursos sobre ética e em seguida alguns sobre antropologia. A partir de 1857, vemos surgir os cursos sobre a psicofísica experimental e, a partir de 1864, sobre a estética. O último curso sobre filosofia da natureza é de 1861, e daí em diante a psicofísica e a estética são os temas dominantes⁶⁰.

Em 1846, logo no início de sua retomada, ele publica *Sobre o bem supremo*, obra na qual “esboçou uma ética naturalista e tentou tirar algumas conclusões éticas da sua doutrina da imortalidade”⁶¹. Nesta obra, Fechner busca determinar o mais alto princípio ético segundo o qual os seres humanos deveriam se orientar. Denominando-o como “princípio do prazer” (*Lustprincip*), formula-o da seguinte forma: “*O ser humano deve, tanto quanto lhe for possível, tentar levar o maior prazer [Lust], a maior felicidade [Glück] para o mundo em geral; tentar levá-lo para o todo do tempo e do espaço*”⁶². E complementa: “Diminuir o desprazer [*Unlust*], porém, é equivalente ao aumento do prazer”⁶³. Dois anos depois, ele publica “Sobre o princípio do prazer do agir”, onde se dedica a uma descrição psicológica mais detida do prazer na motivação real da ação humana e a defender-se das críticas à publicação de 1846, em especial a crítica de Ulrici, que era um dos editores do periódico onde o artigo foi publicado⁶⁴. A crítica contrapunha ao princípio do prazer o princípio do amor, sobretudo o amor a Deus, o que Fechner considerava se tratar apenas de uma disputa de palavras, defendendo que o seu princípio do

⁵⁸ FECHNER apud HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 49. Tradução nossa.

⁵⁹ UNIVERSITÄT LEIPZIG, “Gustav Theodor Fechner”, sem data (a).

⁶⁰ UNIVERSITÄT LEIPZIG, “Fechner, Gustav Theodor”, sem data (b).

⁶¹ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 51. Tradução nossa. Em 1836, Fechner publicara *O livreto da vida após a morte (Das Büchlein vom Leben nach dem Tode)*, sob o pseudônimo Dr. Mises. Heidelberg aponta que a questão da imortalidade era assunto de acalorado debate, na época, entre o idealismo tardio e o hegelianismo, e que Fechner parece tentar compatibilizar a ideia de continuação pessoal do idealismo tardio com a visão de homem naturalista. A ideia geral defendida por Fechner é a de que a alma sobrevive à morte do corpo através dos efeitos que ela produziu no mundo material durante a vida corporal.

⁶² FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846, p. 10. Tradução nossa.

⁶³ FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846, p. 10. Tradução nossa.

⁶⁴ FECHNER, “Ueber das Lustprincip des Handelns”, 1848.

prazer estava de acordo com o princípio do amor a Deus, que ademais estava implicado desde o início em sua concepção ética.

Os seus estudos experimentais em psicofísica, que buscavam estabelecer uma relação matemática entre o domínio físico e o psíquico, culminaram com a publicação, em 1860, dos *Elementos da psicofísica*⁶⁵, obra que o tornou célebre, gravando o seu nome na história da psicologia experimental. Partindo dos estudos de E. H. Weber, Fechner chegou a uma determinação da relação entre um estímulo e sua sensação, segundo a qual a intensidade da sensação varia em função do logaritmo da magnitude do estímulo, o que ficou conhecido em geral como a lei de Weber-Fechner. Nitzschke afirma que, sobretudo devido a esta realização, Fechner é considerado “um dos pais da psicologia empírica moderna”⁶⁶. Link, indo ainda mais além, diz que a publicação de 1860 sobre a psicofísica “é considerada a obra maior em *design* experimental antes do aparecimento em 1935 de *Design of Experiments*, de Sir R. A. Fisher”⁶⁷.

⁶⁵ FECHNER, *Elemente der Psychophysik*, vol. 1, 1860.

⁶⁶ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, p. 80. Tradução nossa.

⁶⁷ LINK, “Fechner, Gustav Theodor (1801-1887)”, 2002, p. 192. Tradução nossa.

1.1. O princípio da tendência à estabilidade

O pendor de Fechner pelas ciências naturais não deixou de ganhar expressão em suas realizações após a guinada filosófica, como podemos ver em sua psicofísica experimental. E a formulação do princípio da tendência à estabilidade, feita em 1873, se dá inicialmente de maneira estritamente física, em mais uma expressão de uma certa continuidade do seu interesse neste campo, ainda que o livro no qual se insere revele interesses e inspirações bastante diversos. A formulação geral do princípio, referente à totalidade do mundo físico, é feita no capítulo 3 de *Algumas ideias...*; no capítulo 4, estende-se um desenvolvimento sobre a atuação do princípio no mundo orgânico; e, no capítulo 11, Fechner discorre sobre as suas consequências para a teleologia e a psicofísica.

1.1.1. O princípio no universo

Para balizar inicialmente a formulação do seu princípio, Fechner introduz algumas observações sobre a noção de estabilidade da qual fará uso:

Para ser breve, chamo de relações [*Verhältnisse*] *estáveis* as relações de posições e movimento das partículas de um sistema material ou dos centros de gravidade de massas inteiras (abreviadamente, massas), que se pode pensar de forma unificada para um sistema maior, quando estas relações se repetem em um período regular, isto é, em seções temporais iguais que se sucedem [...].⁶⁸

A partir daí, Fechner distingue três níveis ou categorias de estabilidade: a estabilidade absoluta (*absolute Stabilität*) seria “o estado de repouso das partículas ou massas umas em

⁶⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, pp. 25-6. Tradução nossa.

relação às outras”, entendido como “o caso-limite onde as mesmas relações mantêm-se *permanentemente*”, tendo como contraparte o caso-limite oposto da instabilidade absoluta, entendido como “uma dispersão ao infinito das partículas ou massas em direções divergentes”⁶⁹; a estabilidade completa (*volle Stabilität*) seria “o caso onde, embora ocorram movimentos, estes sempre reconduzem, em seções temporais exatamente iguais, para as mesmas relações das partículas ou massas entre si”⁷⁰; por fim, a estabilidade aproximada (*approximative Stabilität*) descreveria os casos em que “as partículas ou massas de um sistema nunca retornem novamente de modo exato, mas sim de modo aproximado, em seções temporais iguais, para as antigas relações que mantinham entre si”⁷¹, estado que tem o Sistema Solar como um exemplo.

Fechner então tomará para consideração as condições de um sistema material que permitirão compreender o estabelecimento de estados de movimento estáveis. As partículas deste sistema devem ser imaginadas como estando limitadas a movimentos dentro de um espaço determinado, ao passo que o sistema deve estar isolado de influências externas ou submetido a influências externas constantes. Desse modo, as condições iniciais de posição, velocidade e direção das partículas determinarão todos os estados posteriores de movimento do sistema, estando na base, portanto, da maneira como este porventura alcançará a estabilidade:

Há agora, entre essas condições [*Bedingungen*], algumas que, se estão presentes de antemão ou ocorrem no curso do movimento, têm como consequência um retorno dos mesmos estados após um tempo dado, então os movimentos, e com isso as posições das partículas, inicialmente pensados como algo que de algum modo se modifica na forma e na velocidade, continuarão a se modificar ao longo do tempo, se não levarem imediatamente consigo a condição do retorno periódico, até que, dentre todos os estados possíveis que podem ser percorridos de tal forma, ocorram justamente aqueles que encerram a condição do retorno, até aí o sistema, por assim dizer, não terá descanso. Se, contudo, há um retorno

⁶⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 26. Tradução nossa.

⁷⁰ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 26. Tradução nossa.

⁷¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 26. Tradução nossa.

após um determinado tempo, então ele deve sempre ocorrer após o mesmo tempo, porque justamente as mesmas condições estão dadas.⁷²

De acordo com Fechner, apesar de este princípio parecer à primeira vista puramente apriorístico⁷³, deve-se notar que ele se apoia na pressuposição de que, “entre as condições do movimento, estão em geral [*überhaupt*] aquelas que reconduzem ao seu próprio retorno, o que é tudo menos óbvio”⁷⁴. Poder-se-ia tentar argumentar, segundo o autor, que, como as condições de movimento que proporcionam um retorno periódico do estado do sistema estão entre as condições possíveis de um sistema qualquer, mesmo os sistemas que se modificam indefinidamente eventualmente chegarão a tais condições, estabelecendo-se em um estado de retorno periódico estável. Contudo, o argumento não se sustentaria, pois se pode ainda pensar “em formas de movimento que se modificam contínua e indefinidamente, de modo que, no entanto, certas formas de movimento permanecem aí sempre excluídas”⁷⁵.

Feitas estas considerações acerca da possibilidade de um estabelecimento *a priori* do princípio, Fechner se volta então à contribuição que a experiência e o cálculo lhe podem fornecer. O cálculo só poderia avaliar até o momento alguns casos simples, nos quais permite estabelecer que a estabilidade completa deve ser alcançada, como os casos dos pêndulos e das cordas oscilantes (supondo a eliminação das resistências externas), assim como o caso de um sistema isolado “de apenas duas partículas ou massas que são determinadas uma em relação à outra pela atração mútua e pelo efeito de um impulso defletor primordial para o movimento”⁷⁶. Fechner emenda que os fatos mais gerais da experiência permitiriam constatar a ocorrência de ao menos algum grau de aproximação à estabilidade completa em qualquer sistema que esteja isolado ou sob influências externas constantes, considerando assim poder estabelecer o seu princípio da tendência à estabilidade, enunciado nos seguintes termos:

⁷² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, pp. 27-8. Tradução nossa.

⁷³ Nesta passagem, quando o princípio ainda não havia recebido sua formulação final, Fechner parece se referir à ideia de que todo sistema material isolado deve necessariamente alcançar um estado de estabilidade completa.

⁷⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 28. Tradução nossa.

⁷⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 29. Tradução nossa.

⁷⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 29. Tradução nossa.

Em todo sistema de partes materiais que se encontra abandonado a si mesmo ou sob condições externas constantes, e portanto também no sistema do mundo material, uma vez que o consideramos como um sistema fechado, tem lugar, com a exceção de movimentos que vão ao infinito, uma progressão contínua de estados instáveis para [estados] estáveis, até um estado final completamente ou aproximadamente estável.⁷⁷

O estado final presente na formulação do princípio, como se pode notar, não seria a estabilidade absoluta. A razão para isso pode ser encontrada em uma observação posterior, versando sobre a consideração conjunta da tendência à estabilidade e do então chamado princípio da conservação da força:

Assim, já está contido no sentido de tal combinação que um progresso irrestrito do mundo para a estabilidade absoluta, a qual consiste no repouso completo das partículas, não pode ter lugar; pelo contrário, através do princípio da conservação da força [*Princip der Erhaltung der Kraft*] é posto um limite à aproximação a ela. Decerto, a força viva [*lebendige Kraft*]⁷⁸ não pode de modo algum, através da tendência à estabilidade, ser alterada no mundo como um todo segundo sua magnitude, mas apenas segundo a forma na qual ela se manifesta.⁷⁹

⁷⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 30. Tradução nossa.

⁷⁸ Ao longo do século XIX, parte daquilo que se designava como “força” (*Kraft*) passou a ser chamado de “energia” (*Energie*), e aquilo que desde Leibniz se chamava “força viva” (*lebendige Kraft, vis viva*) e “força morta” (*tote Kraft, vis mortua*) passou a ser conhecido, respectivamente, como “energia cinética” e “energia potencial”. O conceito de *força viva* é abordado por Fechner nos *Elementos da psicofísica*, onde ele ressalta que não se deve confundi-lo com o conceito de “força vital” (*Lebenskraft*) — e se na época ele julgava necessária a ressalva, ainda mais necessária ela é hoje, mais de um século após o conceito receber outra designação. Nada melhor para apresentá-lo do que as palavras do próprio autor que o usa: “A força viva de uma partícula material, indiferentemente se tomada atomisticamente ou não, é obtida ao se multiplicar a sua massa m pelo quadrado da sua velocidade v , de modo que a expressão da força viva para a partícula em questão é mv^2 ” (FECHNER, *Elemente der Psychophysik*, vol. 1, 1860, p. 22, tradução nossa). Fechner comenta ainda que a força viva é considerada na mecânica, de modo mais estrito, como a metade do produto mv^2 — o que viria a se manter como a fórmula da energia cinética atual ($\frac{1}{2}mv^2$) —, mas ele, como também alguns outros autores, prefere referi-la como o produto inteiro.

⁷⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, pp. 34-5. Tradução nossa. Sulloway parece afirmar que Fechner derivou o princípio da tendência à estabilidade do princípio de conservação da energia (SULLOWAY, *Freud, biologist of the mind*, 1979, p. 66), o que, diante desta passagem, é claramente incorreto.

Parece haver aqui uma imprecisão ou um lapso no texto de Fechner, que relaciona o princípio da conservação da *força* à ideia de que a quantidade da *força viva* no universo é constante. Recorramos às observações que ele faz sobre o assunto nos *Elementos da psicofísica*, para esclarecer a matéria⁸⁰. Fechner afirma ali que, no movimento orbital de um planeta em torno do Sol, assim como no movimento de um pêndulo, há variação da *força viva*, mas a sua magnitude volta a ser a mesma tão logo a posição dos corpos do sistema volte a ser a mesma — considerando que o sistema esteja isolado —, o que denomina a *lei da conservação da força viva*. Ele descreve estes casos de maneira bem semelhante à definição de estabilidade que fará em 1873: sistemas nos quais atuam apenas suas forças internas e nos quais se dá um movimento cíclico, onde após um determinado período de tempo as suas partes retornam às mesmas posições. Em uma passagem distinta de *Algumas ideias...*, Fechner faz referência ao princípio da conservação da *força viva* — ao que parece no mesmo sentido que está caracterizado nos *Elementos da psicofísica* —, para fundamentar a ideia de que, se as posições iniciais das partes de um sistema se repetem periodicamente, as suas velocidades iniciais também teriam de se repetir⁸¹; e, estando a *força viva* relacionada à velocidade dos corpos, o princípio que determina que a *força viva* é a mesma quando a posição dos corpos é novamente a mesma deverá determinar que também a sua velocidade terá de ser a mesma.

Desse modo, a afirmação, feita na primeira passagem citada de *Algumas ideias...*, de que a quantidade da *força viva* permanece constante no mundo, parece divergir da posição assumida em 1860, onde é defendido que a conservação desta grandeza não se dá nem mesmo nos movimentos cíclicos em geral, senão sob condições especiais, ocorrendo no Sistema Solar apenas de modo aproximado, devido à incomensurabilidade dos períodos orbitais dos planetas. Fechner apresentará então o *princípio da conservação da força*, atribuindo-o em sua formulação mais destacada a Helmholtz, o qual consiste na ideia de que a grandeza cuja magnitude é constante em sistemas isolados e no universo é a soma da *força viva* e da “*força potencial*” (*potenzielle Kraft*), referindo-se a esta última como “a *força viva* que, devido às causas de movimento presentes, ainda pode ser gerada”⁸². Assim, fica claro que, a rigor, a afirmação de

⁸⁰ Ver FECHNER, *Elemente der Psychophysik*, vol. 1, 1860, pp. 30-4.

⁸¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 27.

⁸² FECHNER, *Elemente der Psychophysik*, vol. 1, 1860, p. 32. Fechner acrescenta ainda que a denominação usual para a *força potencial* é “*força de tensão*” (*Spannkraft*).

1873 de que a força viva é conservada no universo é incorreta, mas é possível que Fechner a tenha usado no sentido amplo do último trecho citado, abarcando assim a força potencial como a força viva que ainda pode vir a ser.

Enquanto a consideração do princípio da conservação da força estabelece apenas um limite à aproximação à estabilidade absoluta e a formulação inicial do princípio sugere a possibilidade de que seja alcançada a estabilidade completa, uma outra observação retomará ainda a questão da meta final do princípio da tendência à estabilidade, deixando-a provisoriamente em aberto:

O princípio não exige de modo algum como meta um grau determinado de aproximação à estabilidade absoluta do processo do mundo, de modo algum alcançável, conforme as págs. 34 e 35, mas apenas que na totalidade do mesmo não aconteça nenhum retrocesso a respeito da aproximação à estabilidade completa, sem que se possa por agora determinar o que é a meta aspirada provavelmente apenas de modo assintótico, e sem que esteja excluído um retrocesso no indivíduo [*im Einzelnen*] que conduza [*entgegenführen*] a uma maior aproximação à estabilidade completa do todo.⁸³

As relações de estabilidade aproximada podem ser constatadas, de acordo com Fechner, nos movimentos planetários do Sistema Solar, na medida em que, ainda que não seja possível que os planetas cheguem periodicamente exatamente às mesmas posições uns em relação aos outros, tem lugar “um retorno periódico *aproximadamente* das mesmas posições de cada dois, três e mesmo de todos os planetas uns em relação aos outros”⁸⁴. Também se pode observar, nos movimentos que ocorrem no interior da Terra em decorrência de sua relação com a Lua e o Sol, estados de estabilidade aproximada, exemplificados nos fenômenos periódicos de “maré baixa e

⁸³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 37. Tradução nossa. Fechner provavelmente quer designar aqui, com a expressão *im Einzelnen*, uma parte qualquer do todo.

⁸⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 30. Tradução nossa.

maré alta, ciclo das águas, ventos periódicos, alterações periódicas da temperatura, da pressão atmosférica etc.”⁸⁵, ainda que tenham também lugar condições meteorológicas bastante instáveis.

Deve-se também levar em consideração, naturalmente, que todo sistema particular está inserido em um sistema maior, e por fim no sistema total do mundo, de modo que, em todo sistema no qual as influências externas não sejam desprezíveis, a tendência à estabilidade só pode ser bem compreendida tendo em conta a sua ação no sistema maior cujos efeitos ali se fazem sentir. Em relação a isso, Fechner destaca aqui duas possibilidades: o caso “em que um sistema, o qual tomado por si só estaria em um estado estável de suas partes, executa esse movimento em um meio que, sem o movimento do sistema, estaria em si em relativo repouso”⁸⁶, que tem como exemplo uma corda que vibra, cujo sistema maior no qual está inserida é o ar em repouso, cuja resistência a faz tender à estabilidade absoluta; e o caso “em que um sistema executa o movimento sob a influência do estado estável de movimento de um outro sistema”⁸⁷, que é exemplificado pelo experimento de Huygens com dois relógios que possuem pêndulos de comprimentos diferentes, presos em uma mesma placa, assim como pelo fenômeno da comunicação de vibrações em corpos ressonantes. Em todos estes casos pode ser constatada uma tendência à estabilidade no sistema total.

Fechner descreve ainda o processo em que as partículas de um sistema caminham para um estado de estabilidade como um processo de “harmonização” (*Zusammenpassen*), partindo do exemplo das relações entre as partículas no interior da Terra e em outros corpos celestes, assim como dos corpos celestes entre si:

Mas o que nós temos de entender por harmonização? Que cada parte contribui, através da ação de suas forças, para mover as outras, e com isso o todo, para um estado durável, isto é, justamente para um estado estável, e nele conservá-los. Mas nós falamos apenas de harmonização na medida do possível, pois em geral apenas uma aproximação a uma estabilidade completa é alcançável.⁸⁸

⁸⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 32. Tradução nossa.

⁸⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 33. Tradução nossa.

⁸⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 33. Tradução nossa.

⁸⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 89. Tradução nossa.

A estabilidade completa não seria, contudo, uma “paralisação eterna”; tratar-se-ia, se alcançada, do estado de movimento o mais harmonioso possível no mundo, motivo pelo qual não viria a sofrer alterações ulteriores no seu ciclo de movimento. Nesse sentido, Fechner se pergunta “por que o mais ajustado [*das Passendste*] não deveria se repetir na eternidade, se a própria repetição eterna [*ewige Wiederholung*] seria o mais ajustado”, acrescentando porém a ressalva de que “um estado que conduz à repetição eterna não pode ser alcançado para o mundo inteiro em um tempo finito”⁸⁹.

1.1.2. Vida, morte e finalidade

O princípio da tendência à estabilidade, de acordo com o seu autor, encontra expressão também nas atividades periódicas, cíclicas ou rítmicas dos organismos, ilustradas em diversos exemplos: “Sono e vigília, circulação do sangue, movimentos peristálticos das vísceras, o ritmo da respiração, a mais ou menos periódica ingestão de alimentos e atividade sexual”⁹⁰. Também no metabolismo haveria um retorno periódico — ainda que não das mesmas partículas — de partículas equivalentes aos mesmos lugares. À primeira vista, o processo de nutrição poderia ser considerado como estando em contradição com a tendência à estabilidade, na medida em que o material inorgânico que é incorporado ao organismo sai de um estado mais estável para um estado menos estável, mas, se considerarmos a totalidade que constitui o organismo e o material inorgânico, Fechner considera que esta entrará, após a assimilação, em um estado mais estável do que o seu estado anterior. Também a divisão das células ou moléculas orgânicas que ocorre no processo de crescimento estaria provavelmente inserida nos desígnios da tendência à estabilidade, pois seria mais fácil chegar a uma relação estável em organizações individuais que contêm menos partículas, ainda que tal separação aumente a instabilidade entre as partículas divididas.

⁸⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 90. Tradução nossa.

⁹⁰ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 38. Tradução nossa.

O fim do processo de crescimento e a ulterior degradação do orgânico recebem uma descrição digna de nota, nos termos do caminho para a estabilidade inorgânica:

Uma vez que é atingido um limite do crescimento, o organismo, dito de modo geral, persiste por um tempo em uma relação aproximadamente estável, de maneira bastante uniforme, simultaneamente em si e para o mundo externo; aos poucos, porém, a estabilidade inorgânica começa mais e mais a ganhar terreno [*greifen*] à custa do espaço orgânico, enquanto as partes se tornam mais fixas e rígidas e os movimentos se desaceleram mais, até que finalmente o organismo inteiro decai de novo no estado inorgânico [...].⁹¹

Para Fechner, o estado de movimento das moléculas inorgânicas está mais próximo da estabilidade absoluta, ao passo que, nas moléculas orgânicas, a disposição das partículas é modificada pelas forças internas, mas se restabelece periodicamente, caracterizando um estado de estabilidade completa, e tal característica distintiva se transpõe de forma amplificada do nível molecular para o nível dos sistemas orgânicos e inorgânicos mais complexos. E nesse sentido, diz Fechner, “a tendência à estabilidade, dito de modo geral, também vai muito mais no sentido de transformar estados orgânicos em inorgânicos do que o inverso”⁹², o que se pode constatar tanto na morte natural quanto em uma morte precoce provocada pela privação de ar ou alimento.

Desse modo, dirá Fechner, “a vida orgânica estaria mesmo terminada”, caso o organismo não estivesse dotado da capacidade de “separar [*abspalten*] de si partes que repetem [*wiederholen*] o seu processo vital”⁹³. E assim se caracteriza aí também um processo cíclico, no qual novos organismos são criados a partir de organismos já existentes e novamente retornam ao inorgânico, em um movimento periódico a que se poderia atribuir o caráter da estabilidade aproximada. Neste processo de preservação da vida através da reprodução, um germe é separado do seu corpo de origem, com o qual possuía uma relação aproximadamente estável, e sofrerá modificações em decorrência da nova relação que agora estabelece com o ambiente externo, no

⁹¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 39. Tradução nossa.

⁹² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 36. Tradução nossa. Isso implicaria, segundo o autor, em que o orgânico não poderia se originar do inorgânico.

⁹³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 39. Tradução nossa.

sentido da estabilidade, podendo passar rapidamente ao estado inorgânico ou desenvolver-se como o organismo que lhe deu origem, adiando esta passagem. Para que ocorra a conservação e o desenvolvimento do organismo são necessárias condições externas especiais que o favoreçam, condições tais que não precisam ser idênticas e cuja variação determinará, segundo Fechner, a diversidade dos organismos que se desenvolvem a partir de um mesmo germe básico.

O autor afirma que está ainda por explicar, porém, tanto na sua visão quanto nas outras, como o germe é capaz de se desenvolver até assumir a forma do corpo materno do qual foi separado, mas considera que a tendência à estabilidade “ilumina de maneira bastante geral não apenas a realização deste resultado, mas também o modo de desenvolvimento de todo o reino orgânico e mesmo de todo o universo”⁹⁴.

Fechner relaciona ainda ao princípio da tendência à estabilidade o conceito de finalidade ou conformidade a fins (*Zweckmäßigkeit*), o qual estaria preferencialmente relacionado ao mundo orgânico, afinal só se considera conforme a um fim (*zweckmäßig*) aquilo que é capaz “de conduzir a um estado orgânico aproximadamente estável e preservá-lo dentro de certos limites de tempo”⁹⁵. Desse modo, afirma que “o princípio da tendência à estabilidade coincide com o princípio teleológico, enquanto este for relacionável ao lado material do mundo orgânico”⁹⁶; o que não significa, naturalmente, a realização plena dos propósitos contidos nestes princípios:

No entanto, como a tendência à meta [*Ziel*] ainda não significa o alcance da meta, e a meta em geral só é atingível em aproximações, obtemos por isso também o ponto de vista de que o mundo orgânico, apesar do predomínio do princípio teleológico nele, ainda está, com efeito, continuamente [*fortgehens*] sujeito a inúmeras perturbações que levam o caráter da inconformidade a fins [*Unzweckmässigkeit*].⁹⁷

⁹⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, pp. 22-3. Tradução nossa.

⁹⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 90. Tradução nossa.

⁹⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 90. Tradução nossa.

⁹⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 90. Tradução nossa.

Uma importante objeção à identificação entre os dois princípios é ainda considerada, para ser então descartada, concernindo ao fato de que, enquanto a *Zweckmäßigkeit* é pensada como a tendência à conservação da vida, a tendência à estabilidade levaria o organismo em direção à sua morte, dado que os estados inorgânicos são mais estáveis que os orgânicos:

Também a circunstância de que o princípio da tendência à estabilidade não apenas não impede a passagem da estabilidade orgânica para a inorgânica através da morte final do organismo, mas a tem até mesmo como meta final, no sentido da promoção da estabilidade, não contradiz a identificação com o princípio teleológico, mas serve antes à mesma como confirmação, pois de fato o último princípio, na medida em que está ativo no mundo — e mais do que isso não se pode dizer sobre ele — tampouco impede a morte dos organismos.⁹⁸

Fechner também julga encontrar, nesta identificação, a conciliação entre o princípio causal e o princípio teleológico, que estariam em ação na natureza em um mesmo encadeamento regido por leis, distinguindo-se apenas pela consideração segundo a sua causa ou segundo a sua meta. De acordo com o autor, a rejeição que o seu tempo dispensava ao princípio teleológico estaria baseada “no fato de que não se consegue encontrar um princípio da tendência para onde aponta [*zielen*] o princípio causal”⁹⁹, o que naturalmente ele haveria encontrado no princípio da tendência à estabilidade.

A eliminação do princípio teleológico efetuada pela doutrina da descendência de Darwin, que lhe conferiu grande importância, se dá através da explicação da *Zweckmäßigkeit* simplesmente pelo fato de que as disposições orgânicas capazes de se conservar e se reproduzir são preservadas, enquanto as demais desaparecem, o que seria regido apenas pelo princípio causal. Fechner objeta, contudo, que, se as disposições adequadas e inadequadas a um fim fossem indiferentes ao princípio causal, “não seria dada absolutamente nenhuma garantia de que jamais se chegaria a disposições que são capazes de se preservar e se reproduzir, já que as disposições imagináveis que não podem se manter são infinitamente mais numerosas do que as

⁹⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 91. Tradução nossa.

⁹⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 91. Tradução nossa.

que podem se manter”¹⁰⁰. A isso contrapõe, portanto, a sua explicação alternativa de que o processo é regido pelo princípio da tendência à estabilidade, que, junto ao princípio causal, favorece a formação de organizações dotadas de finalidade.

1.1.3. A psicofísica do prazer

A consideração da tendência à estabilidade na vida psíquica será, por fim, o momento que dará lugar à associação entre estabilidade e prazer, o centro de onde irradiam as sendas teóricas que exploramos neste trabalho. Fechner observa que também neste âmbito estaria em ação a tendência ao estabelecimento de processos periódicos:

Mesmo o domínio mental [*geistig*] se mostra submetido a esse princípio. Pois achamos [*finden*] que, quanto mais uma pessoa se retira da influência variável das circunstâncias externas, toda a sua vida de representações, sensações, sentimentos se ordena em ciclos cada vez mais regulares ou, dito brevemente, se torna cada vez mais estável; um dia se torna para ela logo como o outro; o que podemos pensar como relacionado à estabilidade crescente dos processos materiais que subjazem [*unterliegen*] à vida mental.¹⁰¹

Ao relacionar o lado psíquico da existência com a ideia de finalidade, Fechner observa que a conservação da estabilidade orgânica coincidiria em geral com a promoção do bem-estar e a evitação do sofrimento. Assim, deveríamos pensar na conjugação de uma tendência física e uma tendência psíquica, que compartilham uma mesma meta, considerando ainda a relação desta última com a consciência:

¹⁰⁰ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 92. Tradução nossa.

¹⁰¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 32. Tradução nossa.

Para transferir agora o princípio combinado da causalidade e da teleologia para o lado psíquico da existência, temos apenas de supor que a tendência física à estabilidade seria portadora de uma tendência psíquica à produção e conservação justamente dos estados para os quais caminha a [tendência] física; além disso, porém, levar em consideração que a tendência psíquica pode estar em parte acima, em parte abaixo do limiar da consciência e pode estar marcada [*behaftet*] em parte instintivamente [*instinctiv*], em parte com a representação dos meios externos através dos quais ela se consuma e da própria meta [*Zweck*].¹⁰²

Como será colocado de maneira mais clara e explícita na sequência do texto, esta tendência psíquica é entendida como uma tendência ao prazer. E isto vem reverberar as ideias psicológicas há muito formuladas nos escritos éticos de Fechner, que concebeu então o seu princípio do prazer como a régua para aquilo que deve ser, para como devemos agir, mas ao mesmo tempo concedeu semelhante centralidade ao prazer naquilo que de fato somos, na determinação de como realmente agimos. De acordo com o autor, o prazer está relacionado a todos os motivos e propósitos da ação humana¹⁰³. Em uma formulação psicológica mais precisa, Fechner afirma que a direção de nossa vontade é sempre determinada “pelo *caráter de prazer e desprazer do pensamento* sobre a ação a ser realizada ou evitada, ou sobre suas próprias consequências”¹⁰⁴, não sendo este pensamento necessariamente consciente. As experiências, os ensinamentos e as reflexões do nosso passado produzem efeitos que passarão a atuar consciente e inconscientemente na motivação de nossas ações, associando prazer e desprazer às representações de certas ações, além de moldarem a forma pela qual se dará nossa previsão sobre prazer e desprazer futuros. E o pensamento sobre o prazer e o desprazer que podem provir da ação influencia a direção desta, pois este pensamento “traz consigo um prazer ou desprazer correspondente”¹⁰⁵.

¹⁰² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, pp. 92-3. Tradução nossa.

¹⁰³ FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846.

¹⁰⁴ FECHNER, “Ueber das Lustprincip des Handelns”, 1848, p. 5. Tradução nossa.

¹⁰⁵ FECHNER, “Ueber das Lustprincip des Handelns”, 1848, p. 20. Tradução nossa. Como Fechner esclarecerá em um tratamento posterior do tema, a mera *ideia* de prazer ou desprazer presente na previsão sobre as consequências da ação não seria suficiente para influenciar a determinação da ação, sendo necessário que esta ideia produza ao

Em *Algumas ideias...*, onde a questão não é colocada de saída de forma tão direta, é justamente no trecho que viria a ser citado por Freud, que relaciona as sensações de prazer e desprazer com estados estáveis e instáveis, que ficará sugerido mais claramente que Fechner entende a tendência psíquica correlata à tendência física à estabilidade como uma tendência ao prazer (*Lust*):

Uma vez que impulsos [*Antriebe*] conscientes estão sempre em relação com prazer ou desprazer, prazer ou desprazer podem também ser pensados em relação psicofísica com condições de estabilidade e instabilidade; e pode-se em seguida fundamentar a hipótese, a ser desenvolvida por mim mais detalhadamente em outro lugar, de que todo movimento psicofísico que supera o limiar da consciência seria marcado [*behaftet*] pelo prazer, na medida em que ele se aproxima da estabilidade completa para além de um certo limite, e pelo desprazer, na medida em que ele se afasta dela além de um certo limite, ao passo que, entre ambos os limites, que devem ser designados como limiar qualitativo do prazer e do desprazer, há uma certa extensão de indiferença estética [...].¹⁰⁶

Uma aparente contradição a esta ideia, considerada por Fechner, vem da observação de que as ações mais prazerosas se tornariam cada vez menos prazerosas justamente com a sua persistência estável no tempo, dando lugar por fim até mesmo ao estado desprazeroso do tédio. Isto se daria, contudo, devido à diminuição gradual da excitação interna de que depende o prazer, de acordo com a lei da insensibilização, e devido à suposição de que seria necessário haver uma alternância da excitação entre as diferentes partes do nosso sistema psicofísico, para que ele se mantenha em um estado de estabilidade aproximada.

mesmo tempo o *sentimento* de prazer ou desprazer para que se dê de fato essa influência (FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876, p. 39).

¹⁰⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 94. Tradução nossa.

Três anos depois Fechner retoma, na *Pré-escola da estética*, estas questões aqui abordadas, mas não realiza ali desenvolvimentos significativos¹⁰⁷. Sobre a questão do desprazer do tédio, apresenta-o agora, de início, como decorrente da incapacidade do curso representativo de encontrar um “laço” (*Band*), que seria uma condição para a estabilidade, mas também inclui a explicação a partir da ideia de insensibilização, nos mesmos termos de 1873. Além disso, ele considera que a unificação da multiplicidade seria também uma condição do prazer, e estando ausente geraria desprazer.

Na obra de 1876, Fechner expõe também a sua contraposição em relação a outras visões sobre o prazer, o que não fizera em *Algumas ideias...* Ele se opõe à ideia de que o prazer estaria relacionado a um aumento da nossa “força” (*Kraft*), a uma elevação do nosso processo vital ou à promoção do nosso desenvolvimento, enquanto o desprazer derivaria da diminuição da nossa força ou processo vital. “Prazeres [*Genüsse*] exagerados enfraquecem nossa força vital [*Lebenskraft*] tanto quanto sofrimentos intensos”¹⁰⁸, contra-argumenta o autor, apontando também que, no processo de adormecimento, a força viva (*lebendige Kraft*) do nosso corpo diminui, mas isso não nos causa desprazer, enquanto uma dor intensa poderia mesmo ser considerada uma elevação do processo vital¹⁰⁹.

Fechner aborda aqui também a concepção do astrônomo Friedrich Zöllner, seu amigo em Leipzig, que foi formulada “em conexão com ideias gerais sobre a fundamentação física da atividade psíquica”, e consiste em que a “transformação de força de tensão [*Spannkraft*], energia potencial [*Potentialenergie*] em força viva [*lebendige Kraft*] é acompanhada de prazer, e a transformação inversa, de desprazer”¹¹⁰, tomando-se estas expressões no seu sentido físico preciso. Como esta concepção implica, de modo geral, em relacionar o prazer ao aumento da

¹⁰⁷ FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876.

¹⁰⁸ FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876, p. 265. Tradução nossa.

¹⁰⁹ Aqui, diferentemente do que ocorre nos outros momentos onde são empregadas, as expressões “força vital” e “força viva” parecem ser usadas em um sentido próximo, provavelmente um sentido menos rigoroso que não se identifica ao sentido estrito de nenhum dos dois conceitos.

¹¹⁰ FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876, p. 265. Tradução nossa. Fechner também apontara, em *Algumas ideias...*, que um princípio de Zöllner precederia a sua tendência à estabilidade. O princípio havia sido formulado poucos anos antes pelo astrônomo, especialmente para explicar a periodicidade das manchas solares, e não possuiria, portanto, a mesma generalidade que o de Fechner, mas gozava, por outro lado, de uma formulação mais precisa.

força viva e o desprazer à diminuição dela, Fechner considera que ela está sujeita às mesmas objeções que foram dirigidas à concepção anteriormente tratada¹¹¹.

Em oposição às visões anteriores, Fechner diz acreditar que o prazer e o desprazer não estão relacionados a aspectos quantitativos do processo psicofísico, e sim a um aspecto qualitativo ou formal do mesmo, que poderia ser designado como “harmonia” (*Harmonie, Zusammenstimmung*). Assim seria na música, onde o efeito prazeroso não viria de aspectos quantitativos relacionados à “força viva dos processos vibratórios”, como a sua magnitude, aumento ou diminuição, e sim de “uma relação do encontro e do retorno entre fatores deste processo”¹¹². O aumento da força viva ocasionado por um obstáculo ou por um rodeio desnecessário em um decurso psíquico até então harmonioso seria sentido como desprazer, enquanto um aumento na força viva que vai no sentido de um decurso psíquico harmonioso seria sentido como prazer¹¹³.

Fechner expõe aqui dois pontos de vista sobre a relação das sensações de prazer e desprazer com os aspectos qualitativo e quantitativo. O primeiro, que já havia sido formulado, diz que um estado de movimento é mais prazeroso ou desprazeroso de acordo com a sua aproximação ou o seu afastamento de um estado harmônico, havendo um espaço intermediário de indiferença entre os limiares do prazer e do desprazer. O segundo diz que o prazer e o desprazer seriam caracterizados a partir de estados harmônicos ou desarmônicos, mas a sua intensidade corresponderia à magnitude da força viva presente nestes estados, havendo ainda, também aqui, um limiar a ser ultrapassado, nesse caso um limiar quantitativo. Não fica claro se Fechner se decide por um desses dois pontos de vista, mas ele parece tentar conciliá-los.

E acrescenta que, com “o prazer no estado harmônico está porém, simultaneamente, o esforço [*Streben*] por conservá-lo, ou aumentá-lo através de uma maior aproximação à

¹¹¹ Fechner expressa oposição também à visão de Herbart sobre o assunto, segundo a qual o surgimento do prazer e do desprazer estaria relacionado, respectivamente, ao estímulo ou fomento (*Föderung*) e à inibição (*Hemmung*) das representações. Apesar desta concepção parecer se assemelhar às demais às quais Fechner se contrapõe, ele não dirige a ela as mesmas objeções. Uma diferença essencial da concepção de Herbart é que ela é estritamente psicológica, enquanto as demais, incluindo a defendida por Fechner, são psicofísicas.

¹¹² FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876, p. 266. Tradução nossa.

¹¹³ Em *Sobre o bem supremo*, Fechner já comparara a transformação do desprazer em prazer com a dissolução de uma desarmonia por um músico (FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846, p. 15).

estabilidade”, enquanto que, “com o desprazer no estado desarmônico”, faz-se presente, igualmente, “o esforço por afastá-lo”¹¹⁴.

Em 1879, em *A visão diurna contra a visão noturna*, Fechner afirma que “a intensidade [*Stärke*] do sentimento estético [*ästhetisches Gefühl*] em geral depende, ao mesmo tempo e em uma relação complexa [*zusammengesetzt*], da ultrapassagem do limiar quantitativo e do qualitativo”¹¹⁵ — acrescentando ainda que um sistema cujas partes estão em completo repouso, isto é, em estabilidade absoluta, não está em um estado de prazer, por não ultrapassar o limiar quantitativo. Nós não possuímos, de acordo com o autor, um princípio de medição da aproximação ou afastamento de um sistema em relação à estabilidade completa, de modo que apenas podemos afirmar que “há maiores e menores graus de aproximação à estabilidade, maiores e menores graus de prazer e desprazer”¹¹⁶, e que estes graus dependem dos limiares quantitativo e qualitativo¹¹⁷.

O *grau* de aproximação à estabilidade, porém, não seria precisamente o fator determinante do prazer — nem suficiente para a sua ocorrência —, como formulará Fechner em um acréscimo significativo, que atribuirá esta determinação agora ao *movimento* de aproximação e à velocidade deste movimento:

“[...] prazer e desprazer em geral não estão conectados com a *persistência* [Bestand] de uma maior ou menor aproximação à estabilidade, mas com o *movimento* de aproximação a ela e afastamento dela, e seriam tanto maiores quanto mais rápido for o movimento de aproximação e afastamento, entre os quais também haveria, ainda, uma margem de indiferença [...]”¹¹⁸

¹¹⁴ FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876, p. 269. Tradução nossa.

¹¹⁵ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, pp. 217-8. Tradução nossa.

¹¹⁶ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, p. 218. Tradução nossa.

¹¹⁷ Fechner fará ainda algumas considerações sobre uma possível formulação matemática do seu princípio. Afirma que seria possível, de acordo com o princípio de Fourier, decompor em movimentos de oscilação retilínea simples o movimento de todos os pontos que participam em um processo psicofísico, e assim o prazer e o desprazer seriam determinados, em seu aspecto quantitativo, como uma função da amplitude destes movimentos e, no seu aspecto qualitativo, em função do período dos mesmos (FECHNER, *Die Tagesansicht...*, 1879, pp. 221-2) — o que retomaremos posteriormente na análise comparativa com o uso da noção de período por Freud.

¹¹⁸ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, p. 219. Tradução nossa.

E, além da velocidade, introduzirá ainda a aceleração do movimento como um fator significativo, ao explicar o desprazer do tédio a partir da ideia de que “o prazer só persiste e cresce enquanto o *movimento* de aproximação à estabilidade persiste e acelera”¹¹⁹, ao passo que a desaceleração deste movimento, por sua vez, diminuiria o prazer, e, ao se atingir a estabilidade, não haveria mais espaço para qualquer movimento em direção a ela, de modo que o prazer decairia por fim em desprazer¹²⁰.

Desse modo, o que parece se configurar na concepção de Fechner aqui é que o grau estático de aproximação ou afastamento em relação à estabilidade não é suficiente para a ocorrência de prazer ou desprazer. Um movimento em alguma das duas direções, por sua vez, se realizado em velocidade constante, daria lugar às sensações de prazer ou desprazer em uma intensidade constante, enquanto a aceleração ou desaceleração deste movimento corresponderia a um aumento ou diminuição desta intensidade¹²¹.

Em *Algumas ideias...*, Fechner observa que a compreensão da relação entre a tendência física à estabilidade e a tendência psíquica ao prazer pode seguir caminhos bem diferentes, de acordo com a posição teórica que for assumida em relação “às condições de consciência do mundo como um todo, assim como de domínios particulares do mesmo”¹²², o que está condicionado à dificuldade circunstancial de que o ser humano não pode afirmar ou negar com segurança a existência de consciência para além da sua própria, pois só a esta tem acesso direto, ficando limitado, a esse respeito, ao domínio da inferência ou da crença. A visão de Fechner sobre o assunto, que será exposta aqui, concede à consciência um domínio amplo:

[...] deve-se recordar que possivelmente todo tipo de movimento no mundo, com a exceção talvez do [movimento] uniforme [*gleichförmig*], deve ser

¹¹⁹ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, pp. 219-20. Tradução nossa.

¹²⁰ Retomando as explicações anteriores, Fechner também afirma aqui que o desprazer do tédio é parcialmente explicado pela lei da insensibilização, de modo que a excitação interna relacionada ao prazer diminuiria até ficar abaixo do limiar quantitativo, e se deveria em parte também à atuação de apenas uma parte do sistema psicofísico. E, abordando ainda um novo fenômeno, relaciona as dores crônicas a um forte afastamento em relação à estabilidade completa.

¹²¹ Entretanto, em outra observação, Fechner parece conceder ainda algum espaço ao fator estático, ao dizer considerar “mais fácil” representar estes fatos a partir das duas concepções, estática e dinâmica, que chama de dois “duelos”.

¹²² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 93. Tradução nossa.

tomado como psicofísico, quer dizer, é capaz de se tornar consciente, se, conforme à diversidade do movimento, apenas um *grau* diverso de sua força viva for ultrapassado, o qual, em contraste com o limiar qualitativo, que está relacionado à forma do movimento, deve ser designado como limiar *quantitativo*.¹²³

Nosso autor vai então se debruçar sobre o que poderíamos designar como uma psicofísica generalizada, explorando ideias sobre a extensão da consciência para bem além do ser humano — ideias que, segundo ele, possuem apenas o caráter de crenças, as quais não poderiam ser fundamentadas nem refutadas de maneira exata.

Uma objeção à presença da consciência para além dos seres humanos e animais consiste em argumentar que apenas estes possuem nervos, sem os quais não se pode ter sensações ou consciência, com o que Fechner não está de acordo, remetendo à sua argumentação a esse respeito em obras anteriores¹²⁴. Aqui ainda ele argumenta que o nosso cérebro é bastante complexo (*verwickelt*), o que é tomado como indicador de propriedades mentais elevadas, de modo que não haveria motivo para não atribuir propriedades mentais ainda mais elevadas ao universo, que é “um emaranhado [*Verwicklung*] de todos os emaranhados nele inseridos, entre eles o de nosso próprio cérebro”¹²⁵.

A objeção de que o mundo material não poderia ser dotado de consciência porque seria regido por leis necessárias, enquanto a consciência seria livre ou indeterminística, também não procede aos olhos de Fechner, o qual não vê razão pela qual “a atividade criadora, organizadora e formadora do mundo deve em geral ser desprovida de leis, para conter uma atividade consciente”¹²⁶. Ele diz não considerar, nesse sentido, que haja bons motivos para descartar a ideia, e expõe então a base da sua concepção psicofísica:

¹²³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, pp. 94-5. Tradução nossa.

¹²⁴ Ele menciona aqui *Nanna oder über das Seelenleben der Pflanzen* (*Nanna ou sobre a vida anímica das plantas*), publicada em 1848, e *Über die Seelenfrage* (*Sobre a questão da alma*), de 1861.

¹²⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 106. Tradução nossa. O significado do termo *Verwicklung*, no presente contexto, poderia ser expresso pelas ideias de complexidade, complicação, envolvimento, emaranhamento ou entrelaçamento.

¹²⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 96. Tradução nossa.

Da minha parte, eu tomo a consciência em geral como fenômeno interno [*innere Erscheinung*] disso que aparece [*erscheint*] externamente como processo material, na medida em que penso que, através dessa concepção, os fatos mais fundamentais da relação entre corpo e mente [*Leib und Seele*] são melhor representados em conjunto do que através de qualquer outra concepção [...].¹²⁷

Desse modo, caberia à ciência da natureza ater-se à perspectiva externa e à “fenomenalidade externa” (*äussere Erscheinlichkeit*), não se ocupando, portanto, das “forças mentais” (*geistige Mächte*), que pertenceriam ao âmbito da perspectiva interna e da “fenomenalidade interna” (*innere Erscheinlichkeit*). Não caberia à ciência natural, do mesmo modo, emitir um juízo sobre a existência ou não de uma “consciência criadora” (*schöpferisches Bewusstsein*)¹²⁸. Da mesma maneira com que a observação exterior do cérebro não nos permite ver a “mente consciente” (*bewusster Geist*), diz o autor, a observação exterior do mundo não permite enxergar o “Deus consciente” (*bewusster Gott*) a quem não está na “perspectiva interna divina” (*innerer göttlicher Standpunkt*)¹²⁹. Assim, a ciência natural não poderia eliminar nem a psicologia nem a religião. O conhecimento teórico sobre a existência de uma mente consciente no mundo deveria ser buscado em uma psicofísica que fosse além do que a filosofia de então oferecia.

Fechner entenderá aqui a consciência criadora ou Deus (*Gott*) como um princípio que traz ordem (*Ordnung*) ao mundo, pressupondo que de início a distribuição da matéria não obedecia a uma ordem específica. Em 1879, ele desenvolve esta ideia de um universo originalmente desordenado e regido pela tendência à estabilidade, detalhando as condições de prazer e desprazer naquele momento. Em seu início, diz Fechner, o universo estaria em “um estado caótico, isto é, inteiramente [*ganz*] instável”¹³⁰, de modo que a matéria estaria dispersa de maneira desordenada. Por conta da longa distância que havia então entre as partículas, as forças que atuavam entre elas eram muito fracas, assim como o movimento causado por essas forças,

¹²⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 99. Tradução nossa. Em nota a este trecho, Fechner diz compreender a consciência aqui “no sentido mais amplo, isto é, não apenas como autoconsciência, mas de modo que também a percepção mais sensorial [*die sinnlichste Empfindung*] aí se insira” (loc. cit.).

¹²⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 99. Tradução nossa.

¹²⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 100. Tradução nossa.

¹³⁰ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, p. 221. Tradução nossa.

razão pela qual estes movimentos poderiam “permanecer sob o limiar quantitativo ou ao menos não ultrapassá-lo em muito”, de modo que o universo não experimentaria nesse momento o “desprazer infinito”¹³¹ que se poderia esperar, considerando-se apenas o seu estado de instabilidade — isto é, o critério qualitativo. E, como desde o início os movimentos deviam já caminhar em direção à estabilidade, o prazer que resultava do movimento de aproximação à estabilidade poderia superar o desprazer inicial, proporcionando ao todo uma resultante de prazer. Assim, voltando a 1873, a tendência à ordem no mundo — designada como Deus — se expressaria, no seu aspecto material, como tendência à estabilidade, que teria a mesma direção da tendência consciente que se expressa como seu fenômeno interno. Se tomarmos Deus como a mente ou consciência universal, como parece se colocar em alguns momentos no texto de Fechner, ele poderia ser identificado com esta tendência interna ou psíquica — isto é, a tendência ao prazer¹³²; porém, se o tomarmos como algo que subjaz à dualidade fenomênica do físico e do psíquico, como parece se colocar nesta sua caracterização como a tendência à ordem, tratar-se-ia de algo mais total, fundamental ou substancial.

De acordo com Fechner, a consciência pode estar presente mesmo na satisfação de necessidades imediatas, sem se orientar para metas mais distantes, mas, mesmo neste caso, muitas vezes se torna necessário o estabelecimento de metas distantes, já que para satisfazer a necessidade é preciso realizar uma cadeia de ações. A consciência que se ocupa da finalidade mais universal, por sua vez, seria representada por Deus, que, entendido aqui como a expressão espiritual de um princípio físico, possibilitaria uma conciliação entre religião e ciência:

[...] e a crença [*Vertrauen*] científica no princípio da tendência à estabilidade poderá alicerçar a crença [*Vertrauen*] religiosa de que Deus guiará e direcionará tudo para o melhor, contanto que a providência e condução divinas vão invariavelmente no sentido desse princípio, que não é outra coisa senão o

¹³¹ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, p. 221. Tradução nossa.

¹³² Esta concepção aqui desenhada ressoa a afirmação que já encontramos em *Sobre o bem supremo*, de que Deus busca levar a totalidade do mundo para uma meta final de puro prazer ou a uma aproximação cada vez maior dessa meta (FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846).

princípio do esforço bem-sucedido para uma meta final de satisfação [befriedigend].¹³³

Mas não há motivo para confiar mais no princípio do que em Deus, diz Fechner, pois eles não se distinguem: “o princípio é justamente o princípio da criação e do governo divinos”¹³⁴. “Não pode ser de outro modo com a fé [Vertrauen] em Deus”¹³⁵, conclui.

¹³³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 103-4. Tradução nossa. O termo *Vertrauen* pode ser traduzido tanto por “confiança”, que se adequa melhor ao contexto científico, quanto por “fé”, mais próprio ao domínio religioso, de modo que Fechner o utiliza como um único termo que aproxima os dois domínios, na prosa e na teoria. Optamos por traduzi-lo aqui por “crença”, que, apesar de menos exato, reproduz a unidade terminológica.

¹³⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 104. Tradução nossa.

¹³⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 104. Tradução nossa.

1.2. Concepção, origem e evolução da vida

Apesar de termos apresentado inicialmente de forma destacada as formulações em torno da tendência à estabilidade, o escopo geral do livro *Algumas ideias...* — e a intenção com que ele se apresenta — é sobretudo uma reavaliação da teoria da evolução de Darwin, compreendendo aí o desenvolvimento de uma ampla teoria sobre os organismos, a qual envolve de maneira intrincada ideias sobre a sua característica distintiva — uma concepção de vida¹³⁶ —, sobre a sua origem e sobre o seu desenvolvimento até os organismos tal como os conhecemos hoje.

Fechner, com efeito, inicia o prefácio do livro inserindo suas reflexões no debate em torno da teoria de Darwin, publicada 14 anos antes em *A origem das espécies*. O autor faz alusão à múltipla oposição que se levantou contra esta teoria, e expõe o seu posicionamento e sua avaliação em relação a ela:

Eu mesmo confesso que, depois de uma longa luta contra a doutrina da descendência, estou a ela convertido. Ainda assim, do modo como se apresenta até agora, ela não está livre de dificuldades, inverossimilhanças, lacunas e hipóteses que não são tão certas quanto os fatos que podem ser conectados através dela. Por que, portanto, a ela aderir? Simplesmente pela razão que todas as outras doutrinas pelas quais se quer substituir a doutrina da descendência sofrem das mesmas imperfeições em um grau desproporcionalmente maior.¹³⁷

O que estava em questão, para Fechner, era não apenas a maneira específica pela qual Darwin explicava a evolução das espécies, mas a alternativa mais fundamental entre o “desenvolvimento dos estágios superiores de organização a partir dos inferiores” ou uma “nova criação de todos os estágios superiores, por assim dizer, a partir da lama primeva

¹³⁶ Fechner não faz uma distinção clara entre organismo e vida, motivo pelo qual usamos aqui os dois termos de forma intercambiável. Deve-se levar em conta, contudo, que “organismo” é o termo usado de forma amplamente majoritária neste livro.

¹³⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. III. Tradução nossa.

[*Urschlamm*]¹³⁸. Desse modo, admitindo aderir à teoria da descendência, ao mesmo tempo que ainda reconhece nela deficiências, a intenção expressa por Fechner não é a de rejeitar integralmente tal teoria, nem de aceitá-la sem ressalvas, mas de corrigi-la:

E se é necessário admitir o ponto básico da doutrina da descendência, só o que resta a fazer é suspender as imperfeições de sua execução [*Ausführung*], substituir o que nela há de insustentável por algo mais sustentável. Já foram feitas diversas tentativas nesse sentido, sem terem até agora penetrado a questão corretamente. Também este escrito tenta apresentar algumas ideias que precisam aguardar o seu êxito.¹³⁹

As observações e o posicionamento de Fechner não são excepcionais no contexto intelectual da época; em suas linhas gerais, se inserem mesmo na posição tomada pela maioria dos autores de então. A publicação de *A origem das espécies*, em 1859, teve como efeito, de fato, uma gradual aceitação da teoria da evolução na década seguinte, mesmo entre os conservadores, e nos anos 1870 se tornou dominante na maioria dos países, com a exceção da França¹⁴⁰. A sua explicação a partir do mecanismo da seleção natural, porém, foi amplamente questionada, devendo-se notar que “não foram apenas teólogos, filósofos e leigos que se opuseram a essa tese, mas, até a síntese evolucionária dos anos 1930 e 40, até mesmo a maioria dos biólogos”¹⁴¹ — incluindo-se aí a maior parte dos próprios apoiadores de Darwin, havendo bons indícios de que

¹³⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. III. Tradução nossa. A primeira alternativa representa a então chamada doutrina da descendência, que hoje conhecemos como teoria da evolução, da qual Darwin se tornara o mais notável representante. A segunda alternativa, que não considera uma evolução gradual das espécies, tem em Oken um representante notável, sendo possivelmente uma referência direta a ele, que usou a expressão “muco primevo” (*Urschleim*) para designar uma mistura de carbono, água e ar, da qual tudo que é orgânico teria surgido. Este muco que teria dado origem à vida pertenceria ao mar, mas teria se originado no encontro entre a água, a terra e o ar, o que teria se dado pela primeira vez quando os primeiros cumes de montanhas surgiram sobre a água, na Cordilheira do Himalaia. Neste local teriam sido criados os primeiros organismos, bem como as plantas, os animais e mesmo os seres humanos, cujo surgimento possivelmente só poderia ter se dado em um determinado local e tempo, que teria reunido as condições específicas que o propiciaram (OKEN, *Lehrbuch der Naturphilosophie*, 1831, pp. 146-8).

¹³⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. III. Tradução nossa.

¹⁴⁰ BOWLER, *Evolution*, 2003.

¹⁴¹ MAYR, *The growth of biological thought*, 1982, p. 510. Após a síntese evolucionária, a maioria dos biólogos passaria a aceitar a seleção natural como o único mecanismo que direciona a evolução.

até mesmo T. H. Huxley não estava convencido em relação à seleção natural, apesar de tê-la defendido fielmente enquanto Darwin estava vivo.

Um dos principais motivos para esta resistência estava na ameaça que ela representava à ideia de *Deus como criador*, que se tornava então prescindível, demolindo também as bases da moralidade. Daí a ideia ter provocado a indignação tanto dos teólogos quanto dos naturalistas guiados pela teologia natural. A ideia de um plano que conduzia a evolução levava à postulação de leis que realizavam esta condução, e várias dessas leis já tinham sido propostas antes de 1859. Os primeiros evolucionistas, como Lamarck e os *Naturphilosophen*, entendiam a evolução como um processo progressivo, partindo da matéria inorgânica e dos organismos mais simples, e chegando enfim ao ser humano, o que tornava necessária a concepção de uma teleologia cósmica. De acordo com Karl Ernst von Baer, adepto da teleologia, o mundo orgânico “era não apenas *zweckmässig* (um termo muito popular com Kant, que significa bem adaptado) mas também *zielstrebig* (dirigido por metas)”¹⁴². A batalha se colocava, portanto, no âmbito da *teologia* e da *teleologia* — temas que aparecem também nas ideias de Fechner sobre o tema.

Na Alemanha em particular, as ideias de Darwin foram muito mais bem recebidas, ainda que também ali se deva acrescentar as ressalvas em relação ao papel da seleção natural¹⁴³. Cinco meses após a publicação de *A origem das espécies* já foi publicada uma tradução alemã pelo paleontólogo Heinrich Bronn¹⁴⁴. Contudo, além de sua tradução ter tomado certas liberdades, como traduzir *favoured races* (“raças favorecidas”) por *vervollkommnete Rassen* (“raças aperfeiçoadas”)¹⁴⁵, ele incluiu diversas notas de rodapé e um capítulo final, onde manifestava a sua interpretação e crítica das ideias de Darwin, parcialmente inspirado por uma *Naturphilosophie* teleológica, idealista e mesmo romântica, “que via a evolução como um desenvolvimento progressivo em direção à perfeição”¹⁴⁶. A leitura de Bronn provavelmente influenciou o zoólogo Ernst Haeckel, que era um autor muito popular e influenciou muitos cientistas e leigos, tendo sido crucial para a disseminação do princípio da seleção natural entre os

¹⁴² MAYR, *The growth of biological thought*, 1982, p. 516.

¹⁴³ BOWLER, *Evolution*, 2003.

¹⁴⁴ MEYER, “Charles Darwin’s reception in Germany and what followed”, 2009.

¹⁴⁵ DARWIN, *Über die Entstehung der Arten...*, 1860.

¹⁴⁶ MEYER, “Charles Darwin’s reception in Germany and what followed”, 2009, p. 1. Após a morte de Bronn em 1862, as novas edições do livro de Darwin foram traduzidas por Julius Victor Carus, que revisou e retificou a tradução de Bronn, buscando corrigir os seus problemas, passando a traduzir *favoured* por *begünstigt* (DARWIN, *Über die Entstehung der Arten...*, 1876).

biólogos alemães, que há muito tempo já haviam se convertido ao evolucionismo de Lamarck¹⁴⁷. O “darwinismo” de Haeckel, contudo, era bem ao seu modo, tendo ele declarado explicitamente a intenção de “sintetizar as ideias de Darwin, Lamarck e Goethe, e sua obra ainda refletia o espírito da *Naturphilosophie*”¹⁴⁸. O modelo evolucionário de Haeckel era linear e progressista, ao contrário do de Darwin e mesmo do de von Baer, caracterizados por ramificações mais complexas¹⁴⁹. Ainda assim, Haeckel e outros evolucionistas saudaram a seleção natural, sobretudo pela sua contribuição para o estabelecimento do materialismo¹⁵⁰.

E Fechner faz referência a Haeckel, logo no início do prefácio de *Algumas ideias...*, mencionando-o como o “principal representante”¹⁵¹ da teoria da evolução de Darwin na Alemanha e destacando a apresentação desta teoria feita por ele em sua *História natural da criação*. As primeiras linhas do livro de Fechner contêm até uma reprodução literal de palavras de um trecho inicial do prefácio do livro de Haeckel¹⁵², que traz também a interessante observação de que a expressão que consta no seu título, “história da criação” (*Schöpfungsgeschichte*), deve ser substituída por “doutrina do desenvolvimento” (*Entwickelungslehre*) — representando, em termos atuais, a substituição do criacionismo pelo evolucionismo¹⁵³. Fechner, por outro lado, não fala em revogação do direito de cidadania da *Schöpfung*, o que pode ser compreendido no contexto da sua tentativa de conciliar ideias teológicas e científicas.

Não parece haver em Fechner, porém, uma má compreensão das ideias de Darwin, que pudesse ter sido provocada pela herança do progressismo da tradição alemã. As ideias por ele desenvolvidas serão, sim, colocadas como um contraponto à ausência de finalidade vista na teoria de Darwin a partir da seleção natural, e o princípio darwiniano será, como era usual na época, derogado de sua primazia no processo evolutivo, em favor de princípios menos casuais e

¹⁴⁷ MEYER, “Charles Darwin’s reception in Germany and what followed”, 2009.

¹⁴⁸ BOWLER, *Evolution*, 2003, p. 187.

¹⁴⁹ SMOCOVITIS, *Evolution*, 2005.

¹⁵⁰ MAYR, *The growth of biological thought*, 1982. Weismann diria, em 1909, que a seleção natural resolveu o problema de explicar a *Zweckmäßigkeit* sem uma força condutora.

¹⁵¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. III. Tradução nossa.

¹⁵² Ambos os textos dizem que, “através de Darwin” (“*durch [...] Darwin*”), a teoria “entrou em um novo estágio” (“*ist [...] in ein neues Stadium [...] getreten*”) (FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. III; HAECKEL, *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, 1868, p. III).

¹⁵³ A expressão *Schöpfungsgeschichte*, notemos ainda, é a designação usada para a narrativa bíblica de criação presente no livro Gênesis. O uso do termo feito por Haeckel no título do seu livro, vale ressaltar, vem com o acréscimo do adjetivo “natural”, uma forma espirituosa de aludir à transformação na visão sobre as origens.

mais teleológicos, os princípios da diferenciação relacional e da tendência à estabilidade. Mas tudo começa com a definição do que são realmente organismos.

1.2.1. Estados moleculares orgânico e inorgânico

A concepção geral da vida elaborada aqui por Fechner, essencial para a formulação da sua teoria sobre o surgimento e desenvolvimento dos organismos, tem como base uma distinção entre o estado de movimento das matérias orgânica e inorgânica no nível molecular¹⁵⁴. O estado das moléculas inorgânicas, segundo ele, se baseia em que “as partículas nas quais elas consistem não podem modificar, através de sua ação recíproca sob a cooperação da inércia [*Beharrung*], o arranjo [*Ordnung*] no qual elas estão dispostas”¹⁵⁵. As partículas podem ainda se encontrar em um estado de vibração, contanto que este não altere o arranjo da molécula, cujas partículas devem permanecer em uma situação fixa de equilíbrio, estando a amplitude da vibração das partículas provavelmente relacionada à temperatura da molécula. O estado das moléculas orgânicas, por sua vez, basear-se-ia em que “as partículas nas quais elas consistem sempre mudam novamente, através da ação recíproca sob a cooperação da inércia, o arranjo no qual elas se encontram dispostas em um momento qualquer”¹⁵⁶, devendo-se ressaltar que essa mudança deve ser movida por forças internas para que a molécula seja considerada orgânica. A distinção entre moléculas orgânicas e inorgânicas pode ser ilustrada, segundo Fechner, a partir da distinção análoga entre dois sistemas materiais: a relação entre as moléculas de um cristal de sal nos fornece uma imagem da relação entre as partículas de uma molécula inorgânica, enquanto a relação dos corpos celestes de nosso Sistema Solar o faz em relação às partículas das moléculas orgânicas.

¹⁵⁴ O autor indica que entende “como moléculas em geral [*überhaupt*] massas muito pequenas, cujas partículas permanecem em associação mais íntima umas com as outras, assim como com as [partículas] das massas vizinhas, através de forças que se expressam reciprocamente” (FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 1, tradução nossa).

¹⁵⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 1. Tradução nossa.

¹⁵⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 2. Tradução nossa.

Quando duas moléculas inorgânicas entram em contato, poderia haver três resultados distintos: as moléculas se chocam e em seguida se afastam (como bolas de bilhar); as moléculas aderem uma à outra, formando uma associação de moléculas inorgânicas (adesão, coesão); as moléculas se misturam, modificando a posição relativa das suas partículas (dissolução, difusão, ligação química e decomposição química). Na associação das moléculas inorgânicas no estado sólido, o deslocamento das moléculas enfrenta maior resistência e é diferente para as diferentes direções, enquanto no estado líquido é o mesmo para qualquer direção; no estado gasoso, já não haveria qualquer associação entre as moléculas.

Quando moléculas orgânicas entram em contato entre si, também poderia haver três diferentes resultados: as moléculas se chocam e em seguida se afastam; as moléculas aderem uma à outra, associando-se de tal modo que, uma em relação à outra, apresentam apenas vibrações que não perturbam suas posições relativas, mas, no interior de cada uma, têm lugar movimentos de caráter orgânico; ou há uma completa fusão das moléculas, de modo que as partículas circulam entre ambas nos dois sentidos. Esta fusão se daria primeiro no entorno de cada molécula, que se encontra em contato mais próximo com as outras, seguindo depois em direção ao núcleo, e pode ocorrer tanto entre duas moléculas quanto entre séries inteiras de moléculas. No sentido inverso, pode-se pensar também em uma divisão gradual das moléculas orgânicas, que começaria no seu núcleo. Todo o desenvolvimento dos organismos basear-se-ia em uma tal divisão das moléculas, acompanhada do crescimento através da nutrição e da manutenção da associação entre as moléculas. No mesmo sentido, a associação orgânica como um todo poderá também se dividir, partindo do seu núcleo mais denso.

Também seria possível a associação entre moléculas orgânicas e inorgânicas ou entre associações orgânicas e inorgânicas, seja por uma mera adesão de uma à outra ou por uma ligação que envolva troca de material entre ambas. A troca de material poderia ocorrer pela incorporação de material inorgânico por uma associação orgânica (nutrição), pela eliminação de material orgânico de uma associação orgânica, que vem a ser incorporado a uma associação inorgânica (crescimento de ossos e conchas, formação de secreção) ou ainda pela recepção de material orgânico por uma associação orgânica que o incorpora em seu processo e elimina material inorgânico nas massas inorgânicas com que tem contato. Contudo, não haveria uma fronteira rígida entre estados orgânicos e inorgânicos, e partes do organismo, como a pele e os ossos, que estão apenas parcialmente retirados do metabolismo orgânico, corresponderiam

aproximadamente, mas não inteiramente, ao conceito de inorgânico. Todos os organismos superiores, se não também os inferiores, seriam constituídos de partes orgânicas e inorgânicas, ao menos no sentido aproximado que foi indicado, devendo esta combinação satisfazer a condição de que a associação orgânica não pode ser interrompida.

Pode-se pensar também em sistemas em que moléculas inorgânicas realizam, umas em relação às outras, o tipo de movimento encontrado nas partículas das moléculas orgânicas. No processo de nutrição dos organismos, moléculas inorgânicas também podem ser incorporadas às relações orgânicas sem perder o seu caráter inorgânico. Contudo, até onde mostra a experiência, segundo Fechner, não se poderia chegar ao fenômeno da vida apenas através da ação recíproca de materiais inorgânicos.

O movimento das partículas nas moléculas em geral seria condicionado por forças internas e externas, juntamente com a inércia. Fechner propõe então descrever, de modo abreviado, “a dependência de forças internas como espontaneidade [*Spontaneität*], a dependência de [forças] externas como receptividade [*Receptivität*]”¹⁵⁷, conceitos relacionados aqui apenas ao domínio material e não ao mental (*geistig*), como é mais usual. Isso não excluiria, contudo, “que à espontaneidade física esteja conectada uma [espontaneidade] psíquica, a qual, se ultrapassa o limiar psicofísico, [...] é sentida como força motriz [*Triebkraft*] para a modificação de um estado, e está submetida às mesmas leis [*Gesetzlichkeit*] que a [espontaneidade] física”¹⁵⁸. Assim podemos dizer, sintetiza, “que moléculas inorgânicas só podem alterar espontaneamente o lugar de suas partículas, enquanto moléculas orgânicas também podem alterar espontaneamente o seu arranjo”¹⁵⁹.

Os fatos da cristalização e da elasticidade, segundo Fechner, dão apoio à concepção do estado inorgânico que foi apresentada. O arranjo das moléculas em um corpo inorgânico, diz-nos o autor, pode ser alterado através das forças de pressão e tração, ao passo que o arranjo das partículas de suas moléculas só pode ser alterado em menor grau¹⁶⁰. Tal alteração só não pode

¹⁵⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 12. Tradução nossa.

¹⁵⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 12. Tradução nossa. Não nos é claro aqui se Fechner quer dizer que as duas formas de espontaneidade são regidas pelas mesmas leis ou apenas que ambas são igualmente regidas por leis. Esta última oração, no texto original, diz: “[...] *und mit der physischen der gleichen Gesetzlichkeit unterliegt*”.

¹⁵⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 12. Tradução nossa.

¹⁶⁰ Deve-se atentar aqui para a distinção entre a consideração das moléculas e a consideração das partículas das moléculas.

ocorrer de modo nenhum através de forças internas. Se, após a ação daquelas forças, o limite da elasticidade não for ultrapassado, as partículas retornam ao arranjo inicial; caso contrário, elas assumem um novo arranjo.

No domínio orgânico, os fenômenos permitiriam constatar que existem tanto forças responsáveis por movimentos que alteram o arranjo das partículas das moléculas, quanto forças que provocam movimentos vibratórios que não alteram este arranjo. Se “o ser orgânico mais simples que conhecemos”¹⁶¹ pode adotar espontaneamente as mais diversas modificações de forma, através de forças externas de tração ou pressão, isso não seria explicado pelas características do estado inorgânico, sendo antes bem representado pela concepção fechneriana do estado orgânico. Este ser poderia ser considerado como uma molécula orgânica simples, um sistema de moléculas orgânicas ou mesmo um sistema misto de moléculas orgânicas e inorgânicas.

Se os impulsos (*Antriebe*) materiais espontâneos ultrapassam o limiar psicofísico, eles são sentidos, e estes impulsos espontâneos conscientes podem ser considerados como o fenômeno interno que está relacionado essencialmente ao processo material. Fechner comenta que, como havia formulado em *Elemente der Psychophysik*, todo processo material, para tornar-se consciente, precisa ultrapassar um certo grau da “força viva”¹⁶²; caso esse limiar não seja ultrapassado, “o fenômeno permanece ‘inconsciente’ [*unbewusst*]”, podendo-se considerar os movimentos que ocorrem abaixo desse limiar como pertencentes ao “inconsciente” (*Unbewusste*), enquanto os movimentos que ocorrem acima do limiar estariam no domínio do “consciente” (*Bewusste*)¹⁶³.

Do mesmo modo que a constituição orgânica permitiria a modificação espontânea da forma dos seres mais simples, ela também possibilita a locomoção espontânea dos mesmos. A modificação e a locomoção dos seres mais complexos também seriam explicadas pelos mesmos princípios, sendo, contudo, mais limitadas.

¹⁶¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 14. Tradução nossa. Freud também faz recurso, em 1920, à ideia do ser vivo mais simples, mas de uma forma mais imaginativa e abstrata, enquanto Fechner usa exemplos concretos (*Moner, Amöbe, weisses Blutkugelchen*).

¹⁶² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 15.

¹⁶³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 15. Tradução nossa. Ao referir-se ao inconsciente, neste trecho, Fechner o qualifica como um domínio “que desempenha um papel tão grande na psicologia”.

Alguns pequenos organismos, como os rotíferos¹⁶⁴, podem ser levados a um estado aparentemente inorgânico através do ressecamento, ao passo que voltam à vida se são novamente hidratados, contanto que a temperatura durante o ressecamento não tenha sido alta o bastante para provocar a coagulação das proteínas. É difícil saber, diz Fechner, o que distingue o estado em que ainda é possível a revivificação do organismo daquele no qual isto não é mais possível, mas seria mais provável que, no primeiro, os movimentos orgânicos tenham sido suspensos apenas entre as diferentes moléculas, mas ainda continuam a existir no interior de cada uma delas, enquanto, no segundo caso, também no interior das moléculas haveria apenas o estado de movimento inorgânico.

De maneira semelhante aos rotíferos, os grãos de cereal que permaneceram ressecados durante milênios nas pirâmides precisam apenas ser reidratados para germinar, o que se deve ao fato de que os movimentos orgânicos continuam presentes no interior de suas moléculas. Infusórios¹⁶⁵ e mesmo rãs que foram congelados também podem ser trazidos de volta à vida, se descongelados cuidadosamente. O congelamento da água presente no organismo não faz cessar necessariamente o movimento orgânico no interior das moléculas, podendo simplesmente diminuir a amplitude dos movimentos, mas também pode levar à morte do organismo.

O movimento dos líquidos nos organismos pode ser explicado parcialmente por princípios que também regem os movimentos inorgânicos, como a difusão, mas, se eles tivessem surgido apenas em conformidade com estes princípios, eles chegariam a uma “equalização” (*Ausgleichung*)¹⁶⁶, o que não ocorre enquanto há vida. As relações químicas são alteradas pelo

¹⁶⁴ Os rotíferos (*Rotifera*, *Rädertierchen*) constituem um filo de animais invertebrados que possuem de 40 a 2000 µm e habitam, em sua maioria, corpos de água doce. A anidrobiose, fenômeno que será descrito por Fechner, é observada em espécies de rotíferos, tardígrados e nematódeos.

¹⁶⁵ O termo “infusórios” (ou *Infusoria*), hoje obsoleto, foi cunhado em 1763, para designar um conjunto de organismos diminutos observados pela primeira vez em 1675, no início da utilização do microscópio para fins científicos. Esses organismos eram observados na água, por vezes com a infusão intencional de material orgânico, de onde deriva o seu nome. Em 1805, Oken conjecturou que os infusórios seriam formados de células ou vesículas simples, e seriam eles mesmos a base para a constituição dos organismos superiores, o que de certo modo antecipou a concepção que viria a ser estabelecida por Siebold, que, em 1845, reconheceu como unicelulares um conjunto de organismos que reuniu no sub-reino *Protozoa*. Os *Infusoria* passaram então a figurar como uma classe dos *Protozoa*, na qual estavam os organismos dotados de cílios ou apêndices flageliformes (KENT, *A manual of the Infusoria*, 1880-1881) — o que deve corresponder ao significado do termo quando empregado por Fechner.

¹⁶⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 19. Trata-se aqui da equalização das diferenças químicas ou das diferenças de concentração (FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 6).

processo vital, o que se pode pensar como resultado dos movimentos característicos das moléculas orgânicas.

Tomando tudo isso em conjunto, o autor não considera sua concepção da constituição orgânica básica como uma mera hipótese, mas como algo que é exigido pela impossibilidade de explicá-la de outro modo.

A característica básica do fenômeno da vida foi buscada, de acordo com Fechner, em uma composição química mais complexa e em um estado de agregação da matéria intermediário entre o sólido e o líquido (*festweich*, “sólido-mole”¹⁶⁷), que podem ser úteis para a diferenciação entre a constituição orgânica e a inorgânica, mas não são características suficientes para vida, pois um ovo, por exemplo, ao ser cozido, perde o seu caráter orgânico sem perder a sua complexidade química. Ainda se poderia pensar que haveria uma constituição química específica que seria essencial para o estado orgânico, com a existência da qual este estado estaria essencialmente dado, pois seria a única constituição que possibilitaria o tipo de movimento descrito por Fechner como orgânico, o que valeria também para o estado sólido-mole. Contudo, como este estado físico também se apresenta no estado inorgânico, segundo Fechner, a característica essencial distintiva seria ainda o estado de movimento, e não a constituição química ou o estado de agregação da matéria.

As moléculas inorgânicas de mesma composição química, diz Fechner, podem se distinguir entre si pela variação na disposição das partículas, enquanto as moléculas orgânicas podem se distinguir pelas diferenças no movimento de suas partículas, já que, ao contrário das moléculas inorgânicas, seus complicados movimentos podem se dar da maneira mais variada. Poder-se-ia pensar que estas diferenças no movimento intramolecular explicam o desenvolvimento de diferentes criaturas a partir de germes aparentemente semelhantes, mas o autor considera mais provável que isto se deva a maneiras diversas de associação entre as moléculas orgânicas (ou entre estas e moléculas inorgânicas), enquanto a “tendência para estados de movimento estáveis reconduz toda molécula orgânica de mesma composição química a um estado semelhante de movimentos cíclicos internos que só podem ser perturbados por influências

¹⁶⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 20.

externas”¹⁶⁸. A tendência à estabilidade, que estava ainda por ser formulada de maneira explícita, é tomada aqui por Fechner não apenas em seu amplo alcance, mas como um princípio que também auxiliaria na explicação, ainda ausente tanto na sua visão quanto nas outras, de como o germe é capaz de se desenvolver até assumir a forma do corpo materno do qual foi separado:

Confessemos que nós não podemos acompanhar o decurso mecânico aí presente, mas há provavelmente [*wohl*] um princípio bastante geral, o qual ilumina de maneira bastante geral não apenas a realização deste resultado, mas também o modo de desenvolvimento de todo o reino orgânico e mesmo de todo o universo [...]. Sucintamente o chamo de princípio da tendência à estabilidade.¹⁶⁹

1.2.2. Do estado cosmorgânico ao estado molecular-orgânico

Após a formulação do princípio da tendência à estabilidade, que já apresentamos na seção 1.1, a concepção sobre a constituição orgânica será então unida por Fechner a este princípio para elaborar uma teoria sobre a origem da vida que o situa em uma compreensão sobre o estado inicial da Terra. A teoria da descendência da época, como Fechner observa, estava ligada à ideia de que o reino orgânico se formou a partir do reino inorgânico. Os defensores desta ideia, contudo, não conseguiam reproduzir este surgimento da vida a partir do inorgânico, que também parece estar em contradição com o princípio da tendência à estabilidade. “Põe-se um grande peso”, diz Fechner, “no fato de que a química moderna, a partir de substâncias puramente inorgânicas, teria aprendido a criar ureia, ácido fórmico etc., que também são produzidos por organismos”¹⁷⁰, mas ela não foi capaz de reproduzir, nestas substâncias, o estado orgânico de

¹⁶⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 22. Tradução nossa.

¹⁶⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, pp. 22-3. Tradução nossa.

¹⁷⁰ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 42. Tradução nossa.

movimento ou os fenômenos de nutrição, crescimento e reprodução¹⁷¹, o que motivaria uma argumentação em favor de uma inversão desta concepção:

Assim, porém, enquanto o reino inorgânico se mostra incapaz de produzir o orgânico em si a partir de si, vemos diariamente substâncias inorgânicas serem eliminadas [*sich ausscheiden*] em e de [*in und aus*] organismos, em estado líquido ou gasoso, ou formar neles estruturas mais ou menos sólidas, e assim eu penso, embora não conforme essa analogia, mas de acordo com razões mais diretas, que, ao invés de um surgimento e separação [*Ausscheidung*] dos organismos no e a partir do [*in und aus dem*] reino inorgânico, temos também de supor, pelo contrário, um surgimento e separação das massas inorgânicas a partir de um estado originalmente orgânico da Terra, no sentido de nossa explicação do estado orgânico [...].¹⁷²

Haveria uma distinção, contudo, entre este estado orgânico que Fechner atribui à Terra primitiva e o estado orgânico molecular definido inicialmente, já que a distância entre as partículas cujo movimento poderia ser caracterizado como orgânico seria muito maior no caso do nosso planeta, o que motiva Fechner a expor uma formulação conceitual mais precisa:

[...] se quisermos restringir o estado orgânico apenas à dependência de *forças moleculares*, teríamos então de dizer que o orgânico e o inorgânico devem ser pensados como provenientes da diferenciação a partir de um estado da matéria primitiva [*Urmaterie*], ao qual não é inteiramente aplicável nem o conceito dos nossos estados orgânicos atuais nem o dos [estados] inorgânicos. Em todo caso, na medida em que se pode fazer necessária uma distinção entre o estado primitivo [*Urzustand*] da Terra e os estados orgânicos que podem ser observados agora na Terra, o primeiro pode ser designado como cosmorgânico

¹⁷¹ Note-se que até hoje, apesar de ter havido alguns avanços, ainda estamos longe de conseguir reproduzir condições que levam ao surgimento da vida a partir de materiais inorgânicos.

¹⁷² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 43. Tradução nossa.

[*kosmorganisch*], ao passo que o último, como molecular-orgânico [*moleculorganisch*].¹⁷³

De acordo com Fechner, é necessário admitir, nas partículas do nosso sistema planetário em seu estado primitivo, a existência de impulsos em direções divergentes do centro gravitacional do sistema, caso contrário não haveria os movimentos elípticos e a rotação dos planetas hoje observados. Também nas partículas que formariam a Terra, segundo ele, deve-se reconhecer a existência dos mais variados movimentos, tendo neles de haver apenas uma direção predominante, a qual viria a caracterizar os movimentos de rotação e translação, mantendo, porém, o padrão de movimentos internos que caracterizam um organismo:

[...] antes do surgimento do estado sólido [da Terra], as partículas individuais tinham um movimento entre si, através e ao redor umas das outras, para as direções mais variadas, apenas com a conservação da posição do centro de gravidade comum e, no *conjunto*, com a predominância de uma certa direção, através do que elas modificavam espontaneamente e continuamente não apenas o lugar, mas também a organização [*Ordnung*], o que nós reconhecemos como caráter distintivo do estado orgânico em relação ao inorgânico, e conforme ao que toda a Terra entra, de antemão, sob o ponto de vista de um único organismo, sem a intromissão de estados inorgânicos.¹⁷⁴

Mesmo o movimento atual dos planetas no Sistema Solar, segundo Fechner, exhibe um estado de movimento cosmorgânico, ainda que menos complexo e reduzido às órbitas elípticas.

O processo de desenvolvimento da Terra, do seu estado cosmorgânico até o aparecimento dos estados molecular-orgânicos e a sua estabilização, é descrito por Fechner da maneira exposta a seguir. À medida que as partículas que formaram o planeta se tornavam cada vez mais

¹⁷³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 43. Tradução nossa.

¹⁷⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 44-5. Tradução nossa. A ideia, desenvolvida por Fechner em *A visão diurna...*, de que o universo estaria inicialmente em um estado “inteiramente instável” (FECHNER, *Die Tagesansicht...*, 1879, p. 221), apesar de não ser empregada pelo autor em uma reflexão sobre um possível caráter orgânico do universo como um todo em seu estado inicial, suscita naturalmente esta questão.

próximas, os grandes movimentos cosmorgânicos foram se transformando em pequenos movimentos molecular-orgânicos. Uma característica distintiva dos estados molecular-orgânicos, porém, é que eles não podem surgir ou subsistir em temperaturas muito elevadas, o que seria o caso, em determinado período, para toda a massa terrestre, de acordo com uma representação comum. Contudo, o aquecimento só teria tido lugar com a condensação da massa da Terra, a qual ocorreu certamente em torno do seu centro de gravidade, de modo que também a temperatura seria maior nas proximidades deste centro e menor na periferia. Dessa maneira, a formação e a conservação de estados molecular-orgânicos teriam se tornado possíveis nas camadas em que o aquecimento não ultrapassava os limites toleráveis por estes estados. No início do processo de condensação, o aquecimento poderia ser pequeno o bastante para permitir o surgimento de estados molecular-orgânicos mesmo nas proximidades do centro de gravidade; porém, com o avanço do processo de condensação e aquecimento, estes estados teriam sido consumidos pelo calor, e assim se teria repetido progressivamente, do centro para a periferia, este processo de transformação de estados cosmorgânicos em estados molecular-orgânicos, com a posterior destruição destes últimos pelo aquecimento, até que o planeta chegasse a um estado de equilíbrio onde restava apenas a massa molecular-orgânica que ainda se mantém na sua superfície.

Mas não sabemos, continua Fechner, se toda a matéria original da Terra seria capaz de assumir um estado molecular-orgânico ou se precisaria passar por ele no processo de transformação do estado cosmorgânico ao estado inorgânico, sendo provável que tenha havido concomitantemente a passagem direta ao estado inorgânico. Se supusermos que a matéria original em seu estado cosmorgânico se encontrava já em um estado incandescente, segue-se que parte dela teria passado diretamente, durante a condensação, para um estado molecular-inorgânico incandescente, enquanto o resto dessa massa, agora suficientemente resfriada, daria origem ao estado material molecular-orgânico.

Na primeira representação, o estado cosmorgânico original é escuro e frio, enquanto na segunda representação ele é luminoso e quente. Fechner diz não saber decidir entre essas duas concepções ou alguma outra, mas isso não seria necessário. E afirma que a incerteza em relação ao primeiro surgimento de estados molecular-orgânicos, cuja origem cosmorgânica seria apenas hipotética, também se estende às ideias sobre os desenvolvimentos iniciais do reino orgânico na

Terra, que serão apresentadas em seguida, como consequências da hipótese sobre sua origem, e que se afastam bastante da visão dominante sobre o assunto.

1.2.3. O processo de diferenciação do sistema cosmorgânico

O processo de desenvolvimento ou evolução dos organismos é concebido por Fechner, de forma mais destacada, como um processo de diferenciação que parte do sistema cosmorgânico inicial do planeta. A primeira hipótese que, partindo das ideias já elaboradas, Fechner formulará para a explicação do desenvolvimento orgânico será assim o “princípio da diferenciação relacional” (*Princip der bezugsweisen Differenzirung*), que fornece uma compreensão própria para a variação das espécies através do processo de reprodução. A explicação que comumente se dá para o surgimento de criaturas diferentes, diz-nos o autor, é a de que as mudanças ocorridas na Terra fazem com que as criaturas passem a estar expostas a influências externas diferentes, e com isso são modificados tanto o seu próprio organismo quanto os germes que delas se separam para dar origem a novos organismos, entre os quais prevalecerão aqueles que estejam mais aptos a lidar com as condições externas e com a luta pela existência. As forças naturais responsáveis por essas influências externas, contudo, não possuiriam em si o caráter da finalidade (*Zweckmässigkeit*), o qual seria um resultado secundário do processo por elas posto em curso.

Além dos princípios que regem tal explicação, contudo, Fechner crê haver um outro princípio que teria prioridade em relação ao princípio da luta pela existência, a saber, “o princípio de uma dependência mútua das condições de existência das criaturas orgânicas e, em conformidade com isto, de uma complementação mútua”¹⁷⁵. Na teoria de então, este princípio era considerado apenas como uma consequência secundária dos outros princípios, o que decorreria, porém, da concepção do surgimento dos organismos a partir do inorgânico. A concepção do surgimento cosmorgânico, por outro lado, permitiria vislumbrar “um plano unificado do desenvolvimento dos organismos”¹⁷⁶. Apesar de se afirmar que “o egoísmo seria o

¹⁷⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 56. Tradução nossa.

¹⁷⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 57. Tradução nossa.

princípio do mundo, e assim cada um lutaria contra o outro pela sua vida”, na verdade “o egoísmo é apenas o princípio do indivíduo”, sobre o qual se impõe “o egoísmo superior do sistema dos indivíduos”¹⁷⁷.

O princípio da luta pela existência não poderia ser considerado dominante, por exemplo, na relação entre os reinos animais e vegetais, cuja existência é caracterizada por uma interdependência. Apesar de animais de fato comerem plantas, havendo aí portanto uma luta, eles não as eliminam como um todo, dando-se apenas uma limitação da expansão de cada um dos reinos, de modo a assegurar a existência de ambos, já que, afinal, “se os animais destruíssem todas as plantas, eles destruiriam com isso as condições da continuação de sua própria existência, e, se não houvesse mais animais, faltariam às plantas o gás carbônico que os animais expiram, o adubo que eles eliminam, e o auxílio que elas recebem dos insetos na fecundação”¹⁷⁸. Do mesmo modo, os animais carnívoros também não eliminam por completo os herbívoros, que são sua fonte de alimento. E também entre os seres humanos a luta pela existência se daria dentro de certos limites: “Os seres humanos guerreiam uns contra os outros, mas apenas de vez em quando, enquanto eles são dependentes uns dos outros, de maneira essencial e duradoura, para a sua conservação, reprodução e desenvolvimento continuados”¹⁷⁹. Fechner reconhece, contudo, que “as nações cultivadas suplantam aos poucos as selvagens [*roh*]”¹⁸⁰, e que por toda parte os mais bem adaptados suplantam os menos adaptados na luta pela existência, cuja grande importância aqui ainda não superaria, porém, o papel das relações de complementação.

O surgimento da distinção entre os sexos teria ocorrido, de acordo com a teoria da seleção de sua época, a partir de organismos que inicialmente não possuíam essa diferenciação, e acidentalmente sofreram modificações que geraram indivíduos com o caráter masculino e indivíduos com o caráter feminino, de modo que a copulação entre ambos dava lugar à reprodução. Esta diferenciação sexual então teria prevalecido na camada superior do reino animal, devido à vantagem da divisão do trabalho por ela proporcionada. Contudo, Fechner argumenta que a probabilidade de ocorrer ao acaso uma tal diferenciação sexual em dois indivíduos de uma mesma espécie, em um mesmo local e ao mesmo tempo, seria muito baixa, já

¹⁷⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 57. Tradução nossa.

¹⁷⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 58. Tradução nossa.

¹⁷⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 58. Tradução nossa.

¹⁸⁰ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 58. Tradução nossa.

que hoje não vemos isso se repetir nas espécies assexuadas atualmente existentes. Tampouco os princípios da teoria da seleção de então conteriam em si algo que levasse a este processo. E, admitindo-se a ocorrência casual de uma diferenciação sexual desta maneira, ainda assim não se poderia indicar em que medida os indivíduos sexuados teriam vantagem reprodutiva sobre os demais. Embora haja de fato a vantagem da divisão do trabalho, esta vantagem seria convertida em desvantagem, caso a divisão surgisse de início unilateralmente, tendo portanto de esperar que o acaso trouxesse a sua complementação.

O mesmo problema aparece, segundo Fechner, no caso de plantas e insetos que possuem uma relação de dependência, na qual a fecundação das primeiras se dá através da nutrição dos últimos. Para chegar a esse estado de coisas, porém, ambos teriam de ter modificado a sua organização, por causas desconhecidas, e, caso esta modificação não ocorresse simultaneamente em ambos, aquilo que poderia ser uma vantagem competitiva tornar-se-ia uma desvantagem na luta pela existência empreendida entre os seus semelhantes.

A dificuldade apontada nestes dois exemplos “encontra aplicação, no fundo, em mais ou menos todas as relações de complementação no reino orgânico”¹⁸¹, afirma Fechner, defendendo que este problema teórico só poderia ser resolvido através da substituição da teoria então vigente por uma concepção que “se encontra em relação natural com a origem cosmorgânica comum das criaturas e compreende sob si até a relação de complementação do reino orgânico e inorgânico”¹⁸².

Para balizar a sua formulação, Fechner distingue aqui a mera “divisão” (*Spaltung*) de uma massa em várias massas, onde não há mudança na sua constituição interna, e a “diferenciação” (*Differenzierung*), onde a divisão de uma massa gera massas com diferentes constituições internas, em uma relação de complementação (*Massendifferenzierung*), ou um organismo produz germes que darão origem a novos indivíduos, também em relação de complementação (*Keimendifferenzierung*). E expõe então aquilo que denominará diferenciação relacional:

¹⁸¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 62. Tradução nossa.

¹⁸² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 62. Tradução nossa.

Ora, na atual teoria da seleção já se fala em diferenciação, na medida em que o mesmo organismo gera descendentes, os quais, através de influências casuais [zufällig], constituem-se [ausfallen] diversamente nesta ou naquela direção, ou no curso das gerações seguintes se desenvolvem diversamente. Porém, na medida em que se trata aqui de uma diferenciação através da qual, a partir de um organismo, surgem descendentes que, ao invés de serem casualmente [zufällig] diversos, são diversos em uma relação essencial de complementação mútua, eu chamo este tipo de diferenciação de *diferenciação relacional* [bezugsweise Differenzirung], à distinção daquela que se pode chamar de *diferenciação casual* [zufällige Differenzirung], cuja realidade [Tatsache] não se deve enxergar como abolida pela suposição daquela [sic], mas apenas como complementada.¹⁸³

E o “princípio da luta pela existência também não se torna inválido através do princípio da diferenciação relacional”¹⁸⁴, completa Fechner, sendo tomado antes como um corretivo da diferenciação relacional e da diferenciação casual, assumindo em sua concepção, porém, um papel mais secundário do que na teoria à qual ele se contrapõe. Fechner afirma que o princípio da diferenciação relacional é tão hipotético quanto os outros princípios da teoria da descendência, acrescentando a isso a suposição de que a tendência à estabilidade dita os rumos dos processos de diferenciação e mesmo da luta pela existência, que favoreceria os organismos mais estáveis.

Segundo o autor, somos obrigados a supor que a diferença entre os indivíduos resultantes das sucessivas diferenciações no reino orgânico diminuiu com o tempo, não sendo suficiente hoje para dar origem a novas espécies, o que ele apresentará sob o nome de *princípio da variabilidade decrescente*, também orientado no sentido da tendência à estabilidade. Assim como os movimentos cosmorgânicos já não dariam lugar hoje a novas formações de moléculas orgânicas e inorgânicas, não se poderia, do mesmo modo, “atribuir às forças molecular-orgânicas a mesma eficácia que antes para a evocação de novas formações orgânicas, depois que elas, de acordo com o princípio da tendência à estabilidade, já levaram, a esse respeito, a estados

¹⁸³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 63. Tradução nossa.

¹⁸⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 63. Tradução nossa.

aproximadamente estáveis”¹⁸⁵. Assim, de início haveria uma intensa modificação das formas orgânicas através das gerações e das épocas, o que diminuiu com o tempo, até que elas assumissem uma configuração mais fixa.

A ideia de que haveria uma maior variabilidade das formações orgânicas nos tempos iniciais também teria apoio na analogia entre o desenvolvimento do indivíduo e o desenvolvimento do reino orgânico como um todo, já que o embrião também experimenta mudanças mais rápidas no início do seu desenvolvimento.

Fechner enuncia uma hipótese que se apoia na variabilidade decrescente, usando como exemplo certas características dos galos, como a crista e os esporos, relacionadas à luta pela existência. Para o autor, seria duvidosa a ideia de que tais características, assim como todas as constituições úteis dos animais em geral, teriam surgido ao acaso. Ele considera, ao contrário, que, na época em que a variação orgânica ainda era mais fácil, o “esforço psíquico” (*psychische Streben*)¹⁸⁶ era capaz de gerar essas características, se não no próprio indivíduo, ao menos nos seus descendentes (entendendo-se o psíquico aqui como o fenômeno interno de seu correlato físico). Hoje não ocorreria mais a geração destas características nos galos, sendo possível provavelmente apenas um fortalecimento delas.

Estando expostas as concepções e princípios que regem o mundo orgânico, Fechner descreverá então o seu desenvolvimento desde o estado cosmorgânico inicial. Segundo o autor, há uma inclinação geral a “ver no protoplasma a matéria-prima de todo o desenvolvimento orgânico”¹⁸⁷, mas ele considera que os zoófitos protoplasmáticos seriam um resto do desenvolvimento orgânico inicial que seria incapaz de maior desenvolvimento e que participa da constituição dos outros organismos. Caso eles fossem capazes de maior desenvolvimento, argumenta o autor, eles não mais existiriam hoje na forma em que existem, ou exibiriam ainda esta capacidade de desenvolvimento. A ideia de que o desenvolvimento do reino orgânico partiu de um estado protoplasmático inicial seria uma consequência da concepção do surgimento dos organismos a partir do inorgânico, já que aí seria mais provável a ocorrência das condições para a constituição inicial de organismos mais simples. O primeiro organismo, segundo a concepção

¹⁸⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 69. Tradução nossa.

¹⁸⁶ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 72. Tradução nossa.

¹⁸⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 73. Tradução nossa.

fechneriana, deve ser considerado de uma perspectiva diametralmente oposta, como ele assim o descreve:

Por outro lado, se encontra em uma dependência igualmente essencial da pressuposição da origem cosmorgânica dos organismos o ponto de vista de que a partida do desenvolvimento teve lugar em uma única criatura descomunal [*gewaltig*] com a estrutura mais complexa [*verwickelt*], a qual desde o início conduziu, como progenitora [*Stammeltern*] das atuais, através de diferenciação e divisão, a uma grande multiplicidade de criaturas de estrutura diversa.¹⁸⁸

Esta “criatura primeva” (*Urgeschöpf*) seria o próprio sistema cosmorgânico, ou seja, a Terra. A primeira diferenciação relacional teria dado origem aos reinos molecular-orgânico e molecular-inorgânico, que mantiveram entre si uma relação de complementação, enquanto o primeiro deveria também ser compreendido como uma unidade, uma criatura dotada de estrutura interna complexa. O reino orgânico provavelmente logo se misturou com material inorgânico, mas isto não teria caracterizado uma separação na associação orgânica. No processo de diferenciação, a complexidade do sistema cosmorgânico teria sido transferida para o reino molecular-orgânico, que de início seria caracterizado por relações caóticas, ao passo que, de acordo com a tendência à estabilidade, foi aos poucos se organizando em movimentos periódicos. O reino inorgânico se decompôs nos reinos sólido, líquido e gasoso, e com isso o reino orgânico também se diferenciou em reinos diversos, correspondentes aos reinos inorgânicos que habitariam; cada um destes, por sua vez, se separou em diferentes criaturas mais simples.

Além das condições internas das primeiras criaturas, também influenciaram o desenvolvimento orgânico as condições externas a elas, tanto orgânicas quanto inorgânicas, com as quais, desde a diferenciação do reino cosmorgânico, elas possuíam uma relação de complementaridade. Destas criaturas, algumas pereceram na luta pela existência, outras sobreviveram, mas não possuíam as condições internas para um desenvolvimento mais elevado,

¹⁸⁸ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 74. Tradução nossa.

e um terceiro grupo sobreviveu e se desenvolveu em organizações mais complexas, que incluíam tanto a subdivisão de um mesmo organismo em diferentes órgãos quanto as relações de complementação entre diferentes criaturas.

Enquanto a visão dominante se ligava à ideia de que a população de organismos da Terra era mais escassa nos tempos primevos, a concepção do surgimento cosmorgânico dos organismos entende que ela era, ao contrário, mais abundante, e diminui com o tempo, no sentido da tendência à estabilidade. Fechner entende que a variedade das criaturas dispostas molecularmente era maior nos tempos primevos, mas que, por outro lado, a variedade no desenvolvimento de criaturas superiores cresce com o tempo. E, para amparar a sua hipótese, utiliza um exemplo que para nós é especialmente notável, a biodiversidade da Amazônia:

Como é difícil imaginar, por exemplo, o surgimento de uma floresta virgem [*Urwald*] brasileira, que não contém, como as nossas florestas, apenas uma única ou poucas espécies de árvores, mas as mais diversificadas entre si, com uma confusão de trepadeiras, orquídeas etc., com macacos, papagaios, cobras, borboletas, mosquitos etc., se tudo isso devesse ter provindo de germes igualmente dispostos, no mesmo solo, portanto essencialmente sob as mesmas circunstâncias; de onde devem ter vindo as condições para um desenvolvimento tão diverso? De acordo com a nossa concepção, a floresta virgem inteira é apenas um pedaço separado do sistema cosmorgânico que floresceu prosperamente [*zur Entfaltung gediehen*], no qual toda a diversidade daquelas criaturas, e ainda mais do que se pôde conservar, já estava posta de saída, ainda que ela tenha se desenvolvido de maneira distinta, em parte, somente através de diferenciação posterior.¹⁸⁹

¹⁸⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 78. Tradução nossa.

2. FREUD EM TORNO DA TENDÊNCIA À ESTABILIDADE

Como vimos, o princípio da tendência à estabilidade de Fechner se insere na obra de Freud, ao menos em sua menção explícita, em *Além do princípio do prazer*, sendo ali relacionado com o princípio da constância e o princípio do prazer, caracterizados como princípios de regulação das quantidades de excitação. Além destes, o princípio fechneriano parece poder ser relacionado também à pulsão de morte, que é entendida como uma fonte biológica mais primária da qual são expressão em 1920 aqueles princípios neuropsicológicos, podendo talvez ser também considerada um caso especial da tendência física à estabilidade. A compulsão à repetição, por sua vez, que se coloca em 1920 como um princípio biológico ainda mais fundamental, do qual derivaria a pulsão de morte — já que é amalgamada ao próprio conceito de pulsão em geral —, entrará também em nossa consideração, pois, além de sua conexão com os princípios teóricos anteriormente citados, o tema da repetição também está presente, de algum modo, na tendência à estabilidade de Fechner, e alguns comentadores relacionam os dois princípios. Os conceitos freudianos mencionados constituem um campo teórico que se estende desde o início das obras psicológicas de Freud, na década de 1890, até suas obras mais tardias. Cumpre agora analisá-los em detalhe, no interior dessas obras, a fim de estabelecer com precisão o seu significado, a partir do que se poderá posteriormente analisar a sua relação com o princípio de Fechner.

2.1. Os princípios de regulação das excitações

A compreensão freudiana dos princípios que regulam as excitações no sistema nervoso ou no aparelho psíquico tem origem na década de 1890, período em que tomava forma a própria psicanálise, e envolverá sobretudo formulações que concebem uma tendência a manter constante a quantidade de excitações ou a descarregá-las, em afirmações nem sempre precisas e decididas. E uma tendência a buscar o prazer e evitar o desprazer acompanhará esta primeira tendência ao longo da obra, e se consolidará, de maneira mais estável, como o princípio do prazer, relacionado inicialmente à descarga de excitações. Acompanhemolas em seu desenvolvimento.

2.1.1. A gestação da constância (1892-1894)

A ideia de uma constância da quantidade de excitações surge inicialmente nos escritos de Freud no contexto de sua colaboração com Breuer no estudo da histeria. Breuer e Freud já eram amigos quando o primeiro empreendeu o tratamento de Anna O., entre 1880 e 1882, relatando o caso a Freud alguns meses após o fim do tratamento. Entre os anos de 1885 e 1886, Freud realiza um estágio com Charcot em Paris, estudando sobretudo a histeria, e, ao retornar a Viena, se estabelece na clínica de doenças nervosas, empregando inicialmente os métodos terapêuticos tradicionais da época. Insatisfeito com os resultados destes, contudo, passou a fazer uso do método catártico de Breuer, que havia tomado forma no tratamento de Anna O., obtendo com ele alguns êxitos. Nos anos seguintes, Freud emprega este método no tratamento de diversos pacientes, até que, em 1892, Breuer concorda em publicar em conjunto os resultados a que ambos chegaram no estudo da histeria¹⁹⁰.

A primeira menção à constância da soma de excitações aparece, entre os registros que conhecemos, nos esboços da “Comunicação preliminar”, enviados por Freud a Breuer em 1892.

¹⁹⁰ Ver a introdução de James Strachey a BREUER; FREUD, *Estudios sobre la histeria* [1893-95], 1992.

Ali encontramos a referência à “tese da constância [*Konstanz*] da soma de excitação”¹⁹¹, assim como a sua formulação:

[...] o sistema nervoso está empenhado [bestrebt] em manter constante [konstant], em suas condições funcionais [Funktionsverhältnisse], algo que se poderia denominar a “soma de excitação”, e realiza esta condição da saúde na medida em que tramita por via associativa todo aumento sensível de excitação ou o descarrega [abführen] através de uma reação motora correspondente [...].¹⁹²

Em janeiro de 1893, é publicado o artigo conjunto “Sobre o mecanismo psíquico de fenômenos histéricos: comunicação preliminar”, onde Breuer e Freud defendem que grande parte dos sintomas histéricos são ocasionados por traumas psíquicos e podem ser eliminados despertando a recordação do evento traumático e o afeto a ele relacionado, que seria assim descarregado, em um processo que teria um efeito “catártico” e que recebe o nome de “ab-reação”¹⁹³. Ainda que o texto publicado da “Comunicação preliminar” discorra sobre os mecanismos psíquicos pelos quais nos livramos do afeto relacionado a um trauma, entendendo evidentemente esta eliminação como uma condição para a saúde, a tese da constância é ali curiosamente omitida, fazendo sua primeira aparição pública, um tanto discreta, na conferência ministrada por Freud em 11 de janeiro de 1893, no *Wiener medizinischer Club* (Clube Médico de Viena), cujo texto completo foi publicado ainda no mesmo mês¹⁹⁴. Portando o mesmo título principal do texto publicado com Breuer, a conferência aborda basicamente o mesmo conteúdo, ainda que com uma ênfase maior na extensão da importância do trauma na etiologia da histeria. A tese da constância, se assim pudermos chamá-la aqui, aparece sem uma designação própria ou sequer a referência à ideia de constância, atendo-se à noção de redução da excitação:

¹⁹¹ FREUD, “Beiträge zu den ‘Studien über Hysterie’”, 1892, GW 5, AE 183. Tradução nossa.

¹⁹² FREUD, “Beiträge zu den ‘Studien über Hysterie’”, 1892, GW 12-3, AE 190. Tradução nossa.

¹⁹³ BREUER; FREUD, “Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: comunicación preliminar” [1893], 1992. Breuer observará, no início do seu capítulo teórico aos *Estudios sobre histeria*, que o título da comunicação preliminar expressava que eles não reclamavam “validade irrestrita” para a teoria ali defendida em relação aos sintomas histéricos (BREUER; FREUD, *Estudios sobre la histeria* [1893-95], 1992, p. 162).

¹⁹⁴ Segundo Strachey, apesar de no manuscrito constarem as palavras “Pelo Dr. Josef Breuer e o Dr. Sigmund Freud, de Viena”, a conferência parece ser de autoria exclusiva de Freud.

Se um ser humano experimenta uma impressão psíquica, em seu sistema nervoso é acrescido algo que no momento chamaremos a soma de excitação. Há, pois, em todo indivíduo, para conservar a sua saúde, o esforço [*Bestreben*] para reduzir novamente esta soma de excitação. O acréscimo da soma de excitação ocorre em vias sensoriais, a redução, em vias motoras. Pode-se dizer, portanto, que, se algo acontece [*zustoßen*] a alguém, reage-se a isso de forma motora [*motorisch*]. Pode-se agora tranquilamente afirmar que dessa reação depende quanto da impressão psíquica inicial restará.¹⁹⁵

Tanto na formulação que encontramos nos esboços da “Comunicação preliminar”, quanto naquela presente no texto da conferência de Freud, o princípio regulador em questão não chega nem mesmo a ser denominado “princípio”, sendo descrito como um esforço pela redução das excitações recebidas pelo sistema nervoso, e apenas o primeiro destes textos emprega a noção de constância.

No “Manuscrito D”, rascunho enviado a Fliess que contém o que parece ser o plano de um livro nunca escrito sobre as neuroses, aparecem menções diversas ao que é ali chamado com destaque de “teoria da constância”¹⁹⁶. Como o manuscrito é composto apenas de tópicos, não traz formulações que nos permitam um acesso em detalhe ao pensamento de Freud, mas é significativo por frisar a importância atribuída à ideia de constância, que aí figura no primeiro plano. Ademais, alguns tópicos parecem prenunciar ideias que viriam a ser desenvolvidas cerca de um ano depois no *Projeto*.

No artigo “As neuropsicoses de defesa”, publicado em 1894, não se falará tampouco de um princípio ou mesmo de um esforço de regulação das excitações, mas terá lugar uma formulação mais explícita sobre a ideia de soma de excitação, e se tratará da sua descarga terapêutica, no contexto de uma explicação mais detida de alguns sintomas psicopatológicos a partir justamente da ideia de defesa. Freud afirma que, em uma das formas de histeria, que

¹⁹⁵ FREUD, “Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene”, 1893, SA 21, AE 37. Tradução nossa.

¹⁹⁶ FREUD, “Manuscrito D”, AE, v. 1, p. 226. O documento não é datado por Freud, estimando-se que foi escrito em 1894.

chama de histeria hipnoide, conseguiu demonstrar que “a cisão do conteúdo de consciência é a consequência de um ato voluntário [Willensakt] do doente”¹⁹⁷. Nas histerias de retenção, a reação a um estímulo traumático simplesmente não teria ocorrido, o que seria solucionado através da adequada ab-reação. Em um terceiro quadro patológico, por sua vez, denominado por Freud de histeria de defesa, a pessoa teria decidido esquecer um conteúdo psíquico que despertou nela um afeto demasiado penoso (“einen so peinlichen Affekt”¹⁹⁸), por se tratar de algo inconciliável com o restante da sua vida psíquica — o que ocorreria, no caso das pacientes mulheres, geralmente no âmbito da vida sexual; o fracasso em “esquecer” um tal conteúdo psíquico poderia ocasionar uma histeria, uma ideia obsessiva ou uma psicose alucinatória.

Como não seria possível ao “eu” extinguir a representação indesejada, a solução viável que é levada a cabo consiste em “converter esta representação intensa em uma fraca, arrancar-lhe o afeto, a soma de excitação [Erregungssumme] com a qual ela está marcada”¹⁹⁹. A ideia deixará, desse modo, de se impor ao pensamento, mas a soma de excitação que dela foi separada não desaparece, havendo de ter portanto um outro destino, que será, no caso da histeria, a conversão para uma inervação corporal que contenha alguma relação com a “vivência traumática”. O método catártico desenvolvido por Breuer, informa-nos Freud, busca solucionar o problema ao efetuar uma “recondução da excitação, com consciência da meta, do corporal para o psíquico, para forçar então a reconciliação da contradição através do trabalho do pensamento e a descarga [Abfuhr] da excitação através da fala”²⁰⁰. Em uma ocorrência incomum de um termo marcadamente fechneriano, Freud se refere, no mesmo parágrafo do trecho citado, aos “processos psico-físicos” (*psycho-physische Vorgänge*) que ocorrem na histeria, e afirma, mais adiante, que “podemos citar como uma parte importante da disposição para a histeria, que aliás ainda é desconhecida, a aptidão psico-física [*psycho-physische Eignung*] para a transposição para a inervação corporal de somas tão grandes de excitação”²⁰¹. Supondo a presença desta

¹⁹⁷ FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 292, AE 48. Tradução nossa.

¹⁹⁸ FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 292, AE 49.

¹⁹⁹ FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 294, AE 50. Tradução nossa.

²⁰⁰ FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 295, AE 51. Tradução nossa.

²⁰¹ FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 296, AE 52. Tradução nossa. O uso do termo aqui não parece refletir, no entanto, uma coincidência com a concepção de Fechner sobre a relação entre mente e corpo, que os entende como os fenômenos interno e externo de um mesmo processo. O uso freudiano, por outro lado, parece fazer referência à relação entre aquilo que, no sistema nervoso, corresponde ao psíquico e, digamos assim, o resto do corpo.

disposição, o adoecimento histérico só ocorreria de fato, contudo, “no caso de uma inconciliabilidade psíquica ou uma acumulação da excitação”²⁰².

Se ocorre uma tal separação entre uma representação e seu afeto em uma pessoa que não seja dotada da disposição para a conversão, por outro lado, o afeto permaneceria no domínio psíquico e se ligaria a outras representações (“ligação falsa”), que assumiriam então o caráter obsessivo. Evitando ainda um juízo universal taxativo, Freud afirma que, em todos os casos que analisou até o momento, demonstrou-se que a fonte dos afetos que sofrem esse destino seria o domínio da sexualidade. Ademais, diz considerar que “se poderá demonstrar o mecanismo da *transposição* do afeto na grande maioria das fobias e representações obsessivas”²⁰³.

Além dos resultados do mecanismo de defesa que se consomem nos quadros da histeria e das ideias obsessivas, haveria ainda um terceiro desenrolar possível do processo, o qual desencadeará uma psicose, na medida em que o sujeito “recusa” (*verwerfen*) a entrada na consciência da ideia que não pode suportar, adentrando um estado de confusão alucinatória que põe no primeiro plano uma representação desejada, a qual fora ameaçada por aquela que veio a ser rejeitada.

Ao final do artigo, Freud expõe então a conhecida formulação da “representação auxiliar” (*Hilfsvorstellung*) que esteve ao fundo das suas explicações teóricas sobre as neuroses de defesa:

[...] pode-se distinguir nas funções psíquicas algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade — mesmo que não possuamos nenhum meio para medi-la — algo que é capaz de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e se espalha sobre os traços mnêmicos das representações, mais ou menos como uma carga elétrica sobre as superfícies dos corpos.²⁰⁴

²⁰² FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 296, AE 52. Tradução nossa.

²⁰³ FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 302, AE 58-9. Tradução nossa.

²⁰⁴ FREUD, “Die Abwehr-Neuropsychosen”, 1894, GS 305, AE 61. Tradução nossa. Strachey aponta que, apesar de parecer haver, aqui e em outros lugares da obra de Freud, uma identificação entre excitação e afeto, há em outros momentos uma distinção mais clara, que entenderia o afeto como o processo que envolve a descarga de excitações e as sensações daí decorrentes (cf. STRACHEY, “Apêndice. Surgimiento de las hipótesis fundamentales de Freud”, 1986, p. 65).

2.1.2. Breuer e o princípio da constância (1895)

A próxima aparição pública da constância freudiana, após sua discreta estreia, não se dá também da maneira mais destacada e direta, já que ocorre sob a pena de Breuer, que, no capítulo teórico dos *Estudos sobre histeria*, credita a ideia a Freud e a apresenta pela primeira vez sob os títulos de tendência e princípio. Breuer afirma, no início de sua contribuição teórica, que adotará ali “o uso quase exclusivo da terminologia psicológica”²⁰⁵. Contrapõe-se à tese de Moebius de que todos os sintomas histéricos são ideogênicos, afirmando, em lugar disso, que muitos deles o são, mas que este número seria na época provavelmente subestimado. Expõe a tese de que os aparelhos responsáveis pela percepção e pela memória não podem ser o mesmo, pois o segundo tem de se caracterizar pela retenção, enquanto o primeiro deve sempre restituir o seu estado original, a fim de prover novas percepções diversas, ideia que será retomada por Freud em diversos momentos. A alucinação, de acordo com Breuer, se deveria a uma excitação retrocedente, do órgão da memória para o órgão perceptivo, compreendendo o sonho como um processo alucinatório presente nas pessoas saudáveis, tese que será retomada por Freud no *Projeto* e na seção B do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Afirma que apenas aqueles dotados de uma “excitabilidade anômala do sistema nervoso”²⁰⁶ estariam suscetíveis a que ideias ou outros estímulos provocassem um quadro patológico. Os casos em que há uma relação evidente entre o sintoma histérico e a ideia que o desencadeou poderiam ser facilmente explicados a partir da excitabilidade anormal. Já os casos em que uma tal relação não está presente seriam explicados a partir do conceito de uma “excitação que precisa ser escoada ou ab-reagida”²⁰⁷, ideia que Breuer cita erroneamente como se estivesse presente na “Comunicação preliminar”, no que poderia ser um sintoma do imbróglio em torno das suas hesitações em aderir às ideias que Freud procurava avançar. Afirma, contudo, que a noção que teria sido mencionada, sem muitas cerimônias, no texto de 1893, seria algo de grande importância e exigiria uma elaboração cuidadosa, à qual se dedicará em seguida.

²⁰⁵ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 161, AE 197. Tradução nossa.

²⁰⁶ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 166, AE 202. Tradução nossa.

²⁰⁷ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 167, AE 203. Tradução nossa.

A segunda seção do capítulo de Breuer se propõe a tratar, já em seu título, da “excitação tônica intracerebral” e dos “afetos”. O autor destaca as características psíquicas do estado de vigília e do sono (bem como dos sonhos), para explicar a sua diferença a partir da hipótese de que, durante a vigília, as vias neurais estão em um estado de excitação tônica que permite que as vias de condução e associação sejam inteiramente transitáveis, o que não seria o caso no estado de sono. Assim, a existência de uma certa quantidade de excitação, distribuída na rede cerebral, permitiria que o aparelho estivesse em repouso, mas pronto para o trabalho, especificando-se ainda, no sentido da ideia de constância, que “o estado normal da vigília lúcida condiciona uma magnitude de excitação intracerebral que oscila dentro de limites não muito amplos”²⁰⁸. Nos diversos estados intermediários entre o sono completo e a vigília, haveria, correspondentemente, diferentes graus de excitação. Apesar da quantidade total de excitação se manter relativamente constante em determinado estado, a sua distribuição, porém, seria desigual, de acordo com a atividade realizada, o que poderia ser explicado, segundo Breuer, a partir do conceito de Exner de “facilitação atencional” (*attentionelle Bahnung*).

No total, Breuer conceberá três tipos de energia presentes no sistema nervoso:

Portanto, além da energia potencial que está em repouso na composição química da célula, e daquela forma de energia cinética, por nós desconhecida, que corre no estado de excitação da fibra, teríamos de supor mais um estado em repouso da excitação nervosa, a *excitação tônica* ou *tensão nervosa*.²⁰⁹

Esta concepção de Breuer é semelhante, ainda que não idêntica, àquela que tomará forma em Freud nas distinções entre energia livre e energia ligada, e processo primário e processo secundário, que, como aponta Strachey em nota à passagem citada, aparecem inicialmente no *Projeto* e em *A interpretação dos sonhos*, sem referência a Breuer, e mais tarde em “O

²⁰⁸ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 169-70, AE 206. Tradução nossa.

²⁰⁹ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 169, AE 205-6. Tradução nossa. O conceito de “força viva” (*lebendige Kraft*) aparece aqui, na mesma passagem, atribuído à água corrente, no contexto de uma analogia entre a excitação nervosa, o movimento das águas e a eletricidade. Curiosamente, Breuer também usa a expressão “energia cinética”, referindo-se agora à própria excitação, como vimos no trecho citado. Em outra passagem, o autor usa ainda a expressão “energia viva” (*lebendige Energie*), ao que parece com o mesmo sentido (*Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 171, AE 208).

inconsciente” e *Além do princípio do prazer*, atribuindo agora sua origem ao coautor dos *Estudos sobre histeria*. Um diferencial maior da concepção de Breuer, contudo, está certamente na consideração de uma forma de energia potencial presente na constituição química das células, o que não parece ser levado em conta nas teorias freudianas. No mesmo sentido, Breuer afirma que “o desenvolvimento de energia está fundado no processo vital dos próprios elementos cerebrais”²¹⁰, como o demonstraria o fato de que despertamos espontaneamente do estado de sono, mesmo sem qualquer estímulo exterior. Durante o sono, o cérebro recomporia gradualmente a quantidade de excitação nele presente, de modo que, ao ultrapassar um certo nível, a excitação excedente transbordaria para as demais vias nervosas e as facilitaria, levando o sistema, portanto, ao estado de vigília. Também neste estado, por sua vez, aumenta-se a excitação intracerebral durante o repouso, de modo que, caso esta excitação não seja convertida em alguma forma de atividade, será vivenciada no desprazer do tédio. A constatação dessa necessidade de descarregar os eventuais excessos de excitação intracerebral dá então a ocasião para a formulação, por Breuer, da tendência freudiana à constância:

Os elementos cerebrais completamente reconstituídos liberam, portanto, também em repouso, uma certa medida de energia, que, se não empregada funcionalmente, aumenta a excitação intracerebral. Isto produz um sentimento de desprazer. Tais [sentimentos] surgem sempre que uma necessidade do organismo não encontra satisfação. Como os [sentimentos] aqui discutidos desaparecem quando o *quantum* de excitação excedente liberado é empregado funcionalmente, inferimos que esta remoção do excesso de excitação seria uma necessidade do organismo, e aqui nos deparamos pela primeira vez com o fato de que no organismo existe a “*tendência a manter constante a excitação intracerebral*” (Freud).²¹¹

²¹⁰ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 169-70, AE 207. Tradução nossa.

²¹¹ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 171, AE 208. Tradução nossa. Pouco depois, Breuer se refere ao princípio como “uma tendência do organismo a manter constante a excitação tônica cerebral” (Deuticke 172, AE 209).

É curioso que, mesmo concebendo uma recomposição da quantidade de excitação no sistema nervoso (durante o sono), Breuer, ao apresentar a formulação da tendência à constância, atém-se a descrevê-la apenas a partir da eliminação de excitações. Ele afirma ainda que um tal excesso de excitação faz surgir um “impulso” (*Trieb*)²¹² para gastá-lo. As diferenças individuais entre pessoas mais ou menos ativas se explicaria, assim, também a partir de uma diferença na quantidade de excitação intracerebral produzida e liberada.

De acordo com Breuer, a hipótese da tendência à constância, referida aqui como “o empenho em conservar o ótimo da excitação e alcançá-lo novamente depois que ele tenha sido ultrapassado”²¹³, ainda encontraria apoio na existência de outras formas semelhantes de regulação do organismo, como as que mantêm em um nível constante a temperatura média e a quantidade de água do sangue, entre outras — o que posteriormente receberia o nome de homeostase. Segundo o autor, se o acréscimo de “energia livre” (*freie Energie*)²¹⁴ não é distribuído igualmente nas atividades mentais, ele dará origem a um estado de desequilíbrio e aos afetos. “O princípio da constância da excitação [*Prinzip der Konstanz der Erregung*]”, diz Breuer, “difícilmente terá eficácia frente a esse desequilíbrio [*Aufregung*]”²¹⁵, quando se tratar do estado provocado pelas necessidades de oxigênio, alimento e água (“as grandes necessidades fisiológicas e pulsões [*Triebe*] do organismo”²¹⁶), já que estas se sobreporiam ao interesse da manutenção da excitação intracerebral em um nível constante²¹⁷. “A pulsão sexual [*Sexualtrieb*]”, por sua vez, seria “certamente a fonte mais poderosa de aumentos persistentes de excitação (e, como tal, de neuroses)”²¹⁸. A excitação sexual, que surgiria na puberdade, inicialmente indeterminada, ligar-se-ia posteriormente com uma representação, que se tornaria

²¹² BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 172, AE 208. Tradução nossa.

²¹³ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 173, AE 209-10. Tradução nossa.

²¹⁴ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 173, AE 210. Breuer usa aqui a expressão “energia livre” em um sentido que não é muito bem precisado no contexto, mas que parece designar a excitação nervosa corrente, o que aproximaria este uso da expressão ao uso dela feito posteriormente por Freud.

²¹⁵ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 174, AE 211. Tradução nossa. Esta é a primeira utilização do termo “princípio” para designar o conceito.

²¹⁶ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 173, AE 210. Tradução nossa.

²¹⁷ No *Projeto*, como veremos logo adiante em detalhe, a coisa se dá de forma diferente. As necessidades vitais ali obrigam o sistema nervoso a renunciar à tendência para a descarga total, e não à tendência para a constância, como em Breuer. Enquanto Breuer atribui ao *Trieb* o papel de disruptor da tendência à constância, no *Projeto* de Freud as pulsões são justamente as responsáveis pelo estabelecimento de uma espécie de tendência à constância, que surgirá no lugar do esforço pela descarga total.

²¹⁸ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 174, AE 211. Tradução nossa.

então uma “representação afetiva”, na medida em que sua presença na consciência passa a desencadear o aumento de excitação a ela agora associado.

Os afetos se caracterizariam por uma distribuição desigual da excitação no sistema nervoso. Os afetos agudos perturbam o curso do pensamento, caracterizando-se por um aumento de excitação de uma magnitude tal que não podem ser aliviados pela mera atividade associativa. Dentre estes, os afetos estênicos²¹⁹ realizam essa descarga pela ação motora, enquanto o afeto astênico do terror (*Schreck*), sobretudo, “paralisa imediatamente tanto a motilidade como a associação”, e sua excitação “só desaparece através de uma nivelção paulatina”²²⁰, o que, caso não se consiga realizar, dará origem a um quadro patológico. Pode-se desenvolver, desse modo, um sintoma histérico, quando a reação a uma tal carga afetiva de alta intensidade se dá através de uma conversão da excitação em vias corporais inadequadas, reação que seria novamente desencadeada pela recordação da vivência original, que receberá o nome de *trauma psíquico*²²¹.

De maneira semelhante, uma conversão histérica poderia ocorrer a partir do conflito entre representações inconciliáveis — que se dá em sua maioria, segundo Breuer, entre a moral e a vida sexual —, quando à excitação que daí provém se recusa o alívio pela fala, caracterizando o que Freud denominou como histeria de retenção. Menos acessíveis ainda seriam, contudo, os sintomas histéricos que têm sua origem em vivências cujas representações estão afastadas da associação, e portanto não podem nem por meio desta encontrar eventual descarga da excitação patogênica, mencionando-se aqui dois destes casos: a defesa ou repressão, onde as representações penosas são afastadas voluntariamente da consciência, e o caso em que a representação é inacessível por ter surgido em um estado hipnoide.

²¹⁹ Do grego *sthénos*, “força”.

²²⁰ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 176, AE 213. Tradução nossa.

²²¹ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 183, AE 220.

2.1.3. Descarga e constância no *Projeto de 1895*

No *Projeto de uma psicologia científica*, escrito por Freud em 1895, pouco depois da publicação dos *Estudos sobre histeria*, encontramos um arcabouço teórico bastante elaborado que busca explicar os processos psíquicos em termos neurológicos, circunscrevendo em suas hipóteses básicas a ideia, que tomara forma nos anos anteriores, de um princípio que procura manter constante a quantidade de excitação do sistema nervoso, sobretudo através da sua descarga. De início, Freud formula o princípio da inércia neuronal, segundo o qual o neurônio “aspira a libertar-se de Q”²²² — isto é, da quantidade de excitação nervosa —, o que determinará a função primária do sistema nervoso como um todo:

O princípio da *inércia* explica, primeiro, a arquitetura bipartida [dos nervos] em motores e sensoriais como dispositivo para cancelar a recepção de Q̇ pela entrega [Abgabe] de Q̇. O movimento reflexo é agora compreendido como forma consolidada desta entrega. O princípio [da inércia] dá o motivo para o movimento reflexo. [...] Um sistema nervoso primário emprega esta Q̇, assim adquirida, para entregá-la por meio da ligação com os mecanismos musculares e conservar-se, assim, sem estímulo. Esta eliminação [Abfuhr] representa a função primária do sistema nervoso.²²³

Strachey faz uma identificação entre o princípio da constância e o princípio da inércia neuronal²²⁴ que a nosso ver é equivocada, como já notado por Simanke²²⁵. Em primeiro lugar, o princípio da inércia neuronal se refere ao neurônio individual, enquanto o princípio da

²²² FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 305, Imago 176. Tradução de O. F. Gabbi Jr.

²²³ FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 306, Imago 176. Tradução de O. F. Gabbi Jr. A abreviação que Freud usa para as quantidades de excitação nervosa, que aparece nesta edição da Imago como “Q̇”, foi por nós substituída por “Q̇”, como consta nas edições da Fischer e da Amorrortu.

²²⁴ Cf. STRACHEY, “Apêndice. Surgimiento de las hipótesis fundamentales de Freud”, 1986, pp. 66-8. Em outros momentos, contudo, Strachey não faz uma identificação estrita entre os dois princípios. Em nota ao *Projeto*, ele identifica o princípio da constância à “forma ampliada” da formulação do princípio da inércia neuronal, isto é, aquela que abarca a função secundária (AE 340). E, na introdução editorial à *Traumdeutung*, ele afirma que o princípio da inércia neuronal seria “um princípio correlato ao ‘princípio da constância’” (SA 18).

²²⁵ Cf. SIMANKE, “Fontes científicas”, 2020, pp. 372-3.

constância, em seus enunciados, se refere à totalidade do sistema nervoso ou do aparelho psíquico. Esta é, contudo, uma imprecisão de menor significado. O que cremos ser necessário chamar à atenção é a diferença que há entre uma tendência a manter constante o nível de excitação, como se coloca sobretudo nos enunciados do princípio anteriores ao *Projeto*, e uma tendência a descarregar totalmente a excitação, o que é apresentado pela primeira vez nesta formulação do princípio da inércia neuronal e da função primária do sistema nervoso. Algumas formulações do princípio feitas posteriormente por Freud, como veremos, são ambíguas a respeito desta distinção, ou mantêm declaradamente uma indefinição entre as duas alternativas, o que torna mais árduo o trabalho do comentador e talvez dê até algum apoio à identificação feita por Strachey. Julgamos necessário, contudo, com fins de clareza conceitual e teórica, efetuar esta distinção, que nem sempre aparecerá no texto freudiano. Isto se torna certamente mais premente quando nos colocamos a tarefa de contrastar as teorias de dois autores.

No *Projeto* de 1895, contudo, encontramos em um solo teórico mais elaborado no que diz respeito a estes princípios, tendo aqui lugar distinções que não são colocadas em outros momentos e que apontam para o esclarecimento conceitual que temos em vista²²⁶. Na sequência do texto, com efeito, Freud apontará que, além dos estímulos exógenos, que podem ser interrompidos com o movimento provocado pela quantidade de excitação dos mesmos, o organismo também recebe estímulos do interior do corpo, que não podem ser eliminados do mesmo modo, exigindo a realização de uma ação específica no mundo externo, a qual exigirá quantidades superiores às aquelas provenientes dos estímulos. Desse modo, torna-se inevitável o abandono ou modificação do princípio da inércia e da sua função primária:

Com isto, o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível = 0. Ele tem de permitir a ocorrência de armazenamento de $Q\eta$ para satisfazer a exigência da ação específica. Na forma como o armazenamento se faz, mostra-se, no entanto, a permanência da mesma

²²⁶ Ver, no mesmo sentido, a exposição de Monzani a esse respeito, que argumenta que a ambiguidade presente nas formulações feitas em *Além do princípio do prazer* acerca da tendência dominante do aparelho psíquico é clarificada no modo como a questão é elaborada no *Projeto* (MONZANI, *Freud*, 1989, pp. 199-204).

tendência, modificada no esforço de manter a Q₁ no menor nível possível, em defender-se contra a elevação, ou seja, em mantê-la constante.²²⁷

Este modo de funcionamento que inclui a concessão em armazenar quantidades de excitação é apresentado por Freud como a função secundária do sistema nervoso²²⁸, e sua formulação é muito semelhante às formulações do princípio da constância feitas por Freud em *Além do princípio do prazer*, que incluem tanto a referência à constância quanto à diminuição ou manutenção da excitação no mais baixo nível possível. As formulações de 1920 também contêm, no entanto, a menção explícita à abolição total da excitação, que está presente apenas de modo implícito na função secundária do *Projeto*. Do mesmo modo, é difícil não notar a semelhança entre a concepção da relação entre as funções primária e secundária aqui presente e o modo como Freud formulará posteriormente os princípios de prazer e de realidade, em que o segundo é concebido como uma modificação ou substituição do primeiro, destinada a garantir de modo mais seguro a meta original do prazer.

Freud ainda identificará, no *Projeto*, a tendência a evitar a dor com a função primária do sistema nervoso: “O sistema nervoso tem a mais decidida inclinação [*Neigung*] para fuga da dor. Distinguímos nesta inclinação a exteriorização da tendência [*Tendenz*] primária contra o aumento de tensão de Q₁ [...]. Portanto, as duas tendências são uma só”²²⁹. No mesmo sentido se dá, naturalmente, a consideração da evitação do desprazer, em uma formulação inicial do princípio do prazer, onde já se relaciona as sensações de prazer e desprazer à diminuição e ao aumento da quantidade de excitação:

Mas até agora descrevemos de forma incompleta o conteúdo da consciência; ele mostra, fora a série [*den Reihen*] das qualidades sensoriais, uma outra série

²²⁷ FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 306-7, Imago 177. Tradução de O. F. Gabbi Jr.

²²⁸ Há, contudo, uma ambiguidade naquilo que Freud considera a função secundária, pois inicialmente se refere a ela como a manutenção privilegiada das vias de descarga que proporcionam a fuga do estímulo exógeno, mas sem mencionar a necessidade do acúmulo de quantidades, ao passo que, após o trecho citado anteriormente, a função secundária é referida como este modo de funcionamento exigido pelos estímulos endógenos, isto é, pelas necessidades vitais. Esta primeira referência a uma função secundária, contudo, parece poder ser preterida em favor da segunda, por se tratar de uma referência marginal que não é retomada na obra de Freud.

²²⁹ FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 315-6, Imago 186. Tradução de O. F. Gabbi Jr.

muito diferente daquela, a série das sensações de *prazer* e *desprazer*, que necessita agora de interpretação. Uma vez que é certamente conhecida por nós uma tendência [*Tendenz*] da vida psíquica para *evitar desprazer*, estamos tentados a identificá-la [*identifizieren*] com a tendência primária para a inércia [*primären Trägheitstendenz*]. Logo, *desprazer* corresponderia ao aumento do nível de $Q\eta$ ou ao crescimento quantitativo de pressão [*Druck*]; o *desprazer* seria a sensação ω no caso de um acréscimo de $Q\eta$ em ψ . Prazer seria a sensação de eliminação.²³⁰

Baseando-se nessa passagem, Strachey afirma que Freud, no início, pensava que o princípio da constância e o princípio do prazer “estavam intimamente ligados e eram talvez idênticos”²³¹, e diz que apenas em 1924 ele “demonstrou a necessidade de distinguir os dois princípios”²³². Como veremos, Freud de fato oscila nesse momento e em outros diante da tentação de identificar os dois princípios, e somente em “O problema econômico do masoquismo” fará realmente uma separação mais decidida, munido então dos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte.

2.1.4. Descarga e inibição: a omissão da constância (1899-1915)

No esquema teórico elaborado no sétimo capítulo da obra *A interpretação dos sonhos*, publicada em fins de 1899, mas com a data de 1900, a função primária do sistema nervoso ganha novamente expressão, transposta agora ao terreno do aparelho psíquico:

²³⁰ FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 320-1, AE 356, Imago 190-1. Tradução de O. F. Gabbi Jr. A título de esclarecimento, apontemos que Freud faz referência aqui aos sistemas de neurônios que comporiam o sistema nervoso, segundo a concepção que elabora no *Projeto*: o sistema φ seria responsável pela *percepção*, deixando passar as excitações e retornando ao seu estado inicial; o sistema ψ , que seria alterado de modo permanente pelas excitações, seria o portador da *memória*; e o sistema ω , por sua vez, receberia apenas o “período” das excitações e seria o responsável pela *consciência*.

²³¹ STRACHEY, “Apêndice. Surgimiento de las hipótesis fundamentales de Freud”, 1986, p. 65.

²³² STRACHEY, “Apêndice. Surgimiento de las hipótesis fundamentales de Freud”, 1986, p. 66.

Hipóteses a serem justificadas de outro modo nos dizem que de início o aparelho obedecia à tendência [*Bestreben*] de se manter tão livre de estímulos quanto fosse possível, e por isso assumiu em sua primeira construção o esquema do aparelho reflexo, que lhe permitia descarregar de imediato por via motora uma excitação sensível que o atingia de fora.²³³

Esta tendência à descarga total e desinibida será, contudo, de acordo com Freud, perturbada pelas necessidades vitais, que se impõem, não como estímulos momentâneos que podem ser eliminados pela mera atividade motora reflexa, mas como excitações constantes que somente se farão cessar mediante uma ação que leve à vivência de satisfação — o que, no caso do bebê, é realizado através do auxílio de outrem. Na próxima vez que surgir a excitação da necessidade interna, seriam investidos de forma alucinatória os traços mnêmicos da situação que levou à primeira satisfação, o que, no entanto, não produziria a modificação interna que faria cessar o estímulo. O desejo buscaria reproduzir a percepção da vivência de satisfação, o que constituiria a realização do desejo. Esta teria de ser buscada, contudo, não através da ineficaz reprodução alucinatória, mas mediante uma “inibição” (*Hemmung*)²³⁴ do curso primário da excitação e a sua condução por vias que levem ao reencontro da imagem mnêmica desejada em uma percepção do mundo externo. Essa atividade secundária é atribuída por Freud aqui ao segundo de dois sistemas psíquicos que seriam os germes do inconsciente e do pré-consciente²³⁵. Enquanto a atividade do primeiro sistema “está orientada para o *livre escoamento das quantidades de excitação*”, o segundo sistema, segundo Freud, “produz uma *inibição* [*Hemmung*] desse escoamento, uma transformação em investimento em repouso, certamente [*wohl*] com uma elevação de nível”²³⁶. Estes dois modos de funcionamento do aparelho serão denominados por Freud, na sequência, de processo primário e processo secundário. O modo de

²³³ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 538, LPM 593. Tradução de R. Zwick.

²³⁴ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 540, LPM 594. Tradução de R. Zwick.

²³⁵ No *Projeto*, onde ainda não havia a distinção entre inconsciente e pré-consciente, essa atividade era atribuída ao “eu”, que talvez corresponda a este segundo sistema que não é nomeado aqui por Freud.

²³⁶ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 569, LPM 628. Tradução de R. Zwick. O trabalho da inibição também aparece como a noção muito próxima — ou idêntica — de *ligação*: “Portanto, há duas saídas para cada processo inconsciente de excitação. Ou ele fica entregue a si mesmo, finalmente irrompe por um lugar qualquer e consegue uma descarga na motilidade para sua excitação, ou é submetido à influência do pré-consciente e sua excitação é *ligada* [gebunden] por este em vez de *descarregada* [abgeführt].” (FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 550-1, LPM 606, tradução de R. Zwick).

trabalho secundário, contudo, manteria a intenção primária: “toda a complexa atividade de pensamento que se desenvolve da imagem mnêmica até a produção da identidade perceptiva pelo mundo exterior representa apenas um *rodeio para a realização de desejo* tornado necessário pela experiência”²³⁷. Apesar da referência à elevação de nível pela inibição produzida pelo segundo sistema, não há na *Traumdeutung* qualquer referência explícita à noção de constância do nível de excitação ou a uma tendência ou princípio que a tenham por meta. Em suas linhas gerais, porém, a formulação em torno de uma tendência primária à descarga e de uma atividade secundária de inibição é bastante semelhante àquela do *Projeto*.

A vivência de pavor aqui descrita, por sua vez, dar-se-ia quando o aparelho psíquico é atingido por uma excitação dolorosa, à qual se segue uma reação motora que perdurará até a cessação do estímulo. Se ressurgir na consciência a percepção da situação original ou sua imagem mnêmica, repetir-se-ia a mesma reação e o desprazer da experiência, de modo que seria estabelecida uma tendência a evitar esta recordação, o que constituiria o modelo primário do recalçamento (*Verdrängung*). Como o modo de trabalho secundário precisaria ter acesso a todas as representações disponíveis, contudo, o segundo sistema se esforçaria por ocupar as imagens mnêmicas da vivência de pavor, na medida em que fosse capaz de inibir a produção de desprazer por ela provocada, minimizando-a à magnitude de um mero sinal daquilo a que a representação está associada.

A elaboração da concepção da estrutura do aparelho psíquico se inicia com um recurso ao outro autor que aqui nos interessa em especial. Partindo da menção à ideia de Fechner de que os sonhos se passam em um “cenário” (*Schauplatz*)²³⁸ diferente daquele da vida de vigília, Freud extrai daí a noção de uma localidade psíquica, tomando-a como ensejo para uma decomposição conjectural do aparelho psíquico em partes diversas, evitando declaradamente a indicação de uma possível localização anatômica — isto é, neurológica. Um esquema básico do aparelho, de início, deveria levar em conta que a sua atividade geralmente se dá a partir de um sistema perceptivo para um sistema motor, como no modelo do reflexo. Após o sistema perceptivo —

²³⁷ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 540, LPM 594-5. Tradução de R. Zwick.

²³⁸ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 512, LPM 564. Tradução nossa.

que, como já apontara Breuer, não poderia reter as alterações sofridas²³⁹ —, deve-se diferenciar outros sistemas que recebam essas impressões e as retenham de maneira duradoura, caracterizando assim a memória. Haveria, dessa maneira, um primeiro sistema mnêmico, que, além de reter as alterações sofridas, registraria as associações por simultaneidade, e em seguida outros sistemas mnêmicos conteriam em si outras formas de associação entre os traços, como a associação por semelhança. A análise do sonho, por sua vez, levou Freud à diferenciação de mais dois sistemas psíquicos: o *pré-consciente*, que possui uma relação mais estreita com a consciência e com a motilidade, e que submete a uma crítica os conteúdos do outro sistema diferenciado a partir dos sonhos, que é o *inconsciente*, e mantém estes conteúdos afastados da consciência. O sistema da *consciência*, por sua vez, receberia as qualidades provenientes do interior do aparelho psíquico e do seu exterior, através do sistema perceptivo, e, de modo semelhante a este, não reteria as modificações do processo — não possuindo, portanto, memória.

Ainda sem o seu nome definitivo, o aqui chamado “princípio do desprazer” (*Unlustprinzip*)²⁴⁰ recebe nesta obra uma formulação um pouco mais destacada, nas hipóteses de que as sensações de prazer e desprazer “*regulam automaticamente o fluxo dos processos de investimento*”²⁴¹ e que “a acumulação de excitação [...] é sentida como desprazer e coloca o aparelho em atividade a fim de produzir novamente o resultado de satisfação mediante o qual a redução da excitação é sentida como prazer”²⁴², o que reproduz, em termos gerais, as ideias formuladas no *Projeto*. Freud entende aqui a consciência como “um órgão sensorial para a percepção [*Auffassung*] de qualidades psíquicas”²⁴³, as quais chegam a ele ou pelo mundo externo, através do sistema perceptivo, ou pelo interior do aparelho psíquico. No segundo caso, trata-se, sobretudo inicialmente, das sensações de prazer e desprazer, mas, com a necessidade de guiar-se por um modo de trabalho mais refinado, passou-se a fazer uso dos signos linguísticos do sistema pré-consciente, que também eram capazes de fornecer qualidades para a consciência. Aqui, a formulação desta espécie de refinamento ou desenvolvimento da maneira pela qual o aparelho psíquico se orienta vai certamente no mesmo sentido das outras formulações, presentes

²³⁹ A precedência da formulação de Breuer é mencionada aqui sem citar o seu nome: “como outro autor já observou [*wie schon von anderer Seite ausgeführt*]” (FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 514, LPM 566, tradução de R. Zwick).

²⁴⁰ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 569, LPM 628. Tradução de R. Zwick.

²⁴¹ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 547, LPM 602. Tradução de R. Zwick.

²⁴² FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 568, LPM 626. Tradução de R. Zwick.

²⁴³ FREUD, *Die Traumdeutung*, 1900, SA 547, LPM 602. Tradução de R. Zwick.

nessa obra e em outras, da passagem de um modo de funcionamento primário para um secundário, da orientação para a livre descarga para a inibição e conseqüente acúmulo de excitações, apesar de não haver uma menção explícita a isso. Nesta formulação, contudo, à diferença daquelas que concebem a priorização da percepção real ante a alucinação, coloca-se no foco a passagem para a condução dos processos psíquicos pela linguagem — ao menos como representante do pré-consciente, caracterizado pela atividade secundária que se guia pela inibição das excitações. A tendência ao prazer e a tendência à descarga são certamente alinhadas, mas não se emite juízo sobre a questão de se elas seriam ou não idênticas.

Em 1911, no artigo “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, ao se referir aos processos psíquicos inconscientes, em franca continuidade com *A interpretação dos sonhos*, Freud por fim apresenta o princípio do prazer com o seu nome definitivo:

É fácil distinguir a tendência [*Tendenz*] principal a que estes processos primários obedecem; ela é designada como princípio do prazer-desprazer [*Lust-Unlust-Prinzip*] (ou, mais sinteticamente, princípio do prazer [*Lustprinzip*]). Tais processos se empenham em ganhar prazer; daqueles atos que podem suscitar desprazer a atividade psíquica se retira (repressão [*Verdrängung*]). Nossos sonhos noturnos, nossa tendência, quando acordados, de fugir às impressões penosas, são resíduos da dominação desse princípio e provas de seu poder.²⁴⁴

Na sequência do texto, Freud introduzirá o conceito de “princípio de realidade”, retomando as formulações da obra de 1900 sobre a tentativa de satisfação das necessidades internas pela via alucinatória, cujo resultado é a decepção, o que levará o aparelho psíquico a “se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real

²⁴⁴ FREUD, “Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens”, 1911, SA 18, CdL 111. Tradução de P. C. de Souza. Sendo esta a primeira vez que o princípio surge na obra de Freud com a denominação que se estabelecerá, é também a primeira vez que aparece com a denominação que fora usada por Fechner.

transformação”²⁴⁵. Trata-se basicamente do mesmo processo descrito em *A interpretação dos sonhos*, com a diferença de que, enquanto em 1900 o princípio do (des)prazer era o regulador de todo o processo, sendo a atividade de inibição da alucinação derivada deste princípio e estando a serviço dele, agora em 1911 Freud atribui a ela um estatuto teórico mais destacado, entendendo-a como “um novo princípio da atividade anímica”²⁴⁶. Contudo, ainda que Freud fale em uma “substituição [*Ablösung*] do princípio do prazer pelo princípio da realidade”²⁴⁷, a relação entre os dois princípios neste processo ainda expressa a manutenção do princípio do prazer como matriz orientadora, reaproximando a formulação atual à teoria exposta em 1900, como se pode ver na passagem seguinte:

Na verdade, a substituição [*Ersetzung*] do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois.²⁴⁸

A tendência à descarga não aparece nesse texto em uma formulação explícita, mas de maneira implícita em uma exposição que alude à sua conexão com o princípio do prazer: “A descarga motora, que sob o governo do princípio do prazer tinha servido para aliviar o aparelho anímico de aumentos de estímulos, por meio de inervações enviadas para o interior do corpo (mímica, expressões de afeto) [...]” — esta descarga, continuará Freud, delineando a passagem do modo de trabalho primário para o secundário, “recebeu uma nova função, ao ser utilizada na modificação adequada [*zweckmäßig*] da realidade. Transformou-se em ação”²⁴⁹. Para isso teria sido necessária a suspensão temporária da descarga, através do processo de pensamento, que transformaria o investimento livre em investimento ligado, experimentando os caminhos da memória com quantidades pequenas de excitação. Trata-se do modo de funcionamento psíquico que supõe obviamente o acúmulo de excitações, mas não há aqui menção à ideia de constância.

²⁴⁵ FREUD, “Formulierungen...”, 1911, SA 18, CdL 111-2. Tradução de P. C. de Souza.

²⁴⁶ FREUD, “Formulierungen...”, 1911, SA 18, CdL 112. Tradução nossa.

²⁴⁷ FREUD, “Formulierungen...”, 1911, SA 21, CdL 115. Tradução de P. C. de Souza.

²⁴⁸ FREUD, “Formulierungen...”, 1911, SA 22, CdL 116-7. Tradução de P. C. de Souza.

²⁴⁹ FREUD, “Formulierungen...”, 1911, SA 20, CdL 113. Tradução de P. C. de Souza.

O princípio do prazer e a tendência à descarga são mais uma vez alinhados, desta vez de modo mais alusivo.

Em 1915, no artigo “Pulsões e seus destinos”, Freud retoma, em termos semelhantes, as concepções anteriores, para definir o conceito de *Trieb* como um estímulo (ou o seu representante psíquico) que provém do interior do corpo, atingindo o aparelho psíquico como uma força constante e que, ao contrário do estímulo exógeno, não pode ser evitado pela ação de fuga, exigindo assim uma modificação da sua fonte interna, através de uma ação adequada no mundo exterior. A tendência à eliminação de estímulos é aqui novamente apresentada, sem referência à noção de constância, como um pressuposto biológico:

O sistema nervoso é um aparelho ao qual é dada a função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los ao mais baixo nível possível, ou que, se fosse possível, gostaria de conservar-se inteiramente [*überhaupt*] livre de estímulos. Não nos surpreendamos, no momento, com a imprecisão dessa ideia, e vamos atribuir ao sistema nervoso, dito de modo geral, a tarefa da *dominação de estímulos* [*Reizbewältigung*].²⁵⁰

Aqui se volta a afirmar de maneira mais explícita, como se vê, a intenção da descarga total, que havia sido colocada da maneira mais clara no princípio da inércia neuronal do *Projeto*. A restrição a essa tendência, por sua vez, é mencionada com a observação de que as pulsões “obrigam o aparelho nervoso a renunciar à sua intenção ideal de manter a distância os estímulos”²⁵¹, na medida em que exigem a realização de atividades complexas para a sua satisfação, de modo que seriam as pulsões os responsáveis pelo progresso do sistema nervoso. Na sequência do texto, o princípio do prazer é apresentado em sua relação com a tendência à descarga, mais uma vez sem um esclarecimento muito preciso acerca dessa relação:

²⁵⁰ FREUD, “Triebe und Triebchicksale”, 1915, SA 83-4, CdL 55. Tradução nossa. Freud afirma aqui que este pressuposto “trabalha com o conceito de tendência [*Tendenz*] (eventualmente de finalidade [*Zweckmäßigkeit*])”.

²⁵¹ FREUD, “Triebe und Triebchicksale”, 1915, SA 84, CdL 56. Tradução de P. C. de Souza.

E ao descobrir que mesmo a atividade dos mais evoluídos aparelhos psíquicos está sujeita ao *princípio do prazer*, ou seja, é automaticamente regulada por sensações da série prazer-desprazer, dificilmente podemos rejeitar o pressuposto seguinte, de que tais sensações reproduzem [*wiedergeben*] a maneira como se realiza a sujeição dos estímulos. Seguramente no sentido de que a sensação de desprazer está ligada ao aumento, e a sensação de prazer ao decréscimo do estímulo.²⁵²

2.1.5. O retorno da constância (1920-1923)

Em *Além do princípio do prazer*, publicado em 1920, Freud partirá da investigação de fenômenos que manifestam uma compulsão à repetição que seria mais primária que o próprio princípio do prazer, para em seguida formular a sua nova teoria das pulsões, que entenderá a pulsão em geral como um ímpeto a retornar a um estado anterior e classificará as pulsões em pulsões de vida e pulsões de morte. Na primeira seção da obra, o autor revisita a sua compreensão do princípio do prazer, apresentando-a nos seguintes termos:

Na teoria psicanalítica, adotamos sem reservas a suposição de que o decurso dos processos anímicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer, isto é, cremos que ele é sempre incitado por uma tensão desprazerosa, e depois toma uma direção tal que seu resultado final coincide com uma diminuição desta tensão, logo com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer.²⁵³

O trecho parece dar a entender que o objetivo do princípio do prazer é, ao menos em geral, alcançado com sucesso, concepção que cairá por terra na sequência do texto. Após observar a dificuldade em encontrar apoio em alguma teoria que trouxesse informações sobre o

²⁵² FREUD, “Triebe und Tribschicksale”, 1915, SA 84, CdL 56-7. Tradução de P. C. de Souza.

²⁵³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 217, AE 7, CdL 162. Tradução nossa.

significado das sensações de prazer e desprazer, Freud afirma que optou pela hipótese mais frouxa em relação a isso:

Decidimos relacionar prazer e desprazer à quantidade de excitação presente na vida anímica — e não ligada de nenhum modo —, de tal maneira que o desprazer corresponda a um incremento dessa quantidade e o prazer, a uma redução dela. Não temos em mente uma relação simples entre a intensidade [*Stärke*] de tais sensações e as alterações às quais estão relacionadas; menos ainda — após todas as experiências da psicofisiologia — uma proporcionalidade direta; o fator decisivo para a sensação é, provavelmente, a medida do incremento ou redução no tempo [*in der Zeit*].²⁵⁴

Apesar do escasso apoio teórico, Freud afirma ter encontrado uma concepção que coincidiria essencialmente com a sua, a qual é apresentada por Fechner, como vimos, no seu livro *Algumas ideias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos*, publicado em 1873. Na passagem citada por Freud, que já reproduzimos anteriormente em sua integralidade, Fechner afirma que prazer e desprazer “podem também ser pensados em relação psicofísica com condições de estabilidade e instabilidade”, no sentido de que “todo movimento psicofísico que supera o limiar da consciência seria marcado pelo prazer, na medida em que ele se aproxima da estabilidade completa para além de um certo limite, e pelo desprazer, na medida em que ele se afasta dela além de um certo limite”²⁵⁵. Em seguida, Freud relacionará, então, os seus princípios do prazer e da constância ao princípio da tendência à estabilidade de Fechner:

²⁵⁴ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 217-8, AE 7-8, CdL 163. Tradução nossa. Em “Pulsões e seus destinos”, ao enunciar a hipótese de que as sensações de prazer e desprazer estariam relacionadas à diminuição e ao aumento de estímulos, Freud também já manifestava semelhante preocupação: “Mas cuidemos de preservar essa hipótese em toda a sua indefinição, até que nos seja dado intuir a natureza da relação entre prazer-desprazer e as flutuações das grandezas de estímulos que atuam na vida psíquica. Certamente é possível que tais relações sejam muito variadas e bem pouco simples.” (FREUD, “Triebe und Tribschicksale”, 1915, SA 84, CdL 57, tradução de P. C. de Souza).

²⁵⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 94. Citado em FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 218, AE 8, CdL 163-4. Tradução nossa.

Os fatos que nos levaram a crer que o princípio do prazer predomina na psique também acham expressão na hipótese de que o aparelho psíquico se empenha [*es ein Bestreben des seelischen Apparates sei*] em conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante [*konstant*]. É a mesma coisa [*dasselbe*], apenas em outra formulação, pois, se o trabalho do aparelho psíquico se dirige para manter baixa a quantidade de excitação, tudo o que tem a propriedade de aumentá-la será percebido como disfuncional, ou seja, como desprazeroso. O princípio do prazer deriva do princípio da constância [*Konstanzprinzip*]; na realidade o princípio da constância foi deduzido dos fatos que nos impuseram a hipótese do princípio do prazer. E, ao aprofundar a discussão, veremos que esse empenho [*Bestreben*] do aparelho psíquico, que nós supomos, subordina-se, como caso especial, ao princípio fechneriano da *tendência à estabilidade*, ao qual ele, Fechner, relacionou as sensações de prazer-desprazer.²⁵⁶

Notemos que, curiosamente, esta é a primeira vez em que a expressão “princípio da constância” aparece sob a pena de Freud, sendo também a primeira menção à ideia de constância, em um texto por ele publicado, associada a um princípio de regulação das quantidades de excitação²⁵⁷. Em *Além do princípio do prazer*, além destas apresentações dos princípios de regulação das quantidades de excitação que constam na primeira seção, também há duas outras formulações do princípio da constância ou princípio do Nirvana, e também nelas se faz referência à ideia de constância. Uma delas se coloca na sugestão de que a pulsão de morte estaria representada na vida psíquica ou nervosa pelo “esforço [*Streben*] de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna dos estímulos (o *princípio do Nirvana*, na expressão de Barbara Low), tal como se exprime no princípio do prazer”²⁵⁸. A outra se encontra na última seção do texto, na afirmação de que o princípio do prazer seria “uma tendência [*Tendenz*] que se acha a serviço de uma função [*Funktion*], à qual cabe tornar o aparelho psíquico isento de excitação, ou

²⁵⁶ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 218-9, AE 8-9, CdL 164. Tradução de P. C. de Souza.

²⁵⁷ Encontramos menções a esta ideia, como vimos, apenas no esboço da “Comunicação preliminar”, no “Manuscrito D” e no *Projeto*, todos publicados apenas postumamente. Nos *Estudos sobre histeria* o princípio aparece já com o seu nome e a formulação a ele pertinente, mas no capítulo teórico de Breuer — ainda que creditado a Freud.

²⁵⁸ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 264, AE 54, CdL 228. Tradução de P. C. de Souza.

conservar o montante de excitação dentro dele constante ou o menor possível”, e que esta função, assim como o princípio do prazer, estaria a serviço das pulsões de morte, do empenho em “retornar à quietude do mundo inorgânico”²⁵⁹. Esta presença marcante da constância no texto de 1920, que contrasta com a sua absoluta omissão nos textos anteriormente publicados por Freud, nos motiva a levantar a hipótese de que isto seria uma expressão da tentativa de aproximar o seu princípio do princípio fechneriano, a partir das ideias de estabilidade e constância. Em 1923, em *O eu e o isso*, Freud parece até mesmo apagar a distinção entre o seu princípio e o de Fechner, associando o nome deste autor diretamente ao princípio da constância: “Se o princípio da constância, no sentido de Fechner, governa a vida, a qual seria assim, portanto, uma descensão [*Gleiten*] na morte [...]”²⁶⁰.

Observemos ainda que, no trecho mais extenso citado anteriormente, da primeira seção de *Além do princípio do prazer*, não fica inteiramente clara a relação que o autor estabelece entre os conceitos de princípio do prazer e princípio da constância — se seriam princípios idênticos ou distintos. Inicialmente ele diz que se trata da “mesma coisa” (*dasselbe*), mas depois afirma que o princípio do prazer é derivado do princípio da constância, e que um deles ou ambos — mais uma vez não está inteiramente claro — se subordina(m) ao princípio da tendência à estabilidade de Fechner. A clara subordinação do princípio do prazer ao princípio da constância feita na última seção do livro, porém, nos leva a optar pela leitura que possui uma base textual majoritária: tratar-se-ia em 1920, para Freud, de princípios distintos, sendo o princípio do prazer considerado um derivado do princípio da constância, e este, por sua vez, um caso especial da tendência à estabilidade — o que se apoia também no fato de que, ao se referir ao princípio que seria derivado do princípio de Fechner, Freud usa ali o termo “empenho” (*Bestreben*), o mesmo utilizado na descrição do princípio da constância.

²⁵⁹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 270, AE 60, CdL 236-7. Tradução de P. C. de Souza. Nesta passagem, que se encontra na última seção do livro, Freud se refere ao esforço pelo retorno ao inorgânico como o “mais universal de todo ser vivo”, em uma expressão da primazia que a pulsão de morte parece ocupar no seu pensamento, negligenciando assim a pulsão de vida, cujo estatuto de paridade é esboçado de maneira ambígua e hesitante.

²⁶⁰ FREUD, *Das Ich und das Es*, 1923, GW 275, CdL 58. Tradução nossa. Além desta aparente confusão conceitual, o trecho alude a uma associação entre o princípio fechneriano e a pulsão de morte freudiana, o que não se estabelece explicitamente em *Além do princípio do prazer*. Em 1924, contudo, parece haver uma dissociação entre estabilidade e constância, o que abordaremos mais à frente.

2.1.6. Qualidade e prazer (1924)

Em “O problema econômico do masoquismo”, um ano após se referir ao princípio da constância em associação aparentemente indistinta com o nome de Fechner, Freud voltará a formular a relação com o princípio fechneriano na forma claramente mais diferenciada de 1920, retirando agora de seu princípio, contudo, qualquer referência à constância, tanto na sua designação como na sua descrição:

Será lembrado que entendemos o princípio que rege todos os processos psíquicos como um caso especial da *tendência à estabilidade* proposta por Fechner, e portanto atribuímos ao aparelho psíquico a intenção de reduzir a nada a quantidade de excitação que lhe chega, ou, ao menos, mantê-la a mais baixa possível. Barbara Low sugeriu, para essa suposta tendência, o nome de *princípio do Nirvana*, que nós aceitamos.²⁶¹

Na contramão da hipótese que levantamos há pouco, vemos aqui, portanto, uma dissociação — ou ao menos uma independência textual — entre estabilidade e constância. Mas não descartemos ainda esta ideia, voltaremos a tratar dela um pouco mais adiante.

Observemos agora que, desenvolvendo uma ideia que havia sido mencionada já em 1920, coloca-se também neste texto uma outra formulação que marca uma diferença relevante em relação ao conjunto anterior da obra de Freud. Na última seção de *Além do princípio do prazer*, Freud distinguira, além das sensações endógenas de prazer e desprazer, também uma sensação de “tensão” (*Spannung*), que poderia ser prazerosa ou desprazerosa, e se perguntara se esta sensação poderia estar relacionada à magnitude absoluta do investimento, enquanto as sensações de prazer e desprazer indicariam “a alteração das magnitudes de investimento na unidade de tempo [*in der*

²⁶¹ FREUD, “Das ökonomische Problem des Masochismus”, 1924, GW 371-2, CdL 185-6. Tradução de P. C. de Souza.

Zeiteinheit]²⁶². No texto de 1924, dando continuidade a essa linha de pensamento, Freud afirma que prazer e desprazer não podem ser estritamente relacionados ao fator quantitativo de aumento e redução de tensão ou “estímulo” (*Reiz*)²⁶³, tendo de ser compreendidos também a partir de um aspecto “qualitativo” (*qualitativ*) deste processo, o qual não conhecemos, mas que poderia ser “o ritmo [Rythmus], o decurso temporal [*zeitliche Ablauf*] nas modificações, acréscimos e diminuições da quantidade de estímulo”²⁶⁴.

Strachey, em suas notas, remete esta atribuição de uma característica temporal às sensações de prazer e desprazer, feita em 1920 e 1924, às formulações do *Projeto* que utilizam o conceito de “período” (*Periode*) para explicar as qualidades das sensações da consciência. Devemos notar, contudo, que não se trata da mesma ideia, pois, apesar de em ambos os casos estar envolvida uma característica temporal, a noção de período, no *Projeto*, surge para explicar as qualidades sensoriais — relativas, mais estritamente, às sensações exógenas provenientes dos órgãos sensoriais —, não sendo diretamente relacionada ali às sensações de prazer e desprazer, que em 1895 são remetidas mais propriamente às modificações do nível das quantidades, sem a inclusão desta determinação a partir de sua relação com o tempo²⁶⁵. O que nos parece que Freud quer dizer nestas caracterizações temporais do prazer e do desprazer da década de 1920 é que a velocidade em que se dá o aumento ou a redução da quantidade de excitação é o que determinaria a intensidade da sensação de prazer ou desprazer, ideia que não parece estar presente no *Projeto*. Observemos que isto pode ser também compreendido a partir da ideia de período ou, mais propriamente, de frequência, que é a sua contraparte, de modo que a diversidade das sensações de prazer e desprazer corresponderia à diversidade das frequências caracterizadas como a variação da quantidade em uma unidade de tempo. Mas, como apontamos,

²⁶² FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 271, AE 61, CdL 238. Tradução nossa.

²⁶³ Estes termos tomam o lugar aqui da excitação (*Erregung*).

²⁶⁴ FREUD, “Das ökonomische Problem des Masochismus”, 1924, GW 372, CdL 187. Tradução nossa. Em *Além do princípio do prazer*, Freud já havia, em outra passagem, se referido a “características qualitativas” das excitações endógenas, as quais dariam origem às sensações de prazer e desprazer, mencionando a sua “amplitude”. Esta referência tem como propósito, porém, caracterizar os estímulos endógenos como mais adequados para o aparelho psíquico que os exógenos, no que é mencionada em primeiro lugar a sua intensidade, não ficando muito claro se há ali a intenção de caracterizar especificamente as sensações de prazer e desprazer a partir de aspectos qualitativos (FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 238-9). Além disso, a amplitude não envolve uma relação temporal, o que nos interessa em especial aqui, e por estes motivos não a incluímos na exposição principal, mas devemos reconhecer que ela está inserida no modelo do movimento ondulatório ou periódico no qual se inserem as formulações de que aqui tratamos.

²⁶⁵ FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 316-21, AE 352-7, Imago 186-91.

a noção de período da qual Freud lança mão em 1895 não é aplicada ali à série prazer-desprazer, e sim à recepção das quantidades do mundo externo pelos órgãos sensoriais, “cujas qualidades devem ser justamente representadas por diferentes períodos do movimento neurônico”²⁶⁶. Tratar-se-ia aqui de períodos de um fenômeno físico mais característico, próximo ao modelo do movimento ondulatório, e cuja frequência poderia consistir no número de ciclos por unidade de tempo ou no deslocamento espacial das quantidades nos neurônios por unidade de tempo, enquanto no caso do prazer e do desprazer o ciclo ou a variação da posição espacial seriam substituídos pela variação do nível quantitativo²⁶⁷.

Mais uma modificação teórica importante tem lugar no artigo de 1924, incidindo sobre a relação entre as classes de pulsões e os princípios de regulação das excitações. O princípio do prazer, que desde 1920 estava a serviço da pulsão de morte junto ao princípio do Nirvana, agora passa a ser entendido como uma modificação deste último pela pulsão de vida. O princípio do Nirvana, que permanece estritamente mortuário, se esforçaria por eliminar as quantidades de estímulo que atingem o aparelho, enquanto o princípio do prazer se orientaria agora por um aspecto qualitativo das excitações.

Retomando agora a hipótese que formulamos sobre a relação textual entre constância e estabilidade, em uma última defesa dela, apontemos apenas que é possível que a retirada da referência à constância no princípio do Nirvana de 1924 tenha ocorrido para contrastar a distinção entre os princípios que representam a pulsão de morte e a pulsão de vida. Desse modo, a pulsão de morte se coloca decididamente junto à tendência para a inequívoca descarga total de excitações, enquanto o princípio do prazer, modificado pela pulsão de vida, pode acomodar em seu intento uma boa convivência com excitações²⁶⁸ — distinção que poderia ser obnubilada pela inserção da ideia de constância. Se assim o for, manter-se-ia plausível a hipótese sobre a associação intentada por Freud entre as ideias de constância e estabilidade para aproximar o seu princípio do de Fechner em 1920 e 1923, enquanto a separação observada em 1924 se deveria à

²⁶⁶ FREUD, *Entwurf einer Psychologie*, 1895, Fischer 319, AE 354-5, Imago 189. Tradução de O. F. Gabbi Jr.

²⁶⁷ Como Freud usa aqui o termo “quantidade” para se referir a um objeto, no sentido amplo do termo, estranhamente poderíamos dizer, também, que a variação da posição das quantidades é substituída pela variação da quantidade de quantidades.

²⁶⁸ Freud também não poderia empregar a ideia de constância ao princípio do prazer, porém, pois este princípio, em sua nova versão, convive bem apenas com certas excitações e, guiando-se pela sua qualidade, diferencia as excitações que devem ser buscadas das que devem ser evitadas. E o nível quantitativo, no qual se aplicaria a ideia de constância, não é posto agora como um de seus critérios.

intromissão de uma motivação adicional: reforçar o contraste da distinção entre o princípio do Nirvana e o princípio do prazer²⁶⁹.

Sintetizando o que apreendemos nesta incursão aos princípios teóricos freudianos relacionados à regulação das excitações, apontemos que, além da constatação notável sobre as omissões e aparições da ideia de constância ao longo dos textos, consideramos ser possível distinguir, nas diversas formulações dos princípios, quatro ideias diferentes na definição de sua meta: a eliminação total, a redução ao menor nível possível, a constância e uma redução (indeterminada) das excitações. As duas primeiras alternativas seriam certamente compatíveis entre si — a primeira enunciando a sua meta sem ressalvas, a segunda enunciando-a com ênfase na possibilidade de não atingi-la plenamente —, e poderiam ser reunidas na designação de uma *tendência à descarga*. A ideia de constância, por sua vez, parece ser algo distinto, pois parece admitir a necessidade de manutenção de um certo nível de excitações, o que não se coaduna com uma tendência primária à descarga total, de modo que parece pertinente distinguir desta uma *tendência à constância*. A ideia mais indeterminada de redução das excitações não parece ser inserida por Freud com a intenção de designar uma redução total, mas a redução de um excesso para restabelecer um certo nível, devendo provavelmente ser subsumida à tendência à constância. O *princípio do prazer*, por sua vez, que possui formulações geralmente unívocas, é geralmente relacionado às tendências anteriores, sendo relacionado em 1920 também à tendência à estabilidade. Em 1924, porém, passa a ser concebido de forma mais diferenciada, a partir da ideia de qualidade, que será agora o critério definidor de seus esforços.

²⁶⁹ Observamos também um outro artifício retórico que Freud usa para acentuar este contraste, que pode ser tomado como mais uma demonstração do seu esforço nesse sentido. Ele diz inicialmente que antes identificava os dois princípios, o que nunca foi feito de modo decidido. Ao contrário, encontramos, isto sim, distinções bem claras, em especial aquela feita a partir das noções de função e tendência na última seção de *Além do princípio do prazer*, que pode ser considerada a sua última palavra sobre a questão até então.

2.2. Pulsão e repetição, morte e vida

A teoria das pulsões que será concebida em *Além do princípio do prazer* trará para o primeiro plano uma conexão íntima com a ideia de repetição e com as ideias de vida e morte, o que analisaremos de forma detida agora. O desenvolvimento argumentativo da obra de 1920, que desaguará na formulação da nova teoria das pulsões, passa, como sugere já o seu título, pela consideração das limitações do princípio do prazer: “a rigor”, dirá Freud, “não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos”, para o que seria necessário que a maior parte da atividade psíquica resultasse decididamente em prazer, de modo que poderia haver sim “uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer”²⁷⁰ — o que nos levará à compulsão de repetição.

2.2.1. A compulsão à repetição na vida psíquica

De acordo com Freud, as condições que limitam o domínio irrestrito do princípio do prazer são expressas, primeiramente, pela necessária substituição deste pelo princípio da realidade, de acordo com o qual o curso dos processos psíquicos se constituirá “num longo rodeio para chegar ao prazer”²⁷¹. Outra fonte de desprazer estaria na satisfação de pulsões que foram reprimidas, e que, devido à sua incompatibilidade com o eu, geram desprazer. Na maior parte dos casos, porém, o desprazer que sentimos estaria relacionado à percepção (*Wahrnehmungsunlust*), podendo provir de pulsões insatisfeitas, de percepções externas que são por si mesmas desprazerosas ou de percepções externas que dão lugar a expectativas desprazerosas, por evocarem uma situação de perigo. Essas fontes de desprazer poderiam ser bem manejadas pelo princípio do prazer ou pelo princípio da realidade, de modo que elas não

²⁷⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 219, AE 9, CdL 164-5. Tradução de P. C. de Souza.

²⁷¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 220, AE 10, CdL 165. Tradução de P. C. de Souza.

parecem tornar necessário “admitir uma maior limitação do princípio do prazer”²⁷². Mas “a investigação da reação psíquica ao perigo externo”²⁷³, isto é, o material fornecido pelas neuroses traumáticas, levará Freud a um tratamento mais atento da questão. Partindo da consideração dos sonhos traumáticos, Freud reunirá, então, os fenômenos observados que permitiriam a suposição da existência de uma compulsão à repetição que estaria além do princípio do prazer.

A neurose traumática é apresentada como “um estado que sobrevém após sérias comoções mecânicas, desastres ferroviários e outros acidentes com risco de vida”, caracterizado por diversos sintomas motores semelhantes aos da histeria, grande “sofrimento subjetivo” e um “amplo enfraquecimento e transtorno das funções psíquicas”²⁷⁴. A Primeira Guerra Mundial, finda poucos meses antes do início da redação de *Além do princípio do prazer*²⁷⁵, havia naturalmente provocado o surgimento de muitos casos dessa neurose, que, de acordo com Freud, parece ser causada pelo terror (*Schreck*) experienciado no momento do trauma, o que dá a ocasião para precisar uma importante distinção conceitual:

“Terror” [*Schreck*], “medo” [*Furcht*] e “angústia” [*Angst*] são empregados erradamente como sinônimos; mas podem se diferenciar de modo claro na sua relação com o perigo. “Angústia” designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; “medo” requer um determinado objeto, ante o qual nos amedrontamos; mas “terror” se denomina o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa.²⁷⁶

Dessa maneira, o terror que provocaria a neurose se deveria à falta de preparo para a situação de perigo, que adquire desse modo o caráter de uma vivência traumática, enquanto a angústia teria justamente o papel de proteger-nos do terror e da neurose traumática.

²⁷² FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 221, AE 11, CdL 167. Tradução de P. C. de Souza.

²⁷³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 221, AE 11, CdL 167. Tradução de P. C. de Souza.

²⁷⁴ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 222, AE 12, CdL 168. Tradução de P. C. de Souza.

²⁷⁵ Segundo nota introdutória de Strachey, o primeiro rascunho da obra foi escrito entre março e maio de 1919 (cf. FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, AE 3-4).

²⁷⁶ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 222-3, AE 12-3, CdL 169. Tradução de P. C. de Souza. Em corroboração à descrição de Freud, a palavra *Schreck* tem também o sentido de susto ou espanto.

O que nesta neurose parece pôr em xeque de maneira mais radical a primazia do princípio do prazer seria o fato de que “os sonhos que ocorrem numa neurose traumática têm a característica de que o doente sempre retorna à situação do acidente, da qual desperta com renovado terror”²⁷⁷. Acredita-se que isto seja “justamente uma prova de como foi forte a impressão deixada pela vivência traumática”, de modo que o doente se encontra “psiquicamente fixado ao trauma”²⁷⁸, de maneira semelhante ao que ocorre na histeria — mas isto contradiria a natureza dos sonhos, segundo a compreendia Freud, isto é, como uma realização de desejo²⁷⁹.

Um segundo fenômeno que vem a ser considerado é o das brincadeiras das crianças. Freud relata ter observado uma brincadeira inventada por um menino de um ano e meio, com o qual esteve durante algumas semanas. Embora fosse muito apegado à mãe, o menino nunca chorava quando ela o deixava, e costumava repetir a seguinte brincadeira com um carretel de madeira: “com habilidade lançava o carretel, seguro pelo cordão, para dentro do berço, através de seu cortinado, de modo que ele desaparecia, nisso falando o significativo *o—o—o—o*”, que foi interpretado como a palavra *fort* (foi embora), “e depois o puxava novamente para fora do berço, saudando o aparecimento dele com um alegre ‘*da*’ [‘está aqui’]”²⁸⁰.

A brincadeira é entendida por Freud como uma encenação do desaparecimento e da reaparição da mãe, o que serviria de compensação pela renúncia à satisfação pulsional realizada pela criança, “ao permitir a ausência da mãe sem protestar”²⁸¹. Como o que era encenado era sobretudo a parte do desaparecimento, e este não poderia ser prazeroso, coloca-se a dificuldade de harmonizar tal repetição com o princípio do prazer. Com relação à sua motivação, algumas interpretações seriam possíveis, como a passagem do papel passivo ao papel ativo, motivado por uma “pulsão de apoderamento” (*Bemächtigungstrieb*), ou o desejo de vingar-se da mãe por ter-lhe deixado, de maneira que dessa vez seria a própria criança que estaria fazendo a mãe desaparecer, mostrando que já não precisaria dela.

Freud parece admitir que esta brincadeira não estava em desacordo com o princípio do prazer, pois ela implicava uma outra forma de obtenção de prazer, e, após uma consideração

²⁷⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 223, AE 13, CdL 169. Tradução de P. C. de Souza.

²⁷⁸ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 223, AE 13, CdL 169. Tradução de P. C. de Souza.

²⁷⁹ Estes sonhos seriam talvez o caso “mais insuspeito” de uma compulsão à repetição que estaria além do princípio do prazer, dirá Freud mais adiante (cf. FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, CdL 183).

²⁸⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 224-5, AE 14-5, CdL 171-2. Tradução de P. C. de Souza.

²⁸¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 225, AE 15, CdL 173. Tradução de P. C. de Souza.

mais geral das brincadeiras das crianças, diz-se convencido “de que também sob o domínio do princípio do prazer há meios e caminhos para tornar objeto de recordação e elaboração psíquica o que é em si desprazeroso”²⁸². Entretanto, reconhece-se imerso numa “hesitação entre duas concepções”, isto é, ante “a dúvida de saber se a tendência [*Drang*] a elaborar psiquicamente algo impressionante e dele apropriar-se inteiramente pode se manifestar de modo primário e independente do princípio do prazer”²⁸³.

O terceiro fenômeno considerado por Freud é a neurose de transferência, caracterizada a partir da transposição dos conteúdos nucleares de uma neurose para a relação com o médico. Apesar de o psicanalista tentar levar o paciente a recordar os conteúdos inconscientes reprimidos, a resistência faria com que este, ao invés de recordar, reproduzisse tais conteúdos na relação com o analista. Freud afirma que esta reprodução, “que surge com uma fidelidade que não fora desejada, sempre tem por conteúdo algo da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e seus derivados”²⁸⁴. Estas ideias sobre a transferência já haviam sido expressas no artigo “Recordar, repetir e elaborar”, publicado em 1914, onde o fenômeno já é descrito com a expressão “compulsão à repetição”²⁸⁵, mas até então parecia conciliável com o domínio do princípio do prazer, pois a resistência estaria a serviço deste, na medida em que “quer evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do reprimido”²⁸⁶, e mesmo o desprazer relacionado à satisfação de pulsões reprimidas poderia ser conciliado com o princípio do prazer, pois representaria prazer para um sistema e desprazer para outro. Tratando-se aqui, contudo, de pôr em questão a primazia de tal princípio, Freud traz à luz algo que apresenta como uma observação inédita, a partir da consideração das vivências fracassadas da vida sexual infantil:

Mas o fato novo e notável que temos agora que descrever é que a compulsão de repetição traz de volta também vivências do passado que não contêm qualquer

²⁸² FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 227, AE 17, CdL 175-6. Tradução de P. C. de Souza.

²⁸³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 226, AE 16, CdL 174. Tradução de P. C. de Souza.

²⁸⁴ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 228, AE 18, CdL 177. Tradução de P. C. de Souza.

²⁸⁵ FREUD, “Recordar, repetir y reelaborar” [1914], 1986.

²⁸⁶ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 230, AE 20, CdL 179. Tradução de P. C. de Souza.

possibilidade de prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações, nem mesmo de moções pulsionais desde então reprimidas.²⁸⁷

Assim como na neurose de transferência, a vida de pessoas não neuróticas também mostraria uma compulsão à repetição determinada pelas vivências da primeira infância, dando “a impressão de um destino que as persegue, de um traço demoníaco em seu viver”²⁸⁸, caracterizando o quarto fenômeno considerado. Denominando-o “compulsão de destino”, Freud cita alguns exemplos:

[...] conhecemos pessoas para as quais toda relação humana tem igual desfecho: benfeitores que, após algum tempo, são rancorosamente abandonados por cada um de seus protegidos, por mais diferentes que estes sejam entre si, e que, portanto, parecem fadados a fruir toda a amargura da ingratidão; homens para os quais o desfecho de toda amizade é serem traídos pelo amigo; outros que repetidamente, no curso da vida, elevam outra pessoa à condição de grande autoridade para si mesmos ou para a opinião pública, e após um certo tempo derrubam eles próprios essa autoridade, para substituí-la por uma nova; amantes cuja relação amorosa com uma mulher percorre sempre as mesmas fases e conduz ao mesmo fim etc.²⁸⁹

A partir do levantamento deste conjunto de fenômenos, Freud diz então sentir-se encorajado “a supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer”²⁹⁰, relacionando-a às brincadeiras infantis, aos sonhos traumáticos, à neurose de transferência e à compulsão de destino.

Visando esclarecer a relação entre a compulsão de repetição, característica dos processos pulsionais, e o domínio do princípio do prazer, afirmará que, apesar de tantos processos ocorrerem na psique “independentemente do princípio do prazer”, tais processos não estariam

²⁸⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 230, AE 20, CdL 179. Tradução nossa.

²⁸⁸ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 231, AE 21, CdL 181. Tradução de P. C. de Souza.

²⁸⁹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 231-2, AE 21-2, CdL 181-2. Tradução de P. C. de Souza.

²⁹⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 232, AE 22, CdL 183. Tradução de P. C. de Souza.

“necessariamente em oposição a ele”: a função de ligação das moções pulsionais, ainda que tenha de admitir desprazer, estaria mesmo “a serviço do princípio do prazer”²⁹¹, cumprindo a tarefa de introduzir e assegurar o seu domínio.

2.2.2. Biopsicologia do trauma

Ao adentrar, em suas palavras, no âmbito da especulação — e da especulação extremada²⁹² —, Freud apresentará uma exposição teórica sobre a consciência, a proteção contra estímulos, o trauma e a ligação, circunscrevendo as condições em que se instauraria a compulsão à repetição, a partir do paradigma da vivência traumática. A exposição metapsicológica é aqui alternada com uma exposição biológica mais geral:

Imaginemos o organismo vivo, na sua maior simplificação, como uma indiferenciada vesícula de substância excitável [*reizbar*]; a sua superfície voltada para o mundo externo é então diferenciada pela própria localização, servindo como órgão receptor de estímulos [*reizaufnehmendes Organ*].²⁹³

Tomando o desenvolvimento embrionário como uma repetição do caminho filogenético da vida, Freud afirma que, em consonância com a sua formulação, o sistema nervoso central provém do ectoderma, assim como a camada mais externa do cérebro, o córtex²⁹⁴, o qual seria, segundo a anatomia cerebral, a “sede” da consciência. A consciência, portanto, seria a herdeira por excelência desta superfície exterior, e, por situar-se em contato direto com o mundo externo, sendo constantemente atingida pelos estímulos dele provenientes, consistiria em um sistema

²⁹¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 270, AE 60, CdL 236. Tradução de P. C. de Souza.

²⁹² A expressão “especulação extremada” (*weitausgehende Spekulation*) provavelmente se refere à elaboração da nova teoria das pulsões, que trataremos nas seções seguintes.

²⁹³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 236, AE 26, CdL 187. Tradução de P. C. de Souza.

²⁹⁴ O termo latino *cortex* significa “casca”, e o termo alemão *Rinde*, usado aqui por Freud, possui tanto o significado geral de casca quanto o sentido anatômico específico que se traduz como “córtex”.

psíquico modificado ao extremo, não permitindo novas alterações permanentes (marcas mnêmicas)²⁹⁵, e os processos excitatórios que nela ocorrem seriam caracterizados pelo estado de energia livremente móvel. A consciência essencialmente fornece, diz Freud, “percepções de excitações vindas do mundo externo e sensações de prazer e desprazer que podem se originar apenas do interior do aparelho psíquico”²⁹⁶.

Estando exposto a grandes quantidades de energia provenientes do mundo externo, o organismo vivo precisa de um meio para se proteger dele. Esta proteção contra estímulos seria obtida pela mortificação da sua superfície mais exterior, que deixa passar apenas uma fração das quantidades de energia que o atingem. Os órgãos dos sentidos seriam porções da camada cortical receptora de estímulos que permaneceram na superfície, consistindo em “dispositivos para a recepção de estímulos específicos”²⁹⁷. Além disso, esta camada cortical, que se tornará o sistema Cs, também receberia excitações vindas de dentro do organismo, para as quais não pode haver proteção, de modo que elas adquirem assim grande importância.

Quando as excitações externas são fortes o bastante para romper a proteção contra estímulos, caracteriza-se o trauma externo, o qual inicialmente colocaria fora de ação o princípio do prazer, impondo antes a tarefa “de controlar [*bewältigen*] o estímulo, de ligar [*binden*] psicologicamente [*psychisch*] as quantidades de estímulo que irromperam, para conduzi-las à eliminação”²⁹⁸. Esta tarefa de ligação ficaria a cargo de “um sistema altamente investido”²⁹⁹, e consiste na transformação da energia livre ou móvel em energia ligada ou parada, através de um “contrainvestimento” (*Gegenbesetzung*).

A neurose traumática comum passa a ser vista então “como a consequência de uma vasta ruptura da proteção contra estímulos”³⁰⁰. Ao contrário da velha teoria do choque, que entendia a neurose traumática como resultado dos danos à estrutura do sistema nervoso, Freud a entende como resultado dos efeitos psíquicos decorrentes do rompimento da proteção contra estímulos. No caso de um tal rompimento, um último mecanismo de proteção do aparelho psíquico seria o

²⁹⁵ Esta propriedade é atribuída, no *Projeto*, aos sistemas ϕ e ω ; porém, além de eles serem ali sistemas distintos, não havia no *Projeto* sequer uma ligação direta entre ambos.

²⁹⁶ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 234, AE 24, CdL 184-5. Tradução de P. C. de Souza.

²⁹⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 237, AE 27, CdL 189. Tradução de P. C. de Souza.

²⁹⁸ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 239, AE 29, CdL 192. Tradução de P. C. de Souza.

²⁹⁹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 240, AE 30, CdL 193. Tradução de P. C. de Souza.

³⁰⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 241, AE 31, CdL 194. Tradução de P. C. de Souza.

desenvolvimento de angústia, o qual, através de um superinvestimento dos sistemas que recebem inicialmente as excitações, possibilitaria a ligação destas, evitando assim a efetivação do trauma psíquico. A ausência desta “preparação através da angústia”³⁰¹, contudo, faz com que o evento seja vivenciado através do susto e do terror relacionado à ameaça à vida, tornando mais provável que ele adquira um efeito traumático³⁰².

Os sonhos daqueles acometidos pela neurose traumática, ao retornarem com frequência à cena do acidente, diz Freud, “buscam recuperar o domínio sobre o estímulo [*Reizbewältigung*] através do desenvolvimento de angústia”³⁰³, justamente o mecanismo cuja ausência no momento do trauma deu origem à neurose e que agora possibilitaria a ligação das impressões traumáticas. Estes sonhos, portanto, não estariam a serviço da realização de desejos³⁰⁴, que teria se tornado função dos sonhos apenas após o princípio do prazer estabelecer o seu domínio sobre a vida psíquica; obedeceriam sim a uma função psíquica independente do princípio do prazer e mais originária que ele — isto é, a compulsão à repetição.

Assim como a compulsão à repetição poderia ser originada a partir do trauma exógeno, porém, também as excitações endógenas poderiam produzir um efeito traumático. A falta de uma proteção contra os estímulos endógenos, de acordo com Freud, concede grande importância psíquica às pulsões, entendidas aqui, ainda segundo a concepção anterior, como os representantes psíquicos de tais estímulos. As moções pulsionais adentrariam o aparelho psíquico seguindo o processo primário, caracterizado pelo investimento livremente móvel, e caberia às camadas elevadas do aparelho ligar esta excitação, submetendo-a ao processo secundário, e somente depois disso o domínio do princípio do prazer poderia ser estabelecido. O fracasso dessa ligação, contudo, “provocaria um distúrbio análogo à neurose traumática”³⁰⁵, o que estaria na

³⁰¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 241, AE 31, CdL 194-5. Tradução nossa.

³⁰² Ao final da seção IV, Freud acrescenta uma explicação sobre as neuroses de guerra, onde não fica claro se ela se refere apenas a essa classe de neuroses ou às neuroses traumáticas em geral. Segundo esta explicação, o trauma que ocasiona as neuroses em questão se daria pelo fato de que a violência mecânica liberaria uma quantidade de excitação sexual que, devido à falta de preparação, teria um efeito traumático. A explicação que vinha sendo formulada parecia entender que as excitações responsáveis pelo trauma são exógenas.

³⁰³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 241, AE 31, CdL 195. Tradução nossa.

³⁰⁴ Freud considera aqui a ocasião para “admitir pela primeira vez uma exceção à tese de que o sonho é uma realização de desejo” (FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 242, AE 31-2, CdL 196, tradução de P. C. de Souza). Seriam exceções os sonhos traumáticos e os sonhos que reproduzem os traumas psíquicos da infância.

³⁰⁵ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 245, AE 35, CdL 199. Tradução de P. C. de Souza.

base da compulsão à repetição que se manifesta na neurose de transferência e em outros contextos.

2.2.3. Pulsão, repetição e morte

A compulsão à repetição é a base de onde Freud partirá agora para formular a nova concepção geral da pulsão enquanto repetição, que o levará logo de início à hipótese da pulsão de morte. O autor afirma que as manifestações da compulsão à repetição na vida psíquica “exibem em alto grau um caráter impulsivo [*triebhaft*] e, quando se acham em oposição ao princípio do prazer, um caráter demoníaco”³⁰⁶; e, ao se perguntar “de que maneira o impulsivo [*das Triebhafte*] e a compulsão à repetição se conectam”³⁰⁷, apresenta a formulação do seu novo conceito de pulsão:

Aqui se deve nos impor a ideia de que chegamos à pista de uma característica universal das pulsões [*Triebe*], talvez de toda a vida orgânica em geral, que até agora não foi claramente reconhecida — ou ao menos expressamente destacada. *Uma pulsão* [*Trieb*] *seria então um ímpeto* [*Drang*], *inerente ao orgânico vivo* [*belebt*], *de restauração* [*Wiederherstellung*] *de um estado anterior* que esse ser vivo [*Belebte*] teve de abandonar sob a influência de forças externas perturbadoras, uma espécie de elasticidade [*Elastizität*] orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia [*Trägheit*] na vida orgânica.³⁰⁸

³⁰⁶ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 245, AE 35, CdL 199-200. Tradução de P. C. de Souza.

³⁰⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 246, AE 36, CdL 201. Tradução nossa.

³⁰⁸ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 246, AE 36, CdL 201-2. Tradução nossa. Note-se a diferença entre o conceito de *Trieb* aqui formulado, que se refere à vida orgânica em geral, e o conceito de 1915, que, bem mais restrito, possuía relação necessária com a psique, sendo apresentado como “um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo” (FREUD, “*Triebe und Triebchicksale*”, 1915, SA 85, CdL 57, tradução de P. C. de Souza). As pulsões ali seriam dotadas de “ímpeto” (*Drang*), sua característica essencial, relacionada à força que impele à ação, “meta” (*Ziel*), que consiste na satisfação através da eliminação do estímulo interno, “objeto” (*Objekt*), aquilo a que a pulsão se liga para alcançar a satisfação, e “fonte” (*Quelle*), que é o processo somático que dá origem à estimulação pulsional.

Em apoio a essa concepção do *Trieb*, Freud elenca alguns exemplos do que seriam expressões deste caráter conservador da vida orgânica, como as migrações dos peixes na época da desova e os voos das aves migratórias, entendidos ambos como a busca dos antigos locais de habitação da espécie, exemplos aos quais acrescenta os fenômenos da hereditariedade, a repetição abreviada da filogênese no desenvolvimento embriológico e a reprodução de órgãos perdidos³⁰⁹. O progresso e o desenvolvimento dos organismos, antes vistos como resultado da ação das pulsões, teriam de ser agora atribuídos a influências externas, já que o *Trieb* passa a atuar no sentido oposto.

Levada ao extremo, a ideia da pulsão como retorno a um estado anterior conduz a uma conclusão sobre a meta final da vida, que deveria ser buscada justamente na sua origem. Com o surgimento da vida a partir da matéria inanimada, a tensão que daí teria sobrevivendo na substância viva teria tentado se anular, e esta teria sido a primeira pulsão, um ímpeto a retornar ao inanimado, o qual se conservaria como meta final de todo o curso da vida, que não seria senão um longo desvio no caminho em direção à morte:

Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*.³¹⁰

Nesse sentido, as pulsões de autoconservação, que parecem se opor à realização da morte, deveriam ser concebidas como pulsões parciais, que apenas manteriam afastadas “as possibilidades de retorno ao inorgânico que não sejam imanentes”³¹¹ ao organismo, prestando-se,

³⁰⁹ Nas *Novas conferências...*, Freud acrescenta a isso a nossa capacidade orgânica para a cura, nosso *Heiltrieb*, que seria o que restou da grande capacidade de recuperação exibida pelos animais inferiores (FREUD, *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, 1932-33, GW 113).

³¹⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 248, AE 38, CdL 204. Tradução de P. C. de Souza.

³¹¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 249, AE 39, CdL 205. Tradução de P. C. de Souza.

assim, a garantir que ele alcance a sua meta mortuária por meios próprios: “o organismo pretende morrer apenas a seu modo”³¹².

Com o fim de examinar a nova teoria das pulsões a partir da biologia, Freud se propõe a pôr à prova a hipótese “de que todo ser vivo tem de morrer por causas internas”³¹³, e para isso faz inicialmente uma incursão nos trabalhos de August Weismann, que elaborara uma concepção teórica que diferencia a substância viva em um corpo mortal e células germinativas potencialmente imortais. Contudo, tal concepção diverge da de Freud, na medida em que Weismann considera que os organismos unicelulares seriam potencialmente imortais, enquanto a mortalidade teria sido um advento dos seres pluricelulares, de modo que a morte não seria uma “qualidade primordial da substância viva”, não podendo ser entendida “como uma necessidade absoluta, fundamentada na essência da vida”³¹⁴, como estaria caracterizado na hipótese freudiana da pulsão de morte.

Após a publicação das teses de Weismann, alguns autores se puseram a discuti-las e a examiná-las experimentalmente. Os experimentos de Woodruff, que acompanhou 3029 gerações de paramécios, pareceram confirmar a imortalidade dos protozoários. Contudo, experimentos de Maupas, Calkins e outros contrariaram os resultados de Woodruff, verificando o envelhecimento e morte dos protozoários. E um resultado desses experimentos é tomado por Freud como corroboração da sua hipótese da pulsão de morte: a constatação de que a diferença entre os resultados observados se devia ao fato de que Woodruff renovava o líquido nutriente a cada nova geração, e que, ao deixar de fazê-lo, observou o mesmo que os outros pesquisadores, chegando à conclusão de que são os produtos do próprio metabolismo que levam à morte do organismo. Desse modo, Freud afirma que “as observações dos biólogos nos autorizam a supor tais processos internos conducentes à morte também no caso dos protozoários”³¹⁵, de maneira que a biologia não teria afastado de imediato a hipótese da pulsão de morte.

Nesta formulação inicial da nova teoria das pulsões, a pulsão de morte tende a abarcar todo o campo pulsional, engolindo também a pulsão de autoconservação. Ainda que se trate de um momento provisório na sua formulação, antes da consideração das pulsões de vida na

³¹² FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 249, AE 39, CdL 206. Tradução de P. C. de Souza.

³¹³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 253, AE 43, CdL 212. Tradução de P. C. de Souza.

³¹⁴ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 255, AE 45, CdL 214-5. Tradução de P. C. de Souza.

³¹⁵ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 258, AE 48, CdL 219. Tradução de P. C. de Souza.

sequência da obra de 1920, ela parece expressar uma tendência, que se manifesta por vezes no pensamento de Freud, de conceder à pulsão de morte uma primazia ante as pulsões de vida.

Em 1937, por exemplo, em *Análise terminável e interminável*, onde Freud abordará os êxitos terapêuticos da psicanálise a partir de uma posição um tanto pessimista, será ressaltado o papel dos fatores biológicos na produção das neuroses. Dentre estes está a intensidade das pulsões, cuja importância é expressa por Freud como o “poder inelutável [*unwiderstehlich*] do fator quantitativo na causação da doença”³¹⁶; trata-se aqui do ponto de vista econômico, o qual, segundo Freud, não teria recebido o devido valor em suas formulações teóricas anteriores.

Logo antes de introduzir a consideração da pulsão de morte, Freud associa as expressões “inércia psíquica” (*psychische Trägheit*) e “entropia psíquica” (*psychische Entropie*) a um comportamento, observado em um grupo de casos, que ele define como “um esgotamento da plasticidade, da capacidade para a mudança e para o contínuo desenvolvimento”³¹⁷. E, passando à análise das resistências à terapia de um grupo mais amplo, afirma:

Se considerarmos, em sua totalidade, o quadro composto pelos fenômenos do masoquismo imanente de tantas pessoas, da reação terapêutica negativa e da consciência de culpa dos neuróticos, não poderemos mais aderir à crença de que os acontecimentos anímicos são governados exclusivamente pelo esforço por prazer [*Luststreben*]. Estes fenômenos são indicações inequívocas da existência na vida anímica de uma força [*Macht*], que chamamos, conforme suas metas [*Ziele*], pulsão de agressão ou destruição [*Aggressions- oder Destruktionstrieb*], e derivamos da pulsão de morte [*Todestrieb*] originária da matéria animada [*belebt*].³¹⁸

É interessante notar que, aqui, o reconhecimento de que o princípio do prazer não é o único senhor da morada do eu remete, de imediato, não à compulsão à repetição, como o fizera em 1920, mas diretamente à pulsão de morte — ou, para ser mais preciso, à pulsão de agressão,

³¹⁶ FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 70, AE 229. Tradução nossa.

³¹⁷ FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 87-8, AE 243-4. Tradução nossa.

³¹⁸ FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 88, AE 244. Tradução nossa.

dela derivada. Isso pode ser uma indicação de que, também em *Além do princípio do prazer*, Freud vislumbrava uma relação mais estreita ou direta entre os fenômenos repetitivos que causavam desprazer e a pulsão de morte, especificamente.

2.2.4. Vida e repetição

Ao considerar as pulsões sexuais, contudo, Freud vem restringir, em 1920, o alcance que a pulsão de morte vinha tomando em sua formulação, onde ela parecia englobar todo o campo da vida pulsional. As células germinativas seriam organismos elementares que haveriam se conservado num estágio primitivo das formas de vida, por terem se mantido protegidas das coações externas que levaram ao desenvolvimento dos organismos. Ao guardar a potencialidade de, a cada geração, desenvolver-se em um novo indivíduo, elas “trabalham contra a morte da substância viva e conseguem obter para ela o que deve nos parecer uma imortalidade potencial, embora talvez signifique apenas um alongamento do caminho para a morte”³¹⁹. Portanto, as pulsões sexuais, que “tratam dos destinos desses organismos elementares que sobrevivem ao ser individual, cuidam de sua guarida enquanto se acham indefesos contra os estímulos do mundo externo, promovem o seu encontro com outras células germinativas etc.”, seriam propriamente as “pulsões de vida” (*Lebenstriebe*), já que “conservam a vida mesma por períodos mais longos”³²⁰.

Freud rejeita a existência de pulsões “que aspirem a um estado jamais atingido”³²¹, como a ideia de uma pulsão que levaria o ser humano ao aperfeiçoamento intelectual e ético, o qual seria explicado pela repressão pulsional, que impele o indivíduo em uma incansável busca por uma satisfação original que não pode ser repetida. Junto a isso, as influências externas e “o

³¹⁹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 249, AE 40, CdL 207. Tradução de P. C. de Souza. A imortalidade potencial das células germinativas havia sido antes recusada por Freud, em contraposição à concepção de Weismann, por representar para ele uma negação da hipótese da pulsão de morte; agora, uma aparente imortalidade potencial destas células é afirmada como expressão da pulsão de vida. Um dos resultados dos experimentos em torno da imortalidade dos protozoários é tomado ainda por Freud em favor da sua concepção das pulsões sexuais como pulsões de vida: a constatação de que uma espécie de copulação entre dois desses organismos os revigorava e rejuvenescia.

³²⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 250, AE 40, CdL 207. Tradução de P. C. de Souza.

³²¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 250, AE 41, CdL 208. Tradução de P. C. de Souza.

esforço de Eros para reunir o orgânico em unidades cada vez maiores”³²² explicariam o desenvolvimento observado no mundo orgânico.

De acordo com Freud, com base nas constatações de que a multicelularidade dos organismos “tornou-se um meio para o prolongamento de sua vida” e de que “a temporária fusão de dois seres unicelulares” também tem como efeito a preservação da vida, “pode-se fazer a tentativa de transpor a teoria da libido, produto da psicanálise, à relação das células entre si”³²³. Nesse sentido, o efeito constatado a partir da união entre diferentes células se deveria às pulsões sexuais ou pulsões de vida nelas atuantes, que neutralizariam parcialmente as pulsões de morte das outras. E, se assim for, a libido das pulsões sexuais “coincidiria com o Eros dos filósofos e poetas, que mantém unido tudo o que vive”³²⁴.

Como ainda não conseguiu demonstrar o caráter de compulsão à repetição nas pulsões sexuais, que visam essencialmente à fusão de duas células, Freud retorna à biologia para procurar respostas sobre a origem da reprodução sexual e das pulsões sexuais. Apresenta, de início, uma concepção que parece plausível, ao seguir um modo de pensar darwiniano: a copulação entre dois protozoários teria ocorrido primeiramente por acaso e, por ter-se mostrado vantajosa para a preservação da vida, teria sido mantida, de modo que as pulsões sexuais buscariam a repetição deste acontecimento primevo. Apesar de satisfazer a exigência da conformação das pulsões sexuais à compulsão de repetição, esta explicação da origem da sexualidade mostrar-se-ia incompatível com a hipótese da pulsão de morte, pois, caso os primeiros organismos vivos fossem dotados inicialmente apenas de pulsões de morte, a copulação seria evitada, e não mantida, já que tais organismos não teriam qualquer interesse na preservação da vida. Esta concepção é, portanto, deixada de lado por Freud, que pondera que seria necessário supor a existência de pulsões de vida desde o início, junto às pulsões de morte.

Como a ciência lhe oferece muito pouco acerca da gênese da sexualidade, é na “teoria que Platão faz Aristófanos exprimir no *Simpósio*”³²⁵ que Freud encontrará uma hipótese (ou mito) que satisfaz a condição de se adequar às suas concepções. O mito diz que originalmente os seres humanos possuíam tudo em dobro e que havia então três gêneros: o masculino, o feminino

³²² FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 252, AE 42, CdL 210. Tradução de P. C. de Souza.

³²³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 259, AE 49, CdL 220. Tradução de P. C. de Souza.

³²⁴ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 259, AE 49, CdL 221. Tradução de P. C. de Souza.

³²⁵ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 266, AE 56, CdL 230. Tradução de P. C. de Souza.

e o “homem-fêmea”. Em um certo momento, “Zeus decidiu parti-los em dois”, após o que “o anseio impeliu as duas metades a juntar-se”³²⁶. A partir desse mito, Freud levanta algumas questões, como a de se haveria ocorrido algo semelhante com a substância viva, que poderia, no momento de sua animação, ter sido “desmembrada em pequenas partículas que desde então buscam reunir-se”³²⁷, impelidas pelas pulsões sexuais. Sem arriscar afirmações ou respostas, contudo, prefere parar por aí. Faz algumas observações críticas em relação às especulações que levou a cabo, das quais nem ele estaria inteiramente convencido, mas defende o interesse em seguir um curso de pensamento apenas por curiosidade, e ante os resultados deste só se poderia esperar “uma fria benevolência”³²⁸.

2.2.5. Eros e Tânatos

As eventuais hesitações relacionadas à pulsão de vida, contudo, se dão apenas com relação à questão de se ela também carrega o caráter da repetição. Em muitos contextos, Freud tratará as duas classes de pulsões em estatuto de paridade, ainda que por vezes em um tom que deixa transparecer uma certa prevalência de um dos lados. “Os dois tipos de pulsão, Eros e a pulsão de morte, atuariam e trabalhariam uma contra a outra desde o primeiro surgimento da vida”³²⁹, dirá o autor em verbete publicado em 1923, reafirmando a hipótese esboçada nas últimas formulações de *Além do princípio do prazer*, mas dessa vez sem hesitação. E, ainda nesse texto, atribui de forma decidida o caráter da repetição às pulsões de vida³³⁰, assim como o faz, no mesmo ano, em *O eu e o isso*:

³²⁶ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 266, AE 56, CdL 231. Tradução de P. C. de Souza.

³²⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 267, AE 57, CdL 232. Tradução de P. C. de Souza.

³²⁸ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 268, AE 58, CdL 233. Tradução de P. C. de Souza.

³²⁹ FREUD, “‘Psychoanalyse’ und ‘Libidotheorie’”, 1923, GW 233. Tradução nossa. Aqui também Freud concebe as pulsões, sem particularizá-las, como “tendências inerentes à substância viva para o restabelecimento de um estado anterior”, como “a expressão de uma inércia ou elasticidade do orgânico”.

³³⁰ Aqui também Freud concebe as pulsões, sem particularizá-las, como “tendências inerentes à substância viva para o restabelecimento de um estado anterior”, como “a expressão de uma inércia ou elasticidade do orgânico” (FREUD, “‘Psychoanalyse’ und ‘Libidotheorie’”, 1923, GW 233, tradução nossa).

Ambos os instintos [*Triebe*] comportam-se de maneira conservadora no sentido mais estrito, ao se empenhar em restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Este surgimento seria, então, a causa da continuação da vida e, ao mesmo tempo, da aspiração pela morte, a própria vida sendo luta e compromisso entre essas duas tendências [*Strebungen*]. A questão da origem da vida permaneceria cosmológica, a da finalidade [*Zweck*] e propósito [*Absicht*] da vida seria respondida de forma dualista.³³¹

A pulsão de morte e a pulsão de vida estariam ativas “em cada pedaço de substância viva”, associando-se com regularidade, e poderiam ser relacionadas aos processos fisiológicos destrutivos e construtivos, tal como concebidos por Ewald Hering. Com a associação dos seres unicelulares em organismos pluricelulares, parte da pulsão de morte presente em cada célula seria neutralizada e canalizada para o mundo externo através do órgão da musculatura, manifestando-se então como “pulsão de destruição” (*Destruktionstrieb*)³³².

Em *Além do princípio do prazer e O eu e o isso*, Freud procura relacionar a oposição entre pulsões de vida e de morte com a oposição entre amor e ódio, e o papel que a sexualidade e a agressividade desempenham a cada estágio do desenvolvimento sexual passa a ser entendido a partir do jogo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. A explicação do sadismo como um componente original da libido é substituída pela sua compreensão como uma pulsão de morte que foi deslocada do eu para um objeto e é amalgamada à pulsão sexual, enquanto uma disjunção entre esta pulsão de morte sádica e a libido tornaria o sadismo independente na forma da perversão; ademais, se “o sadismo original não experimenta atenuação ou fusão, produz-se a conhecida ambivalência de amor e ódio na vida amorosa”³³³. Tendo sido já insinuada a ideia de que a pulsão de morte é dirigida inicialmente ao eu, Freud formula a hipótese da existência de um masoquismo primário. A sua concepção anterior, que entendia o masoquismo apenas como uma reversão do sadismo para o eu, passa a ser entendida como um caso particular, em que a pulsão de morte, após ser deslocada do eu para o mundo externo, retorna ao seu objeto primeiro.

³³¹ FREUD, *Das Ich und das Es*, 1923, GW 269, CdL 50-1. Tradução de P. C. de Souza.

³³² FREUD, *Das Ich und das Es*, 1923, GW 269, CdL 51.

³³³ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 263, AE 53, CdL 226. Tradução de P. C. de Souza.

Em *O mal-estar na cultura*, o jogo entre as duas grandes pulsões será colocado no palco da vida social humana. Freud reconhece ali que, de acordo com a sua nova teoria pulsional, o pendor à agressão seria uma disposição pulsional autônoma e que a civilização teria nele “o seu mais poderoso empecilho”³³⁴. A luta entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, que constituiria o teatro da vida, se colocaria assim também como o grande drama cultural:

Esse impulso agressivo [*Aggressionstrieb*] é o derivado e o principal representante do impulso de morte [*Todestrieb*] que encontramos ao lado de Eros, e que divide com este o domínio do mundo. E agora, creio, o sentido do desenvolvimento cultural não nos é mais obscuro. Ele tem de nos mostrar a luta entre Eros e a morte, entre o impulso de vida [*Lebenstrieb*] e o impulso destrutivo [*Destruktionstrieb*], tal como ocorre na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso o desenvolvimento cultural pode ser caracterizado sucintamente como a luta da espécie humana pela vida.³³⁵

O processo cultural se daria como uma modificação do processo vital, realizada como “uma tarefa colocada por Eros e estimulada por Ananke – a carência real”, tarefa que consistiria na “união de seres humanos isolados numa comunidade ligada libidinalmente”³³⁶. Contudo, o grande obstáculo à constituição e preservação desta associação humana — a agressividade — teria de ser contido, e havia já naquela época, na percepção de Freud, tornado-se mesmo um grande perigo, ao ponto de pôr em risco a própria sobrevivência da espécie:

Parece-me que a questão decisiva da espécie humana é a de saber se, e em que medida, o seu desenvolvimento cultural será bem-sucedido em dominar o obstáculo à convivência representado pelos impulsos humanos de agressão e de autoaniquilação. Quanto a isso, talvez precisamente a época atual mereça um interesse especial. Os seres humanos conseguiram levar tão longe a dominação das forças da natureza que seria fácil, com o auxílio delas, exterminarem-se

³³⁴ FREUD, *Das Unbehagen in der Kultur*, 1930, GW 481, LPM 141. Tradução de R. Zwick.

³³⁵ FREUD, *Das Unbehagen in der Kultur*, 1930, GW 481, LPM 142. Tradução de R. Zwick.

³³⁶ FREUD, *Das Unbehagen in der Kultur*, 1930, GW 499, LPM 173. Tradução de R. Zwick.

mutuamente até o último homem. Eles sabem disso; daí uma boa parte de sua inquietação atual, de sua infelicidade, de sua disposição angustiada. E agora cabe esperar que o outro dos dois “poderes celestes”, o eterno Eros, faça um esforço para se impor na luta contra o seu adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o desfecho?³³⁷

É curioso o cenário pintado aqui, que parece exprimir a percepção e o sentimento do tempo da Guerra Fria, mas se trata de algo escrito ainda anos antes da ascensão do nazismo, da Segunda Guerra, do Holocausto e da bomba atômica. O resultado da luta entre as pulsões de vida e de morte é incerto para Freud, não se afirma aqui a primazia de um lado ou de outro; mas é difícil não notar que o texto expressa a percepção da grandiosidade da potência da Morte, enquanto Eros aparece apenas como uma esperança. A rigor, contudo, o estatuto teórico da visão de Freud sobre a luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte não concebe desigualdade de forças, não declara previamente um vencedor, o que se corrobora quando ele afirma, em 1937, que não está em questão a “oposição de uma teoria otimista da vida a uma teoria pessimista”³³⁸.

A nova teoria das pulsões, que concebe forças que possuem um alcance bastante amplo, vai se deparar também com um certo encontro com a filosofia. Em 1920, além de mencionar uma coincidência entre a pulsão sexual e o Eros filosófico, Freud expressa também a constatação de que “inadvertidamente adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é ‘o autêntico resultado’ e, portanto, o objetivo da vida, enquanto o instinto sexual [*Sexualtrieb*] é a encarnação da vontade de vida”³³⁹. Nas *Novas conferências...*, ao abordar novamente a aproximação com a filosofia de Schopenhauer, Freud diz não ver problema na coincidência do pensamento do filósofo com as ideias a que ele próprio chegou pela pesquisa científica cuidadosa, mas acrescenta que não seria correto identificar as duas concepções: “Nós não afirmamos que a morte é a única meta [*Ziel*] da vida; nós não deixamos de notar, junto à morte, a

³³⁷ FREUD, *Das Unbehagen in der Kultur*, 1930, GW 506, LPM 184-5. Tradução de R. Zwick.

³³⁸ FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 88-9, AE 244-5. Tradução nossa. Note-se, porém, que a teoria também não estabelece igualdade de forças entre as pulsões, deixando antes a questão na incerteza.

³³⁹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 259, AE 48-9, CdL 220. Tradução de P. C. de Souza.

vida. Nós reconhecemos duas pulsões básicas [*Grundtriebe*] e damos a cada uma sua própria meta”³⁴⁰.

E, em 1937, Freud abordará a proximidade da sua teoria pulsional com a filosofia natural de Empédocles. O filósofo grego, que havia concebido a realidade a partir de quatro elementos fundamentais — terra, água, ar e fogo —, se encontra com Freud, especificamente, nos princípios ou forças que moveriam esses elementos:

O filósofo ensina, pois, que existem dois princípios dos acontecimentos na vida do mundo e da alma, que estão em uma luta eterna um com o outro. Ele os chama de φιλία — *amor* — e νεῖκος — *conflito*. Uma dessas forças [*Mächte*], que para ele são, no fundo, “forças naturais [*Naturkräfte*] que agem impulsivamente [*triebhaft*], de nenhum modo inteligências conscientes de fins [*zweckbewußt*]”, esforça-se para aglomerar [*zusammenballen*] as partículas primordiais dos quatro elementos em uma unidade, a outra, pelo contrário, quer desfazer todas essas misturas e separar as partículas primordiais dos elementos.³⁴¹

De maneira muito semelhante, as pulsões de vida ou Eros, para Freud, consistem no esforço pela união, enquanto as pulsões de morte visam a separação. À parte esse núcleo de identidade, a primeira diferença entre as teorias de Empédocles e Freud está no domínio de ação destes princípios, que em Empédocles são princípios cósmicos, enquanto em Freud estão restritos ao biológico ou “biopsíquico”, segundo as palavras do autor. O fato de Empédocles conceber o universo como algo animado, aponta Freud, de certo modo atenua esta diferença, já que assim os princípios estariam caracterizados no domínio biológico, que nesse caso seria irrestrito; por outro lado, isto expõe mais uma diferença entre as suas concepções, isto é, a ideia de um universo vivo. Outra diferença está naquilo em que atuam os princípios de união e

³⁴⁰ FREUD, *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, GW 115. Tradução nossa.

³⁴¹ FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 92, AE 247. Tradução nossa. O trecho citado por Freud — assim como sua exposição das ideias de Empédocles — é retirado de Capelle, *Die Vorsokratiker*, 1935. Não nos é inteiramente claro se o termo *triebhaft* é usado aqui no sentido de impulsivo, instintivo, em contraposição a racional, inteligente, ou no sentido de impulsionador, movente, motor.

separação, que, no caso de Freud, são “componentes pulsionais” (*Triebkomponenten*)³⁴². Mas Freud finaliza seu comentário com um movimento na direção oposta, deixando em aberto a possibilidade de uma certa aproximação entre a pulsão de morte e o princípio da discórdia:

[...] em certa medida, alicerçamos biologicamente o princípio do “conflito”, ao reconduzir nossa pulsão de destruição à pulsão de morte, o ímpeto do vivente para retornar ao inanimado. Com isso não queremos contestar que já existisse anteriormente uma pulsão análoga, nem afirmar, naturalmente, que uma tal pulsão só surgiu com o aparecimento da vida.³⁴³

A partir do arcabouço teórico freudiano que visitamos aqui, levantemos o conjunto de princípios teóricos que podem ser considerados em uma relação com a tendência à estabilidade de Fechner. Com relação aos princípios de regulação da quantidade de excitações, diferenciamos, sob as diversas denominações e formulações, uma *tendência à constância* e uma *tendência à descarga total*. O *princípio do prazer*, inicialmente associado a estas formulações quantitativas, será posteriormente diferenciado a partir de uma definição qualitativa. A nova teoria das pulsões trará em 1920 o advento da *pulsão de morte*, que não é claramente relacionada por Freud ao princípio de Fechner, mas esta relação é sugerida pelo quadro teórico que se desenha, já que a tendência à descarga ou à constância é considerada como um derivado tanto da tendência à estabilidade quanto da pulsão de morte, o que indica que esta poderia ser tida como a expressão biológica da tendência física mais geral à estabilidade. A *compulsão à repetição*, cuja associação à tendência à estabilidade parece mais dúbia, também merece consideração, tanto por estar na origem da pulsão de morte, quanto pelo fato de que o princípio fechneriano envolve igualmente uma certa ideia de repetição, o que já levou comentadores a tecer associações também a partir deste conceito. E a pulsão de vida, que dificilmente poderia ser vista em confluência com os intentos da tendência à estabilidade, também terá o seu lugar na comparação

³⁴² FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 92, AE 248.

³⁴³ FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 92-3, AE 248. Tradução nossa.

com a concepção de vida de Fechner, que está envolvida de modo intrincado no aparato teórico onde surge a tendência à estabilidade.

3. FECHNER E FREUD: ANÁLISE TEÓRICA COMPARATIVA

Tendo levantado e examinado o material teórico de cada autor, podemos agora passar para a análise comparativa, munidos da base que estabelecemos previamente. Tomaremos como mote de cada seção deste capítulo os temas que indicam uma aproximação ou afastamento entre os dois autores, iniciando pela distinção entre *quantidade* e *qualidade* na análise da relação entre a tendência à estabilidade e os princípios freudianos de regulação das excitações. Em uma comparação teórica entre o princípio de Fechner e a pulsão de morte, ressaltaremos a distinção entre *força* e *acidente* e a confluência entre *prazer* e *morte*, enquanto os temas *vida* e *relação* serão levantados como pontos de aproximação a partir do princípio da diferenciação relacional de Fechner e da pulsão de vida. Por fim, faremos uma análise do tema da *repetição*.

3.1. Quantidade e qualidade

As diversas formulações que encontramos nos escritos de Freud que conhecemos, desde 1892, sob denominações como princípio da inércia neuronal, função primária do sistema nervoso, princípio da constância e princípio do Nirvana, como vimos, por vezes diferem entre si de maneira significativa, mas um ponto em relação a elas é absolutamente claro e unívoco: trata-se sempre de um princípio *quantitativo*. O que está em questão é um princípio do sistema nervoso ou do aparelho psíquico que visa a regulação das quantidades de excitação nele presentes. No *Projeto*, onde Freud pouco diz sobre a natureza daquilo que é regulado, o seu conceito aparece, após ser-lhe retirado todo o conteúdo acidental, em sua forma mais abstrata e essencial: a quantidade.

O princípio fechneriano da tendência à estabilidade, pelo contrário, é formulado como um princípio *qualitativo*, e, ainda que certas convergências entre as teorias dos dois autores possam nos induzir a uma tentadora identificação, esse caráter qualitativo da tendência à estabilidade é explicitado por Fechner em algumas ocasiões, onde é inclusive contrastado com o caráter quantitativo do princípio da conservação da força. Ao observar que este último princípio impõe um limite para a aproximação a um estado de estabilidade absoluta no universo, Fechner explica que a tendência à estabilidade não pode modificar a “magnitude” (*Grösse*) total da força viva no universo, apenas a sua “forma” (*Form*) de manifestação, considerando assim o seu princípio como um “complemento qualitativo [*qualitativ*], por assim dizer, àquele princípio relativo a aspectos quantitativos [*quantitativ*]”³⁴⁴.

Fica estabelecido assim, de maneira bem clara, a distinção entre o aspecto qualitativo, que se refere à forma do movimento e no qual incide a tendência à estabilidade, e o aspecto quantitativo, relativo à força viva, à quantidade de movimento³⁴⁵, ao qual está relacionado o princípio da conservação da força. Portanto, a rigor, parece-nos essencialmente inadequada a

³⁴⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 35. Tradução nossa.

³⁴⁵ Utilizamos aqui a expressão “quantidade de movimento” em um sentido amplo, que inclui também a força viva (mv^2 ou $\frac{1}{2}mv^2$) como uma expressão quantitativa do movimento de um corpo. Em seu sentido estrito, a expressão designa o momentum (mv).

relação tecida por Freud, em 1920, entre os seus princípios de regulação das quantidades de excitação e a tendência à estabilidade de Fechner.

Uma passagem do capítulo teórico de Breuer dos *Estudos sobre histeria* nos sugere ainda que, em conformidade com o caráter marcadamente quantitativo dos princípios teóricos de Freud que mencionamos, eles poderiam de fato ser relacionados à ideia de força viva ou energia cinética, ou ao conceito mais geral de força ou energia que circulava no século XIX. A teorização de Breuer faz referência ali à presença de três formas de energia no sistema nervoso, entre as quais está uma “energia cinética” (*kinetische Energie*), que seria a energia corrente no estado de excitação da fibra nervosa — o correlato da energia livre de Freud. Além desta energia cinética e de uma “energia potencial” (*potentielle Energie*) — esta presente na constituição química das células nervosas —, Breuer suporá também a existência de uma “excitação tônica” (*tonische Erregung*) ou “tensão nervosa” (*Nervenspannung*)³⁴⁶, que considera necessária para, por exemplo, uma fibra nervosa associativa receber excitação de duas células sensoriais a ela conectadas. E formula uma notável analogia entre os domínios do sistema nervoso, dos fluidos e da eletricidade, ao afirmar que a tensão nervosa está para a excitação corrente de uma fibra nervosa “como a pressão hidrostática para a força viva [*lebendige Kraft*] da água corrente ou como a tensão elétrica para a corrente elétrica”³⁴⁷.

Se adentrarmos a obra de Freud, fica bem claro que há a concepção de uma espécie de energética, sobretudo a partir dos conceitos de energia livre e energia ligada. O primeiro conceito, de energia livre, semelhante à energia nervosa corrente de Breuer, parece de fato poder ser entendido como uma forma de energia cinética, enquanto a energia ligada talvez possa ser compreendida como uma forma de energia potencial, cuja transformação em energia cinética seria impedida pela ligação, de modo análogo àquele em que uma represa impede a transformação da energia potencial de um curso de água em energia cinética. Desse modo, se fosse o caso de associar os princípios freudianos relacionados à quantidade de excitação a um princípio físico geral, cremos que seria mais pertinente associá-los ao princípio quantitativo da conservação da energia do que ao princípio qualitativo da tendência à estabilidade. O princípio

³⁴⁶ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 169, AE 205-6. Tradução nossa.

³⁴⁷ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 169, AE 205. Tradução nossa.

da constância ainda poderia se beneficiar aqui de sua afinidade semântica com a ideia de conservação³⁴⁸.

A tendência à descarga, por sua vez, talvez tenha alguma vocação para ser aproximada da segunda lei da termodinâmica, ao menos da maneira como Bernfeld e Feitelberg a interpretam e aplicam. Os autores consideram que a pulsão de morte — que, segundo eles, teria sido identificada por Freud com a tendência à estabilidade — seria associada de modo mais frutífero à lei da entropia, cujas formulações abarcariam os fatos abordados pelo princípio da estabilidade, mas eliminariam certas ambiguidades nele contidas³⁴⁹. Eles entendem que a lei da entropia determina que os “processos físicos em um sistema fechado” caminham em direção a uma “equalização das diferenças de intensidade das energias do sistema”³⁵⁰, e que o sistema nervoso central trabalha nesse mesmo sentido, pois, durante o sono, quando ele estaria parcialmente inativo, o potencial para a ação cresceria, enquanto a sua atuação durante a vigília diminuiria o potencial e aumentaria a entropia através da ação motora. Se este processo puder ser tratado como o acúmulo de excitações e a sua posterior descarga, então os princípios freudianos orientados para a descarga também poderiam ser arrolados, seguindo a compreensão dos autores, como partícipes do esforço pelo aumento da entropia.

Observemos, porém, que há uma importante diferença a se considerar entre os princípios físicos em questão e os princípios biológicos: os primeiros são válidos apenas para sistemas fechados, o que não é o caso dos organismos. Essa diferença é bem clara se consideramos a ideia de conservação da energia. De acordo com o princípio da conservação da energia, excitações que atingem o sistema nervoso de um organismo simplesmente aumentariam a quantidade de energia deste sistema, pois este não é um sistema fechado, e não haveria necessidade de se fazer nada a respeito. Os princípios biológicos freudianos representam um esforço adicional de regular a quantidade de energia do sistema, apesar de se tratar de um sistema aberto. Nesse sentido, tanto pelo aspecto biológico quanto pelo aspecto quantitativo, nos parece que seria mais adequada uma associação do princípio da constância com o princípio de Claude Bernard que posteriormente

³⁴⁸ Vemos uma expressão dessa afinidade quando Fechner usa, em relação ao princípio da conservação da força, o adjetivo “constante” (*constant*) (FECHNER, *Elemente der Psychophysik*, vol. 1, 1860, p. 32).

³⁴⁹ BERNFELD & FEITELBERG, “Der Entropiesatz und der Todestrieb”, 1930.

³⁵⁰ BERNFELD & FEITELBERG, “Der Entropiesatz und der Todestrieb”, 1930, p. 83. Tradução nossa.

ficaria conhecido como homeostase³⁵¹ — associação que, aliás, como já apontamos, havia sido tecida por Breuer nos *Estudos sobre histeria*.

O princípio do prazer, até 1923, era também um princípio quantitativo, de modo que sua concepção até esta data pode receber o mesmo juízo que os outros princípios mencionados anteriormente, no que se refere à adequação de sua relação com a tendência à estabilidade. Contudo, a associação feita em 1924 do prazer e do princípio do prazer a um fator qualitativo exige que façamos esta distinção entre duas formulações do princípio e consideremos separadamente esta nova formulação em sua relação com as teorias de Fechner, o que demanda um tratamento mais detido da questão, que se torna agora mais complexa. Para começarmos a abordá-la, vamos observar como, além do movimento de Freud da quantidade em direção à qualidade, Fechner faz um movimento de certo modo semelhante, mas inverso, que, partindo da qualidade, integrará também a quantidade.

No trecho citado por Freud em 1920, onde Fechner articula a relação psicofísica entre prazer ou desprazer e a aproximação ou distanciamento de um estado de estabilidade completa, ele designa como “limiar qualitativo [*qualitativ*] do prazer e do desprazer”³⁵² os limites a partir dos quais ocorreriam estas sensações; e na sequência desta passagem, ainda no mesmo período, propõe a ideia de que qualquer movimento no mundo poderia se tornar consciente, para o que seria necessária apenas a satisfação da condição de que sua força viva supere um valor determinado, “o qual, em contraste com o limiar qualitativo [*qualitativ*], que está relacionado à forma do movimento, deve ser designado como limiar *quantitativo* [*quantitativ*]”³⁵³. Na sequência do texto, abordará a questão do “tédio” (*Langeweile, Überdruß*), cuja explicação envolverá este limiar quantitativo, e que também é abordada por Breuer no seu capítulo teórico aos *Estudos*.... As explicações dos dois autores são de naturezas um tanto divergentes, mas

³⁵¹ De acordo com Bernard, uma parte dos animais desenvolveu a capacidade de regular o seu meio interno (*milieu intérieur*), representado pelo plasma sanguíneo, de maneira a mantê-lo em condições *constantes*. De maneira mais específica, tratar-se-ia sobretudo de manter constantes nesse meio a temperatura e a *quantidade* de água, oxigênio e outras substâncias como cloreto de sódio e açúcar (BERNARD, *Leçons sur les phénomènes de la vie communs aux animaux et aux végétaux*, 1878, pp. 111-21).

³⁵² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 94. Tradução nossa.

³⁵³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 95. Tradução nossa.

convergem em certos pontos, e vale a pena determo-nos um pouco em sua comparação, tanto pelas semelhanças quanto pelas diferenças³⁵⁴.

Em uma passagem do seu texto, Breuer usa curiosamente a expressão “energia viva” (*lebendige Energie*), uma variante que mescla a expressão mais antiga (“força viva”) com a mais recente (“energia cinética”) — ao que parece com o mesmo sentido —, para se referir à excitação nervosa corrente, que surgiria a partir da transformação da “força de tensão” (*Spannkraft*), resultando em atividade motora³⁵⁵. Se tal processo não ocorre, porém, se daria “um aumento da excitação intracerebral normal”, uma “agitação” (*Aufregung*), relacionados ao sentimento desprazeroso do “tédio” (*Langeweile*)³⁵⁶.

Fechner, por sua vez, observará que o fato de a ação mais prazerosa, como a “contemplação da mais bela pintura”, perder progressivamente o seu efeito de prazer e resultar por fim até mesmo no “desprazer do enfado ou do tédio”³⁵⁷ seria a primeira objeção à sua concepção que relaciona prazer e estabilidade. Não se trata do mesmo tédio analisado por Breuer, notemos, já que este provinha da ausência de estímulos interessantes ou atividade em geral, sendo explicado a princípio pelo acúmulo da quantidade de excitação. Em Fechner, por outro lado, trata-se, à primeira vista, apenas de um aspecto qualitativo, isto é, da estabilidade da atividade psicofísica: o fato de uma atividade estável tornar-se desprazerosa vai de encontro à ideia que ele havia proposto.

Em um dos argumentos levantados por Fechner contra a objeção considerada, o autor formula a hipótese de que a estabilidade deve ser considerada para o sistema como um todo, de modo que a atividade persistente de uma de suas partes tornar-se-ia desprazerosa por causa da falta de alternância. Aqui encontramos uma convergência com uma formulação que Breuer fará, segundo a qual o aumento do nível energético que se dá de maneira uniforme (*gleichmässig*) entre as diversas funções psíquicas seria útil, chamando-o de *Anregung* (incitação), enquanto o acréscimo não uniforme (*ungleichmässig*), chamado de *Aufregung* (agitação, desequilíbrio

³⁵⁴ Nos estenderemos aqui um pouco mais sobre Breuer, cujo texto é um notável apêndice da obra de Freud — mas não pode ser a ela identificado —, não apenas pela coincidência no tratamento de um tema que faz ressaltar os problemas que aqui tratamos, mas também porque sairemos desta digressão parcial com um ganho teórico em relação a Fechner e sua relação com Freud.

³⁵⁵ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 171, AE 208.

³⁵⁶ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 171, AE 208.

³⁵⁷ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 95. Tradução nossa.

emocional), seria prejudicial para a atividade mental e constituiria “o fundamento psíquico-físico [*psychisch-physisch*] dos afetos”³⁵⁸, formulação que pode ter sido diretamente inspirada pela de Fechner.

O outro argumento de Fechner contra a objeção é que “a excitação interna que depende da ação submerge mais e mais, de acordo com a lei da insensibilização [*Abstumpfung*], no limiar quantitativo da intensidade [*Stärke*] de que depende [*mit abhängen*] o grau [*Grad*] do prazer”³⁵⁹. Há aqui, portanto, ao menos uma concessão parcial à relação do prazer com a quantidade ou intensidade da excitação. É possível que o quadro teórico que aqui se desenha signifique que o grau ou a intensidade do prazer ou desprazer esteja relacionado à intensidade da excitação, enquanto a superação dos limiares qualitativos relacionados à estabilidade definiria apenas se a sensação seria prazerosa ou desprazerosa. Assim, o grau de aproximação ou afastamento da estabilidade completa não teria influência sobre a intensidade da sensação, o que ao menos não é contradito pela formulação inicial de Fechner sobre os limiares qualitativos, no trecho citado por Freud³⁶⁰. É também possível — ou mesmo provável — que o verbo *mit abhängen*, usado por Fechner ao afirmar a dependência do grau do prazer em relação ao aspecto quantitativo, signifique a atribuição de uma codependência, de modo que a intensidade do prazer também estaria relacionada com o grau de aproximação à estabilidade completa. O modo pelo qual se daria a “soma” destes dois fatores, contudo, restaria ainda por dizer.

Na *Pré-escola da estética*, Fechner avança a primeira possibilidade que levantamos e também uma terceira possibilidade, segundo a qual o grau de prazer ou desprazer seria determinado exclusivamente pelo grau de aproximação ou afastamento em relação a um estado harmônico ou estável³⁶¹. Em *A visão diurna contra a visão noturna*, por sua vez, parece aderir à segunda possibilidade que levantamos, que compreende que o grau de prazer e desprazer está relacionado tanto à intensidade da excitação quanto à aproximação à estabilidade³⁶². Em todas as possibilidades, deve-se ressaltar, estão envolvidos os aspectos qualitativo e quantitativo, na medida em que os dois limiares sempre precisariam ser ultrapassados para que se dê a sensação

³⁵⁸ BREUER e FREUD, *Studien über Hysterie*, 1895, Deuticke 173, AE 210. Tradução nossa.

³⁵⁹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 95. Tradução nossa.

³⁶⁰ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 94.

³⁶¹ FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876.

³⁶² FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, pp. 217-8.

de prazer ou desprazer. A divergência se dá apenas na determinação da intensidade desta sensação, se ocorre apenas por meio do aspecto qualitativo, apenas pelo quantitativo ou por ambos. A formulação destas alternativas é feita em geral de maneira hesitante e pouco decidida, mas a colocação da questão em *A visão diurna contra a visão noturna* é ao menos unívoca e parece estabelecer a opção de uma determinação conjunta dos aspectos quantitativo e qualitativo.

Vimos, assim, como Fechner, partindo de uma definição do prazer a partir de um aspecto qualitativo, incorporou também um aspecto quantitativo. Em *A visão diurna contra a visão noturna*, ele ainda acrescenta que a sensação de prazer não se daria com a persistência de um grau estático de aproximação à estabilidade, mas apenas se houver um movimento de aproximação em curso, de modo que a velocidade desse movimento de aproximação determinaria a intensidade do prazer, enquanto a aceleração do movimento produziria um aumento desta intensidade³⁶³. Freud, por sua vez, parte de uma concepção de prazer que o compreende a partir do aspecto quantitativo da redução de excitações, para reformulá-la, em 1924, associando-o agora a um aspecto qualitativo, o qual supõe consistir em algo que podemos descrever também como uma velocidade: o ritmo das modificações das quantidades de estímulo³⁶⁴ ou, como dissera já em 1920, estas modificações “na unidade de tempo”³⁶⁵. Trata-se, portanto, da velocidade das alterações da quantidade de excitações. Podemos identificar aqui, portanto, uma coincidência com a formulação de Fechner, a partir da ideia de velocidade, mas ainda não se pode deixar de notar que, em Fechner, a velocidade está relacionada a um movimento em direção a um estado qualitativo, a forma estável do movimento do sistema, enquanto em Freud trata-se de um movimento em direção a um estado quantitativo, um estado que possua um menor nível de excitações.

A incorporação por Fechner de um aspecto quantitativo na determinação das sensações de prazer e desprazer, que se dá na mera necessidade de se ultrapassar o limiar quantitativo ou mesmo na determinação da intensidade da sensação pela intensidade da força viva, não chega a fazer sua concepção coincidir com a concepção quantitativa do primeiro Freud, se assim pudermos denominar aqui o autor da concepção do prazer e do princípio do prazer que antecede o ano de 1924. O prazer era então, para Freud, o resultado da diminuição da quantidade de

³⁶³ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, pp. 219-20.

³⁶⁴ FREUD, “Das ökonomische Problem des Masochismus”, 1924, GW 372, CdL 187.

³⁶⁵ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 271, AE 61, CdL 238. Tradução nossa.

excitações de maneira indiferenciada, de modo que qualquer aumento de excitações resultaria em desprazer. O aumento de excitação relativo a uma atividade que ultrapassa o limiar qualitativo do prazer em relação à estabilidade completa seria, para Fechner, acompanhado de prazer, enquanto para Freud, simplesmente por se tratar de aumento de excitação, significaria desprazer.

A diferença principal é que aqui não havia, para Freud, uma diferenciação qualitativa entre as excitações, o que muda em 1924. A partir de então, a concepção de prazer de Freud pode ser aproximada de forma bem mais significativa da de Fechner. Ao que parece, Freud passa a entender, como Fechner, que um aspecto qualitativo relacionado às excitações determinará se elas darão origem a sensações de prazer ou desprazer, enquanto a intensidade destas excitações determinaria a intensidade das sensações correspondentes. Resta apenas esclarecer, contudo, se a coincidência se estende àquilo em que consiste esse aspecto qualitativo. Em Fechner, como o sabemos, trata-se da estabilidade do estado de movimento do sistema. A hipótese levantada por Freud, por sua vez, aponta para o ritmo ou velocidade das alterações das quantidades de excitação. Desse modo, persistiria portanto ainda esta divergência, decorrente do fato curioso de que mesmo a qualidade freudiana acaba por se reduzir à quantidade — e voltamos novamente para a distinção básica entre um aspecto qualitativo e um aspecto quantitativo.

Do mesmo modo, o princípio do prazer qualitativo também não poderia ser associado de maneira rigorosa à tendência à estabilidade, já que as qualidades buscadas pelos dois princípios seriam divergentes. Porém, devido ao seu caráter qualitativo, este seria ainda o princípio freudiano mais apto para uma aproximação ao princípio de Fechner. Curiosamente, justamente este princípio qualitativo não é associado por Freud ao princípio fechneriano, sendo explicado, em 1924, como a modificação que as pulsões de vida efetuam no princípio do Nirvana, este sim derivado da tendência à estabilidade. E, como o princípio do Nirvana estaria relacionado apenas ao aspecto quantitativo, o caráter qualitativo do novo princípio do prazer parece poder ser atribuído apenas à influência da pulsão de vida.

Para concluir, retomemos as possibilidades de relação entre as teorias de Freud e Fechner que examinamos nesta seção. A associação, feita em 1920, entre a tendência à estabilidade e o princípio da constância permanece inadequada, devido à incompatibilidade básica entre um princípio qualitativo e um princípio quantitativo. O princípio do prazer, à época também um princípio quantitativo, sofria da mesma inadequação que o princípio da constância. Quando

passamos a considerar a incorporação do aspecto quantitativo na teoria de Fechner e do aspecto qualitativo na teoria de Freud, elas podem ser aproximadas de maneira significativa, coincidindo na medida em que em ambas o prazer é definido por um fator qualitativo e sua intensidade pode ser influenciada por um fator quantitativo. De todo modo, esta coincidência em nada muda o juízo sobre a relação tecida por Freud em sua obra com a tendência à estabilidade de Fechner, que em 1920 é associada ao princípio quantitativo da constância e em 1924 ao princípio quantitativo do Nirvana, enquanto o novo princípio do prazer tem seu caráter qualitativo derivado por Freud da pulsão de vida. Ademais, a especificação do fator qualitativo que define o prazer seria ainda uma divergência entre os autores, entre outros detalhes, de modo que as suas concepções de prazer ainda assim não coincidiriam de modo rigoroso. O tema da velocidade, por fim, que surge também em uníssono, é, de maneira semelhante, uma notável coincidência conceitual que esbarra nas divergências de suas especificações, as quais mais uma vez revelam a diferença entre o quantitativo e o qualitativo.

A nosso juízo, fica refutada, portanto, a identificação feita por Assoun entre a tendência à estabilidade de Fechner e a tendência freudiana à redução total — ou a maior possível — da soma de excitações³⁶⁶. No mesmo sentido, Nitzschke afirma que, no processo de redução da tensão, “restabelece-se um nível constante de excitação, o que é equivalente à estabilidade psicofísica”³⁶⁷, mas observa também que, para Fechner, um aumento de excitação não implicaria necessariamente em instabilidade e desprazer: “Contanto que a estabilidade total do organismo se mantenha conservada, um aumento parcial de excitação pode ser prazeroso”³⁶⁸. cremos, porém, que a diferença entre as concepções é ainda maior do que aquela apontada por Nitzschke, o qual dá a entender que há em Fechner uma relação entre aumento de excitação e desprazer, mas subordinada ao critério da estabilidade total do organismo. Parece-nos, contudo, que esta relação não é de nenhum modo estabelecida por Fechner. A observação de Heidelberger a esse respeito nos parece correta, ao apontar sem ressalvas a diferença entre a relação fechneriana entre prazer e aproximação à estabilidade e a relação freudiana entre prazer e redução de excitação, afirmando que Freud talvez tenha suposto que “todo aumento na estabilidade de um

³⁶⁶ ASSOUN, *Introduction à l'épistémologie freudienne*, 1981, p. 155. Hermann também parece aderir à interpretação equivocada da tendência à estabilidade como um princípio que buscaria minimizar a quantidade de energia (HERMANN, *Gustav Theodor Fechner*, 1926, p. 59).

³⁶⁷ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, p. 85. Tradução nossa.

³⁶⁸ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, p. 95. Tradução nossa.

movimento é acompanhado por uma redução da quantidade de excitação”³⁶⁹, mas essa não seria uma ideia de Fechner. Até aqui os comentadores permanecem, contudo, no âmbito das concepções do nosso primeiro Freud. Avançando para a inserção do caráter qualitativo na concepção freudiana do prazer, porém, Simanke afirma que Freud teria tentado resolver o problema apontado por Heidelberger, ao associar prazer e desprazer ao ritmo de variação das quantidades de excitação³⁷⁰, o que é de fato plausível. Em apoio a esta ideia fala o fato de Freud, ao incluir esse fator temporal na caracterização das sensações de prazer e desprazer, considerá-lo como um fator qualitativo, como o era a estabilidade de Fechner. Ademais, a argumentação que Freud faz em 1924 em desfavor da sua anterior concepção quantitativa é, em seu ponto básico, semelhante à argumentação de Fechner contra as concepções quantitativas.

Riepe, curiosamente, usa o fato de Freud associar o prazer a um fator qualitativo em 1924 para marcar um distanciamento de Fechner, não reconhecendo o caráter qualitativo do conceito fechneriano de estabilidade³⁷¹, e perdendo, assim, a oportunidade de apontar a incompatibilidade decorrente da diferença realmente existente entre o qualitativo e o quantitativo. Riepe ainda afirma que haveria uma incompatibilidade entre o princípio do prazer de ambos, por Freud afirmar que nós não possuímos meios para medir a quantidade psíquica, enquanto Fechner mantém em vista esta perspectiva de medição, de modo que Fechner estaria decididamente no domínio da quantidade e Freud, no da qualidade. Mesmo se concordássemos com a atribuição simples de Fechner ao domínio quantitativo, porém, parece-nos que esta diferença não seria uma diferença teórica, mas apenas metodológica. O objeto teórico concebido pelos autores seria igualmente quantitativo, mas os meios de abordá-lo empiricamente seriam diversos: no caso de Fechner, a matematização, enquanto no caso de Freud seria a interpretação pela linguagem comum³⁷². E uma afirmação de Riepe parece exprimir isto de fato com correção, na medida em que se atém ao domínio metodológico: “O método de Freud não consiste na cifragem [Verziffern], mas na decifração [Entziffern] dos processos psíquicos”³⁷³. Enquanto Fechner

³⁶⁹ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 265. Tradução nossa.

³⁷⁰ SIMANKE, “Fontes científicas”, 2020, p. 377.

³⁷¹ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002.

³⁷² Dorer coloca a diferença na atitude em relação ao quantitativo de forma mais simples: enquanto Fechner “quer medir exatamente estas quantidades”, Freud “se contenta em constatar a existência de um fator quantitativo” (DORER, *Bases historiques de la psychanalyse*, 2012 [1932], p. 118, tradução nossa).

³⁷³ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, p. 786. Tradução nossa.

pretende converter o material empírico em símbolos matemáticos, Freud toma os símbolos que já estão presentes no material empírico e os desfaz, convertendo-os para o seu significado original.

3.2. Estabilidade, morte e prazer

Como já apontamos anteriormente, apesar de o conceito de pulsão de morte não ser associado explicitamente por Freud, em *Além do princípio do prazer*, à tendência à estabilidade de Fechner, a constatação, que só se pode fazer a partir de uma incursão no livro de 1873, de que o princípio fechneriano é concebido por seu autor como uma tendência física geral, a qual atua no mundo orgânico também como uma tendência à morte, nos leva a pensar que a estrutura teórica desenhada na obra freudiana de 1920 sugere que a pulsão de morte pode ser entendida como um derivado da tendência à estabilidade.

Isto encontra apoio no fato de que, após inicialmente afirmar que o princípio da constância ou do Nirvana é um “caso especial”³⁷⁴ do princípio de Fechner, Freud sugerirá, em duas ocasiões posteriores na mesma obra, que o seu princípio que concebe uma tendência à descarga ou à constância seria um derivado da pulsão de morte. Na primeira dessas passagens, afirma que o reconhecimento do domínio do princípio da constância ou do Nirvana na vida psíquica ou nervosa seria uma das maiores razões que teria para sustentar a sua crença na pulsão de morte³⁷⁵. Na segunda, diz que este mesmo princípio participaria do esforço, representado pela pulsão de morte, em retornar ao inorgânico. E afirma, ainda, que o princípio do prazer estaria a serviço tanto desta tendência à descarga ou à constância quanto das pulsões de morte³⁷⁶. Portanto, o quadro teórico que se coloca em 1920 é o da seguinte ordem de derivação: tendência à estabilidade (→) pulsão de morte → princípio de constância/Nirvana → princípio do prazer; sendo que a relação entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte teria apenas de ser posta entre parênteses, por não ser afirmada de modo explícito.

Além disso, na passagem em que Freud associa o princípio da constância à tendência à estabilidade, ele diz que esta subordinação será abordada em uma “discussão mais aprofundada”³⁷⁷. No desenvolvimento de ideias realizado em *Além do princípio do prazer*, contudo, o princípio fechneriano não volta a ser mencionado, mas três anos depois, uma

³⁷⁴ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 218-9, AE 8-9, CdL 164.

³⁷⁵ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 264, AE 54, CdL 228.

³⁷⁶ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 270-1, AE 60-1, CdL 236-8.

³⁷⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 219, AE 9, CdL 164. Tradução nossa.

passagem de *O eu e o isso* parece corroborar esta associação entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte, o que poderia representar o aprofundamento ao qual Freud aludira em 1920: “Se o princípio da constância, no sentido de Fechner, governa a vida, a qual seria assim, portanto, uma descensão [*Gleiten*] na morte, são então as exigências de Eros, das pulsões sexuais, que como necessidades pulsionais detêm a queda do nível e introduzem novas tensões”³⁷⁸. Em “O problema econômico do masoquismo”, onde o princípio fechneriano é novamente mencionado, ocorre uma associação textual entre estabilidade e morte, quando Freud afirma que a meta da pulsão de morte é “a condução da vida inquieta [*unstetig*] para a estabilidade [*Stabilität*] do estado inorgânico”³⁷⁹, o que pode ser também expressão da associação entre os dois princípios teóricos.

De todo modo, mesmo se Freud não tiver tido a intenção de estabelecer esta relação entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte, ela é, no mínimo, claramente sugerida na configuração teórica por ele elaborada, e portanto cumpre analisá-la aqui em sua pertinência, em sua harmonização com o princípio fechneriano da maneira como este é formulado pelo autor e como se insere em sua obra.

Para contornar a concepção freudiana do *Todestrieb*, vale a pena retomar a própria definição geral de pulsão que Freud fornece em *Além do princípio do prazer*, a qual parece decalcada da concepção da pulsão de morte:

*Uma pulsão [Trieb] seria então um ímpeto [Drang], inerente ao orgânico vivo, de restauração de um estado anterior que esse organismo teve de abandonar sob a influência de forças externas perturbadoras, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia na vida orgânica.*³⁸⁰

Esta definição, cuja ideia de restabelecimento de um estado anterior a conecta com a noção de compulsão à repetição que lhe serviu como prólogo, certamente cai como uma luva na

³⁷⁸ FREUD, *Das Ich und das Es*, 1923, GW 275, CdL 58-9. Tradução nossa. Usamos aqui a palavra escolhida por Paulo César de Souza para verter o termo *Gleiten*, de difícil tradução no presente uso.

³⁷⁹ FREUD, “Das ökonomische Problem des Masochismus”, 1924, GW 372, CdL 186. Tradução nossa.

³⁸⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 246, AE 36, CdL 202. Tradução nossa.

ideia de retorno ao inorgânico, e as ideias de elasticidade e inércia são facilmente associáveis à tendência à descarga, a qual, relacionada por Freud à pulsão de morte, foi concebida por ele pela primeira vez como o princípio da inércia neuronal, e compreende, assim como a propriedade da elasticidade, o retorno a um estado anterior — isto é, de ausência de excitação. Parece provável, portanto, que Freud tenha concebido a pulsão em geral, aqui, pensando na pulsão de morte, o que tornaria compreensível o fato de ter considerado inicialmente — ao menos de modo provisório — que todo o campo pulsional estaria por ela abarcado, e que tenha tido dificuldades, em seguida, em aclimatar as pulsões de vida nesse conceito.

A pulsão de morte, pelo contrário, seria simplesmente a consequência de levar o novo conceito de pulsão ao seu limite, ao momento do surgimento da vida a partir da matéria inanimada, quando teria surgido então o primeiro *Trieb*: “A tensão [*Spannung*] que sobreveio, na substância anteriormente inanimada, procurou anular a si mesma”³⁸¹. Assim se constituiria, desde o início, portanto, a pulsão de morte, do que se seguem as afirmações então de que “*o objetivo de toda vida é a morte*” e de que “todo ser vivo morre por razões *internas*”³⁸². Notemos que as concepções de pulsão e pulsão de morte são aqui descritas como uma espécie de *força*, através das noções de ímpeto, de elasticidade e de uma tensão reativa³⁸³. A noção de inércia, se estiver relacionada àquela presente no princípio da inércia neuronal, também estaria mais próxima da ideia de força do que da ideia que se exprime no princípio físico da inércia. E a associação da pulsão de morte com o fenômeno da agressividade vem corroborar este caráter conceitual de maneira bastante patente.

A tendência à estabilidade de Fechner, por outro lado, não parece possuir este caráter de força, estando sua formulação principal, de 1873, baseada na ocorrência *acidental* de um arranjo da posição, velocidade e direção das partículas de um sistema, que condicionará a repetição indefinida de um movimento cíclico, abrangendo, como caso particular, o repouso³⁸⁴. A aplicação deste princípio na explicação de diversos fenômenos relacionados aos organismos, ainda que se trate de fenômenos muito mais complexos que os movimentos dos planetas do

³⁸¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 248, AE 38, CdL 205. Tradução de P. C. de Souza.

³⁸² FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 248, AE 38, CdL 204. Tradução de P. C. de Souza.

³⁸³ Ver também a caracterização do *Trieb*, em 1915, como uma “força” (*Kraft*) constante (FREUD, “*Trieb und Tribschicksale*”, 1915, SA 82).

³⁸⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 26.

Sistema Solar, é feita sem qualquer formulação adicional especial, ou seja, entende-se que se trata de expressões do princípio tal como concebido em sua formulação física geral inicial, à qual associamos o caráter do acidente, apenas para contrastar com a ideia de algo que ocorre em decorrência da ação de uma força específica.

Na *Pré-escola da estética*, porém, Fechner se refere à tendência à estabilidade também como um “esforço” (*Streben*), afirmando que tentou mostrar, em 1873, que “todo o processo do mundo se esforça [*streben*] por alcançar este estado ou se aproximar cada vez mais dele, que todas as tendências finalistas [*Zweckmässigkeitstendenzen*] da natureza se subordinam a essa tendência universal”³⁸⁵. Para completar, em *A visão diurna contra a visão noturna*, Fechner associa o termo *Streben*, usado para indicar um esforço do universo para atingir um estado final, com o conceito de *Kraft*, exemplificando a associação com o caso da gravidade, onde esta força corresponderia a um esforço de um corpo para se aproximar do centro da Terra³⁸⁶. Estas aproximações posteriores da tendência à estabilidade à ideia de força certamente destoam da formulação inicial do princípio, que pode ser tomada como sua formulação paradigmática, mas reverberam também a inclinação teísta e organicista do pensamento de Fechner, que já tivera expressão, no livro de 1873, na associação da tendência à estabilidade à ideia de Deus.

Portanto, ao apontar esta diferença entre o conceito freudiano de pulsão de morte e a tendência à estabilidade de Fechner em sua atuação nos organismos, devemos incluir uma ressalva, de acordo com as observações feitas acima, mas se consideramos a formulação física inicial do princípio de Fechner, a qual não se pode dizer que seja substituída por observações posteriores, permanece, a nosso juízo, a distinção significativa entre os construtos teóricos dos dois autores, representada pelo caráter marcante de uma *força* na pulsão de morte e por um caráter majoritariamente *accidental* na tendência à estabilidade.

A partir destas observações, vejamos o que disseram alguns comentadores acerca da relação entre a tendência à estabilidade de Fechner e a pulsão de morte freudiana, tomando de início a afirmação de Nitzschke sobre a questão: “Entendido no sentido mais geral, portanto, Freud não introduz, com o conceito de pulsão de morte (ao menos tendo em consideração a sua

³⁸⁵ FECHNER, *Vorschule der Ästhetik*, vol. 2, 1876, p. 268. Tradução nossa.

³⁸⁶ FECHNER, *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*, 1879, pp. 205-6.

meta), nenhum pensamento novo divergente do ponto de vista de Fechner”³⁸⁷. É uma afirmação forte, certamente, e só poderíamos nos colocar de acordo com ela se ressaltarmos a sua ressalva: a identidade entre as duas ideias parece ater-se à *meta*. Se consideramos o *modo de ação* destes princípios, temos de reconhecê-los como divergentes, já que a pulsão de morte freudiana atua de modo semelhante a uma força, enquanto o princípio fechneriano, em sua formulação física paradigmática, não possui o mesmo caráter. E, mesmo que abdicássemos desta distinção geral a partir dos rótulos de força e acidente, os mecanismos específicos de ação permaneceriam bem diferentes. Uma importante diferença específica adicional que podemos apontar está na caracterização da pulsão de morte por Freud também a partir das ideias de separação e repulsão, o que não parece estar presente na tendência à estabilidade de Fechner.

Creemos, portanto, que o princípio fechneriano da tendência à estabilidade, em sua atuação no mundo orgânico, não pode ser considerado idêntico ao conceito de pulsão de morte concebido por Freud, e as características da pulsão de morte não parecem poder ser derivadas da tendência física à estabilidade. Desse modo, ao que nos parece, a mera conjugação de ambos em uma mesma teoria não seria adequada, tornando-se necessário, para uma harmonização teórica consequente, realizar uma modificação parcial em ao menos um dos dois conceitos, no que se refere ao meio de ação através do qual estes princípios levariam os organismos à morte.

Considerando agora a afirmação de Laget de que “o ‘modelo’ do princípio de estabilidade embasa, no texto, a concepção da *pulsão de morte*”³⁸⁸, poderíamos julgá-la como parcialmente correta, já que os princípios são idênticos na meta, mas divergentes no seu meio de ação. E é difícil não enxergar excesso na sua afirmação de que as pulsões, em *Além do princípio do prazer*, “repetem em definitivo uma história da vida cuja concepção é emprestada a *Einige Ideen*”³⁸⁹, e que certo desenvolvimento freudiano seria embasado “quase ponto por ponto” pela exposição de Fechner. Aqui e ali encontramos, contudo, semelhanças, sobretudo a partir da convergência entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte, e apresentaremos aqui um exemplo. Ao descrever as condições iniciais da vida recém-surgida, que na sua constituição primeva morria facilmente, Freud afirma que influências externas posteriores obrigaram a

³⁸⁷ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, p. 86. Tradução nossa.

³⁸⁸ LAGET, *Freud et le temps*, 1995, p. 105. Tradução nossa.

³⁸⁹ LAGET, *Freud et le temps*, 1995, p. 69. Tradução nossa.

substância viva a “fazer rodeios cada vez mais complicados até alcançar a meta da morte”³⁹⁰, e afirma que o processo de reprodução através da separação de células germinais e do seu desenvolvimento, apesar de parecer exprimir uma imortalidade potencial, “talvez signifique apenas um prolongamento do caminho para a morte [*Todesweg*]”³⁹¹. Encontramos uma construção bem semelhante no livro de Fechner, na passagem onde ele descreve também o processo de reprodução em que um organismo separa de si um germe, o que, a depender das condições externas, terá como resultado “ou a destruição do germe sob rápida transferência ao estado inorgânico mais estável ou um desenvolvimento contínuo do germe pelo caminho da nutrição, o qual apenas conduz mais lentamente para aquele estado”³⁹². O que se exprime nestas passagens é a figuração do desenvolvimento da vida como um mero desvio, de menor significado, no caminho para a morte. Além disso, os dois autores, em certo momento, referem-se à morte como “meta final”³⁹³, o que nos leva à consideração de uma observação de Riepe.

No polo oposto, enfatizando as divergências entre os dois autores, Riepe aponta que haveria uma contradição entre a hipótese da pulsão de morte e a ideia de imortalidade que perpassaria toda a obra de Fechner³⁹⁴. No livro de 1873, porém, esta ideia não aparece em nenhum momento, enquanto a ideia de morte é afirmada diversas vezes, inclusive como a meta compartilhada entre os princípios dos dois autores, onde reside, como já observamos, a identidade entre ambos: “o princípio da tendência à estabilidade”, diz Fechner, “não apenas não impede a passagem da estabilidade orgânica para a inorgânica através da morte final do organismo, mas a tem até mesmo como meta final”³⁹⁵. A acusação de contradição, portanto, se pertinente, teria de se aplicar não apenas à conjunção entre Freud e Fechner, mas também à consistência interna da própria obra de Fechner; mas ela se resolve facilmente, em ambos os casos, ao se apontar que a ideia de morte presente em ambos os autores é referente à morte corporal, que naturalmente pode coexistir com a imortalidade da alma ou de seus efeitos.

³⁹⁰ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 249, AE 39, CdL 205. Tradução de P. C. de Souza.

³⁹¹ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 249, AE 40, CdL 207. Tradução nossa.

³⁹² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 40. Tradução nossa.

³⁹³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 91. FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, SA 250, AE 40, CdL 208. A expressão usada por Fechner é *endliches Ziel* e a usada por Freud é *Endziel*.

³⁹⁴ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002.

³⁹⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 91. Tradução nossa.

Procurando apontar também uma diferença entre os princípios de Freud e Fechner, Ellenberger diz que este último não entendia a tendência à estabilidade “como um instinto dos seres vivos”, o que, isoladamente, pode parecer estar em concordância com a nossa análise, mas sua pontuação está baseada na crença de que o princípio fechneriano “era característica apenas do mundo físico”³⁹⁶, o que é refutado de maneira bem clara no livro de Fechner, cujo quarto capítulo é inteiramente dedicado à atuação da tendência à estabilidade no mundo orgânico.

Se, agora, na confluência das metas da estabilidade e da morte inserimos a meta do prazer, ficamos diante de mais uma coincidência notável entre os dois autores. Antes de abordá-la, porém, observemos como a importância do prazer na determinação da ação humana é algo que notadamente une Fechner e Freud de maneira marcante. A psicologia presente nos escritos éticos de Fechner concedia ao prazer um lugar central na motivação real de nossas ações. O prazer é “um coração pulsante para toda a vida no mundo, para o qual todas as veias convergem e do qual todas fluem novamente”³⁹⁷, diz o autor. A expressão “princípio do prazer”, que havia sido colocada por Fechner em primeiro plano como um princípio ético, tornou-se uma marca da psicologia freudiana. Fechner diz que todo *Trieb* visa “criar ou manter o prazer, eliminar ou prevenir o desprazer”³⁹⁸. E aqui as semelhanças que saltam aos olhos também dão lugar à diferença que se constituirá com a reformulação do conceito freudiano de *Trieb* em 1920, que passa a ser entendido como um ímpeto à repetição que é mais fundamental que o princípio do prazer, podendo a ele se opor.

Mas a coincidência ainda mais interessante e menos óbvia que temos em vista, e da qual queremos tratar agora, consiste no fato de que Freud, em 1920, ao considerar o princípio do prazer como um derivado da pulsão de morte, realiza a conjunção de uma tendência ao *prazer* e uma tendência à *morte*, o que também parece estar presente na tendência à estabilidade de Fechner. E aqui o interesse pela convergência dos dois autores vem apenas se somar ao espanto despertado pela própria associação teórica entre morte e prazer. Bernfeld e Feitelberg observaram que a consideração por Freud do princípio do prazer como um caso especial da pulsão de morte soa como algo extraordinário, justamente por conceber uma conexão funcional

³⁹⁶ ELLENBERGER, “Fechner and Freud” [1956], 1993, p. 103. Tradução nossa.

³⁹⁷ FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846, p. 21. Tradução nossa.

³⁹⁸ FECHNER, *Ueber das höchste Gut*, 1846, p. 22. Tradução nossa.

entre prazer e morte, comumente vistos como “opostos inconciliáveis”³⁹⁹, enquanto Nitzschke aponta como aparentemente paradoxal esta associação presente nas ideias de Fechner e Freud⁴⁰⁰.

Iniciemos a análise da questão com uma observação sobre as diferenças entre as ideias dos dois autores. O princípio quantitativo do prazer de Freud, anterior a 1924, é concebido como um derivado da pulsão de morte, mas, como vimos, não pode ser articulado de maneira coerente com a tendência à estabilidade de Fechner, já que esta está relacionada a um aspecto qualitativo. O princípio qualitativo do prazer, por sua vez, posterior a 1924, passa a ser sobretudo expressão da pulsão de vida, de modo que nenhum dos dois se adequa de modo rigoroso a um encadeamento teórico simultâneo com a tendência à estabilidade de Fechner e com a pulsão de morte, que seria a conjunção, que aqui nos interessa, entre tendências à estabilidade, à morte e ao prazer. No entanto, mesmo se fosse possível um encadeamento rigoroso ao modo de uma relação de derivação entre as tendências (tendência à estabilidade → pulsão de morte → princípio do prazer), ainda assim permaneceria uma divergência em relação ao pensamento de Fechner, já que, para este autor, a tendência ao prazer não é um derivado da tendência à estabilidade, por não ser dela essencialmente distinta, diferenciando-se apenas fenomenicamente: a tendência ao prazer é a expressão psíquica de uma mesma tendência cuja expressão física tem por meta a estabilidade. Freud, diferentemente, não constrói suas teorias no solo do paralelismo psicofísico, e seu princípio do prazer atua no domínio mais limitado do sistema nervoso ou do aparelho psíquico. E, como observamos há pouco, os meios de ação da pulsão de morte e do princípio fechneriano carregam diferenças bem significativas, ainda que possam levar a uma mesma meta.

Se deixamos de lado estas diferenças, contudo, resta a coincidência de dois princípios ou tendências relacionados entre si que parecem apontar para o prazer e para a morte. No caso de Fechner, deve-se falar mais propriamente em um mesmo princípio, que em sua fenomenalidade exterior ou física se manifesta como tendência à estabilidade — e, em sua atuação nos organismos, tendência à morte —, enquanto, em sua fenomenalidade interior ou psíquica, manifesta-se como uma tendência ao prazer. No caso de Freud — o Freud de 1920 —, trata-se da pulsão de morte e de sua expressão no sistema nervoso ou no aparelho psíquico como princípio do prazer.

³⁹⁹ BERNFELD & FEITELBERG, “Der Entropiesatz und der Todestrieb”, 1930, p. 82. Tradução nossa.

⁴⁰⁰ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989.

A conjunção entre uma tendência ao prazer e uma tendência à morte, em Fechner, é delineada pelo autor realmente como descrevemos, mas há complicações na questão que parecem exigir um exame mais detido. Ainda que Fechner afirme explicitamente que a tendência à estabilidade tem mesmo como meta a morte do organismo⁴⁰¹, se retomarmos a sua formulação sobre a relação entre prazer e estabilidade, veremos que o critério utilizado para definir a ocorrência das sensações de prazer e desprazer é a aproximação ou afastamento em relação à “estabilidade completa”⁴⁰², a qual, definida a partir das repetições cíclicas, é compatível, ao menos de modo aproximado, com o estado orgânico, enquanto a estabilidade absoluta corresponderia a um estado inorgânico. Decorreria então desta formulação que o prazer estaria restrito aos organismos, de modo que a tendência que o tem como meta não poderia coincidir inteiramente com uma tendência à morte? Para responder essa pergunta seria necessário, contudo, saber ao menos o que o autor entende por organismo e por morte. Revisitemos as formulações de Fechner sobre os tipos de estabilidade e os estados orgânico e inorgânico, para esclarecer a relação entre as categorias de estabilidade e organicidade e, assim, nos posicionarmos em algum solo firme.

A *estabilidade absoluta*, definida como o “repouso completo” (*volle Ruhe*)⁴⁰³ das partículas de um sistema, o que excluiria até mesmo as vibrações térmicas⁴⁰⁴, deve ser considerada como um *estado inorgânico*, já que a disposição das partes do sistema não se altera através das forças internas. Um estado que poderíamos chamar de *repouso incompleto*, isto é, aquele em que há vibrações térmicas das partículas, mas estas não alteram a sua posição relativa no sistema, seria também um *estado inorgânico*, como definido por Fechner; a sua inserção nas categorias de estabilidade, porém, exige um esclarecimento adicional, a partir de um novo recurso ao texto do autor:

Conforme à maior ou menor aproximação à estabilidade absoluta, contudo, distinguem-se ainda graus da estabilidade completa. Essa aproximação será, a

⁴⁰¹ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 91.

⁴⁰² FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 94.

⁴⁰³ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 35.

⁴⁰⁴ A ideia de que as vibrações térmicas estão excluídas do conceito de estabilidade absoluta, apesar de não ser dita explicitamente por Fechner, é corroborada pelo fato de ele afirmar que o universo não pode alcançar um estado de estabilidade absoluta por causa do princípio da conservação da força.

saber, tanto maior quanto mais lenta for a mudança da posição das partículas ou massas umas perante as outras e em quão menores limites ela se mantiver, enquanto, para se ter a estabilidade absoluta, só é preciso ir até o limite com ambos ou mesmo apenas um dos dois.⁴⁰⁵

Com base nestas observações de Fechner, podemos considerar, portanto, o estado de repouso incompleto como um estado de estabilidade completa, mas que possui, devido à diminuta dimensão espacial do movimento de suas partículas na vibração térmica, um alto grau de aproximação à estabilidade absoluta, o qual tão maior será quanto menor for a sua temperatura⁴⁰⁶. A estabilidade aproximada, por sua vez, tal como definida por Fechner, consiste em uma aproximação à estabilidade completa, mas está situada, digamos, mais para o lado da instabilidade absoluta do que para o da estabilidade absoluta: como ela não repete o mesmo estado de maneira exata, tratar-se-ia de um estado menos estável que o da estabilidade completa. Assim, a estabilidade aproximada de Fechner seria, podemos dizer, uma estabilidade aproximadamente completa, enquanto os estados de estabilidade completa seriam, em maior ou menor grau, estados de estabilidade aproximadamente absoluta. Os *estados orgânicos*, por fim, seriam todos aqueles não incluídos nas categorias do repouso completo e incompleto, já que são definidos por Fechner como os estados nos quais há modificação da posição relativa das partes do sistema através de suas próprias forças internas, para além das vibrações térmicas, e constituiriam, assim, parte dos casos de estabilidade completa e aproximada — e, ao que parece, todos os casos de instabilidade absoluta.

Portanto, como parece haver estados inorgânicos que são caracterizados pela estabilidade completa — isto é, aqueles que denominamos repouso incompleto e aos quais atribuímos um alto grau de aproximação à estabilidade absoluta —, não poderíamos, a partir deste quadro teórico, excluir de saída a possibilidade da existência de prazer nestes estados. Se incluirmos, porém, a

⁴⁰⁵ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 26. Tradução nossa. Aqui Fechner parece querer dizer que, para se chegar à estabilidade absoluta, é preciso levar ao limite um dos dois critérios apresentados, ou ambos: a lentidão da mudança de posição das partículas, levada ao limite — isto é, à velocidade nula —, resultaria na ausência de movimento, que seria igualmente o resultado de levar ao limite a pequenez do seu deslocamento — isto é, à extensão espacial nula.

⁴⁰⁶ De todo modo, se levarmos em conta que os demais estados materiais também possuem semelhantes vibrações térmicas, além dos movimentos que modificam a disposição de suas partes, parece coerente atribuir ao repouso incompleto um grau elevado de aproximação à estabilidade absoluta.

formulação de Fechner sobre o limiar quantitativo da consciência, que exige a superação de um certo grau da força viva para que um movimento se torne consciente, abre-se para nós a possibilidade de que, devido à pequena magnitude energética das vibrações térmicas, estes movimentos presentes no estado inorgânico do repouso incompleto jamais ultrapassariam aquele limiar.

Desse modo, se considerarmos que, em Fechner, o estado inorgânico do repouso incompleto não dá lugar a movimentos que superam o limiar da força viva, então o prazer e o desprazer estarão restritos aos estados orgânicos, que possuem algum grau de aproximação à estabilidade completa, e assim a tendência ao prazer não poderia realmente coincidir com uma tendência à morte, já que só poderia coincidir com a tendência à estabilidade na medida em que esta consistisse na manutenção de estados orgânicos de estabilidade completa ou aproximada. Estamos utilizando aqui a concepção ampla de organismo provida por Fechner como sinônimo de vida — e antônimo de morte —, associação que não é muito clara no seu texto. Se associarmos os conceitos de vida e morte à ideia de organismo no sentido restrito, entendendo como morte, portanto, a passagem de um organismo vivo para um estado inorgânico de estabilidade completa ou aproximada, o qual, contudo, assim como a Terra, seria ainda capaz de prazer, então seria ainda possível conjugar uma tendência à morte e uma tendência ao prazer.

A concepção ampla de organismo forjada por Fechner expõe, no entanto, mais uma divergência significativa em relação a Freud, o que se estende de modo similar na sua visão ampla sobre a alma ou a consciência, que não apenas abarca domínios para além dos organismos no sentido restrito, mas é ainda identificada, como totalidade do fenômeno interno dos processos materiais, a Deus, o qual é entendido como o próprio princípio da tendência à estabilidade ou ao prazer, como princípio organizador do mundo.

As minúcias conceituais que complicam a determinação desta relação entre tendência ao prazer e tendência à morte em Fechner, contudo, não devem adquirir para nós demasiada importância, já que a sua incompatibilidade com o aparato teórico de Freud a rigor já estava dada de saída. E, do mesmo modo, não deve ser modificada de modo significativo a importância desta interessante impressão inicial de uma coincidência nas teorias dos dois autores, nas quais um mesmo caminho da vida parece levar ao prazer e à morte — e à estabilidade.

3.3. Vida e relação

No momento da formulação da hipótese da pulsão de morte, que envolvia uma consideração sobre o surgimento da vida, Freud insere a afirmação de que “*o inanimado existia antes que o vivente*”⁴⁰⁷, o que era apenas um pressuposto de sua hipótese e poderia parecer demasiado óbvio — e portanto desnecessário —, se estivermos acostumados com a visão científica usual. Após tomarmos conhecimento da visão de Fechner sobre o surgimento da vida, porém, esta afirmação torna-se mais compreensível, sendo provavelmente destinada a marcar uma posição contrária à concepção desenvolvida pelo autor no livro citado por Freud em *Além do princípio do prazer*.

A concepção de Fechner, que encontra respaldo ainda na influência que nele exerceu a filosofia romântica da natureza de Friedrich Schelling e Lorenz Oken⁴⁰⁸, entende, como vimos, que a vida na Terra precede os estados materiais inorgânicos, o que tem como base a ampla noção de organismo por ele desenvolvida. Se o estado orgânico é definido, como o faz Fechner, simplesmente como um estado específico de movimento, no caso o estado em que a disposição das partes de um sistema é modificada por forças internas deste sistema, pode-se entender assim o planeta Terra, ao menos em seu estágio inicial de desenvolvimento, como um grande organismo. Com movimentos internos inicialmente bastante complexos e caóticos, este sistema “cosmorgânico” teria, aos poucos, sob a influência da tendência à estabilidade, adotado estados de movimento cada vez menos instáveis, dando origem, portanto, aos estados materiais inorgânicos, definidos como estados de movimento nos quais a disposição das partes do sistema só pode ser alterada por forças externas⁴⁰⁹.

⁴⁰⁷ FREUD, *Jenseits des Lustprinzips*, 1920, SA 248, AE 38, CdL 204. Tradução de P. C. de Souza.

⁴⁰⁸ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004.

⁴⁰⁹ Fechner considera, inclusive, que a ideia de um surgimento da vida a partir da matéria inorgânica estaria em contradição com o princípio da tendência à estabilidade (FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 36), o que tornaria a teoria freudiana incoerente, já que ela assume tanto o princípio fechneriano quanto esta concepção sobre a origem da vida. Parece-nos, no entanto, que uma observação do próprio Fechner fala em desfavor da existência necessária de uma contradição entre as duas ideias, quando o autor afirma que uma diminuição da estabilidade em uma parte do sistema pode ocorrer em favor do aumento da estabilidade da totalidade do sistema (FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 37).

Este organismo de proporções cósmicas desenvolveu-se, segundo Fechner, realizando sucessivas diferenciações, nas quais, de acordo com o princípio da diferenciação relacional, diferenciou-se em partes diversas que mantiveram entre si uma relação de complementação. Assim, de acordo com o autor, deu-se primeiramente a diferenciação entre os reinos orgânico e inorgânico, e em seguida as diferenciações sucessivas dentro do reino orgânico, até que se chegasse aos seres vivos que hoje conhecemos.

Apesar desta diferença marcante entre as concepções dos dois autores, vejamos se é possível alguma aproximação entre eles a partir do tema da *vida*, já que Laget afirma que o mito de Aristófanes, usado por Freud como recurso para uma formulação sobre as pulsões de vida, é “amalgamado com a hipótese ‘cosmorgânica’ de *Einige Ideen*”⁴¹⁰. A afirmação nos parece exagerada e um tanto forçada, mas é possível identificar aqui um ponto em comum nas ideias dos autores, na medida em que, em ambos os casos, estamos diante de um organismo que se separa em outros organismos, mantendo entre estes uma *relação*. No caso do mito de Aristófanes, trata-se da separação dos organismos humanos duplos originais em dois outros, que em seguida tentariam se unir novamente, e no caso da hipótese que Freud formula a partir desse mito, temos uma substância ou organismo original, que, no momento do surgimento da vida, se separa em várias partes, que tentariam então se reunir, constituindo assim a pulsão de vida. No caso da teoria de Fechner, o reino orgânico seria inicialmente um organismo único que se separaria progressivamente em vários organismos, os quais conviveriam em uma relação de dependência mútua, de acordo com o princípio da diferenciação relacional.

Porém, o reconhecimento de um ponto de contato entre os dois autores, nesta associação entre vida e relação, não deve nos fazer negligenciar o fato de que Freud não dá qualquer indicação de uma intenção em relacionar as pulsões de vida às ideias de Fechner, e, caso se tente alguma aproximação entre o princípio da diferenciação relacional e o conceito de pulsão de vida de Freud, deve-se ainda incluir a ressalva de que também este princípio fechneriano não parece envolver a característica de uma força, e nem mesmo de uma tendência à união, atendo-se à conservação de uma relação de dependência mútua. A relação ou união, em Fechner, aparece como *resto*, enquanto em Freud se coloca como *meta*.

⁴¹⁰ LAGET, *Freud et le temps*, 1995, p. 70.

E a isso se deve acrescentar, evidentemente, que em Freud não há uma tal visão ampla de organismo como em Fechner, onde a relação de complementação se dá no nível planetário, o que torna bastante inverossímil a ideia de uma conjunção entre o conceito de pulsão de vida e a hipótese cosmorgânica, a qual, aliás, parece ser objeto de uma recusa direta por parte de Freud. Mesmo a associação que Freud faz entre a pulsão de vida e a pulsão de morte e os princípios cósmicos da filosofia da natureza de Empédocles — amor e conflito — é seguida da ressalva de que os seus conceitos se atêm ao domínio biológico, dificultando assim uma expansão do alcance da pulsão de vida; mas devemos acrescentar que ele também diz não excluir a possibilidade de que “uma pulsão análoga” já existisse anteriormente ao surgimento da vida, ao menos com relação à pulsão de morte⁴¹¹.

Estas considerações também vão de encontro à observação de Heidelberger de que Freud via como uma consequência lógica de sua teoria a ideia de que as pulsões de vida visavam reestabelecer um estado anterior de “vivacidade universal”⁴¹², ideia que atribui a Fechner, mas Freud não teria abraçado tal conclusão para não se aproximar demais da filosofia da natureza. Primeiramente, apontemos que o estado vital almejado pela pulsão de vida freudiana não poderia ser uma tal vivacidade universal, já que está restrito ao conceito mais limitado de organismo, o qual, como observamos, se diferencia radicalmente do de Fechner. Em segundo lugar, não parece haver em Fechner uma tendência que tenha por meta um tal estado. O princípio da diferenciação relacional, cuja possível associação com a pulsão de vida freudiana examinamos aqui, conservaria uma relação, não exatamente a vida, e esta relação figuraria aí mais como um resto de um processo do que como a meta de uma tendência. Ao contrário da concepção dualista de Freud, em Fechner temos apenas uma tendência e uma meta, representadas pela tendência à estabilidade, que direciona os organismos e o universo para um estado sem vida ou com menor vitalidade. Em contraste com o dualismo biológico de Freud, temos em Fechner assim um monismo físico, que está ainda em conjunção com um monismo teológico — um monoteísmo.

Uma divergência apontada por Riepe, que nos parece acertada, consiste na observação de que a sublimação da pulsão sexual para a realização da vida cultural está ausente em Fechner,

⁴¹¹ FREUD, *Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937, GW 91-3, AE 247-8.

⁴¹² HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 266.

que situa a base da vida social no princípio da diferenciação relacional⁴¹³. Nos detalhes, as diferenças teóricas claramente serão inúmeras, e darão razão a muitas das afirmações de Riepe sobre a grande distância que separa os dois autores. Pouparamo-nos, porém, nesta análise teórica comparativa, da incursão nas minúcias e diferenças em geral, o que consideramos supérfluo, e abordamos apenas os pontos de contato nos quais vislumbramos alguma semelhança notável, ou onde uma tal semelhança é vista por comentadores — além, é claro, da conexão tecida pelo próprio Freud em sua obra. Se retornamos à observação de Riepe, contudo, notamos também que ela pode nos remeter ao ponto em comum que identificamos a partir da consideração de Laget, na medida em que tanto a pulsão de vida quanto o princípio da diferenciação relacional têm um caráter gregário, favorecendo assim a sociabilidade.

Em uma outra observação sobre o princípio da diferenciação relacional, porém, Riepe afirma que este princípio fechneriano “implica uma predeterminação [*Prädeterminiertheit*] total da vida”⁴¹⁴, o que não nos parece correto. Fechner de fato atribui a esse princípio uma parcela significativa do que, na teoria de Darwin, era atribuído a ocorrências casuais selecionadas naturalmente, no que se refere a disposições constitucionais dos indivíduos que propiciam uma relação de complementação vantajosa com outros indivíduos, mas não parece haver ali uma determinação total por esse princípio, havendo ainda espaço para a casualidade e para a luta pela vida. Um trecho de Fechner citado pelo próprio Riepe atribui à luta pela existência um papel secundário, mas não inexistente, e o autor, logo em seguida, contradizendo-o, afirma que em Fechner não há lugar para tal luta.

Riepe defende, de todo modo, que esta concepção de Fechner, que situa as condições básicas para a existência comum já no sistema cosmorgânico primevo, o qual determinaria previamente o desenvolvimento da vida orgânica, o afasta de modo significativo de Freud. Mesmo não subscrevendo à ideia de uma predeterminação total, devemos ainda assim reconhecer que a distância entre os dois autores realmente não é nada desprezível. E qualquer tentativa de aproximação entre a pulsão de vida e o princípio da diferenciação relacional será imprudente se negligenciar o fato de que o quadro teórico geral dos dois autores é radicalmente

⁴¹³ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002.

⁴¹⁴ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, p. 765.

diferente, sobretudo se levamos em consideração as visões opostas sobre o escopo da vida e o seu surgimento.

Abordando agora os temas da vida e da morte em conjunto, a consideração de Heidelberger de que haveria apenas uma leve modificação entre as concepções de Freud e Fechner a esse respeito⁴¹⁵ também não nos parece inteiramente correta. O autor compara a dualidade fechneriana do movimento espontâneo, característica do estado orgânico, e da tendência à estabilidade, que leva o organismo ao inorgânico, com a dualidade freudiana de pulsão de vida e pulsão de morte. Entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte, poderíamos até conceder que há uma semelhança significativa, ao menos no que se refere à sua meta, como notado já por Nitzschke; mas o estado de movimento espontâneo dos organismos não apenas carece do caráter de uma força, o que parece dever ser também atribuído à pulsão de vida, mas sequer possui o caráter de uma tendência a uma meta. O princípio da diferenciação relacional, do qual estivemos tratando aqui, tampouco o possui, mas ao menos determina a conservação de uma relação entre as partes diferenciadas, o que nos permitiu identificar um ponto em comum com a pulsão de vida de Freud, que representa o esforço pela união; no movimento espontâneo com o qual Fechner define o estado orgânico, porém, nada de relacionável à pulsão de vida nos é oferecido, com a exceção de, na dualidade vida e morte, encontrar-se no polo da vida.

Afirmamos que a relação, no processo de diferenciação concebido por Fechner, tem antes o estatuto de um resto do que o de uma meta, o que pode não representar com exatidão o seu papel ali, mas a afasta do polo conceitual de uma força que busca um fim, como é o caso da pulsão de vida. O processo divisor que ocorre na diferenciação relacional não parece ser entendido por Fechner como algo associado à tendência à estabilidade, o que, se fosse o caso, permitiria relacioná-la à pulsão de morte também enquanto agente de separação. Mas o estatuto da conservação da relação neste processo tem algo que se assemelha à situação do estado orgânico em Fechner, em seu decurso que segue a tendência para a estabilidade, já que tanto a relação quanto a organicidade são características prévias, que podem ser mantidas — mais

⁴¹⁵ HEIDELBERGER, *Nature from within*, 2004, p. 265.

facilmente no caso da relação —, mas podem também ser perdidas — mais facilmente no caso da organicidade⁴¹⁶.

E uma imagem muito interessante para representar a condição da vida orgânica em Fechner é fornecida por Freud em *O eu e o isso*, ao afirmar que a vida, se governada pelo princípio fechneriano, seria “uma descensão na morte”, “*ein Gleiten in den Tod*”⁴¹⁷. O verbo *gleiten*, substantivado por Freud, não encontra aqui fácil tradução, e pode ter o sentido de deslizar, mover-se sem esforço, como ocorre com um barco a vela e na patinação no gelo, bem como o sentido de cair, escapar, mas o seu sentido mais comum, que é aquele que aqui nos interessa, une os dois sentidos anteriores: o ato de planar, que é realizado usualmente por aves e aviões, mas também por meio de asa-delta (*hang-glider*) e parapente (*paraglider, Paragleiter*)⁴¹⁸. Uma ave, em condições usuais, plana temporariamente e, quando entendê-lo por bem, usará a força de suas asas para voar mais alto, prevenindo que descenda até o chão. Um avião planador motorizado o faz de modo similar, usando, quando o seu piloto julgar necessário, a força dos seus motores, caso estejam em bom funcionamento. Nos casos da asa-delta e do parapente, porém, não há força motriz própria que possa levá-los para mais alto, de modo que o seu curso usual, salvo em caso de influências externas no sentido contrário⁴¹⁹, será uma suave descensão, um planar (*Gleiten*) no qual se move sem esforço em uma direção horizontal e caindo lentamente.

E não é de modo bem semelhante que se dá o curso da vida orgânica como concebida por Fechner? O estado orgânico, constituído pela condição de movimento na qual a disposição de suas partes se altera por suas próprias forças, caminha, de acordo com a tendência à estabilidade, não apenas para a conservação dos movimentos cíclicos que observamos nos organismos, mas também mesmo para o relativo repouso do estado inorgânico, que se aproxima da estabilidade absoluta. Não se trata de uma força que provoca, à maneira de uma ruptura, a morte do organismo, mas sim uma suave tendência que o leva lentamente a este fim. O organismo de Fechner parece ser uma ave sem asas, um avião sem motor, que, não oferecendo um antagonista

⁴¹⁶ Já que, após a primeira divisão entre os reinos orgânico e inorgânico, este último perdeu a organicidade, mas a relação entre os dois se manteve.

⁴¹⁷ FREUD, *Das Ich und das Es*, 1923, GW 275, CdL 58.

⁴¹⁸ Os termos em inglês expressam a correlação entre o *gleiten* alemão e o *glide* inglês.

⁴¹⁹ Eles usam correntes aéreas ascendentes para ganhar altitude (assim como os aviões planadores).

equiparável à tendência para a morte — como há em Freud a força motriz da pulsão de vida —
descende suavemente para a estabilidade inorgânica.

3.4. A “repetição” e seus diversos sentidos

Um último tema a ser tratado, o tema da repetição aparece relacionado tanto à formulação do princípio da tendência à estabilidade de Fechner quanto às elaborações teóricas de Freud em torno deste princípio. A ideia de estabilidade, que baliza o princípio fechneriano, é definida como o estado de um sistema no qual os movimentos de suas partes se dão em uma repetição periódica. Em Freud, a tendência à estabilidade é relacionada aos princípios de regulação das quantidades de excitação, que são entendidos como derivados da pulsão de morte; e esta, por sua vez, é apenas uma consequência da nova formulação do conceito de *Trieb* como o esforço pelo restabelecimento de um estado anterior, concepção introduzida a partir da consideração da compulsão à repetição no domínio psíquico⁴²⁰. Ainda que as construções teóricas dos dois autores em torno deste tema nos pareçam mais distantes, Ellenberger⁴²¹, Laget⁴²² e mesmo Nitzschke⁴²³ apontaram convergências a esse respeito.

O modelo paradigmático da repetição em Fechner é bem claro, como expusemos, identificando-se com a sua definição de estabilidade. Trata-se da repetição cíclica de um mesmo estado de posição, velocidade e direção das partes de um sistema, que se identifica com a estabilidade completa, sendo a estabilidade absoluta um caso especial — mais precisamente, um caso-limite —, no qual a repetição cíclica possui um período temporal infinito, de modo que não há deslocamento das partículas, caracterizando portanto o estado de repouso⁴²⁴. Os sistemas materiais cujas partes estão em relativo repouso, mas que mantêm a vibração térmica das suas partículas, seriam uma aproximação à estabilidade absoluta que podemos encontrar no mundo real. E a identificação de sistemas em estabilidade completa também parece ser encontrada, em geral, somente em aproximações — a estabilidade aproximada —, já que mesmo o Sistema Solar

⁴²⁰ Apesar de usar a expressão “compulsão à repetição” (*Wiederholungszwang*) inicialmente no domínio do psíquico, Freud também a usa como designação do caráter geral do *Trieb* segundo a sua nova concepção, ao menos uma vez em *Além do princípio do prazer* (SA 247), e de modo mais extenso e notável nas *Novas conferências...* (GW 113), onde a expressão é associada ao caráter conservador ou regressivo do *Trieb* no reino orgânico — ou ao menos no reino animal — como um todo.

⁴²¹ ELLENBERGER, “Fechner and Freud” [1956], 1993.

⁴²² LAGET, *Freud et le temps*, 1995, pp. 71 e 108.

⁴²³ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, pp. 87-8.

⁴²⁴ FECHNER, *Einige Ideen...*, 1873, p. 26. Fechner associa aqui o repouso da estabilidade absoluta a um movimento cíclico em que a velocidade ou a extensão do deslocamento das partículas diminui até se tornar nula, o que significa que o período temporal do ciclo cresce até se tornar infinito.

é exemplificado como um destes casos aproximativos, entre os quais serão incluídos também os organismos no sentido estrito, cujos movimentos cíclicos identificáveis são, porém, ainda muito menos exatos do que aqueles do Sistema Solar.

A repetição em Freud ganha destaque em 1914, quando a expressão “compulsão à repetição” vem nomear o reconhecimento de que o paciente repete o conteúdo reprimido da vida sexual infantil na relação de transferência, ao invés de recordá-lo conscientemente⁴²⁵. Em 1920, a isto se somarão a chamada “compulsão de destino”, que consiste na repetição deste mesmo núcleo psíquico na vida em geral, os sonhos que repetem vivências traumáticas e as brincadeiras repetitivas das crianças. Estes quatro fenômenos observados na vida psíquica, que com frequência se oporiam ao princípio do prazer, serão reunidos então para justificar a suposição de uma compulsão à repetição mais originária que este princípio e dele independente. E, a partir deste demoníaco ímpeto de repetição, faz-se o salto para a concepção do *Trieb* em geral como retorno a um estado anterior, o qual será a base para a pulsão de morte e para a pulsão de vida, assim como para diversos outros fenômenos do reino orgânico.

Com Freud, estamos distantes de um paradigma mecânico simples para a base da repetição, como se dá em Fechner. O princípio teórico fundamental, que deveria dar origem aos demais princípios e fenômenos, seria a nova formulação da pulsão, na qual há uma referência a conceitos físicos como elasticidade e inércia, mas que, longe da mecânica fechneriana, insere-se em uma dinâmica orgânica, ao definir-se como um ímpeto para restabelecer um estado anterior. A concepção da pulsão de morte como a tensão autoaniquiladora surgida com a vida está em notável consonância com a definição geral do *Trieb*, e, contendo também alguma proximidade com a física, possui de fato uma certa semelhança com a propriedade da elasticidade: a repetição, nestes dois casos, se dá como o retorno a um estado material anterior. Também a hipótese sugerida para conciliar a pulsão de vida com o caráter geral da pulsão está em terreno semelhante. O esforço pela união das partes do organismo originário, que teriam sido separadas no momento do seu surgimento, também parece poder ser incluído na ideia do restabelecimento de um estado prévio, ainda que a realização desta repetição se dê de modo mais variado que no caso da pulsão de morte, sendo os estados realmente alcançados pela pulsão de vida menos semelhantes ao estado original almejado do que no caso da sua contraparte.

⁴²⁵ FREUD, “Recordar, repetir y reelaborar”, 1914.

Os fenômenos mais gerais do reino orgânico associados por Freud ao caráter da repetição, como a hereditariedade e a recapitulação embriológica, inserem-se já em um nível da complexidade orgânica no qual é difícil estabelecer ou imaginar uma relação direta com o significado primário de repetição anteriormente abordado. A repetição, aqui, não se dá como o retorno de algo a um estado material anteriormente abandonado; trata-se, antes, da reprodução em novos organismos das características dos organismos anteriores. As migrações de peixes e aves para o mesmo local onde sua espécie teria vivido anteriormente, por sua vez, é algo ainda mais difícil de conceitualizar. Poderiam ser entendidas como o retorno a um local, a repetição de uma vivência ou a expressão de uma repetição comportamental transmitida pela reprodução hereditária ou pela interação dos indivíduos. Já a reprodução de um órgão que tenha sido perdido, ao que parece, pode ser aproximada da reprodução hereditária, dando-se, porém, no interior de um mesmo indivíduo e sendo dotada de maior identidade entre o produto antigo e o novo.

Na seara da vida psíquica humana, tomemos de início a repetição nas crianças, onde o que é repetido seria um ato ou vivência psíquica, seja algo prazeroso ou desprazeroso. Aqui a repetição pode se dar de acordo com uma identidade aproximada ou, como no caso do neto de Freud, de uma forma simbólica. É também de maneira simbólica ou ao menos disfarçada que ocorrem as repetições de um núcleo de vivências psíquicas infantis na vida das pessoas ou na clínica psicanalítica. E os sonhos traumáticos, igualmente, não devem ser inseridos em outra categoria senão a da repetição de uma vivência psíquica, mas que ocorre, neste caso, sem o envolvimento da motilidade e da percepção sensorial exógena. Este conjunto de repetições de atos ou vivências psíquicas só poderia ser relacionado, de maneira mais próxima, a nosso ver, às repetições migratórias dos peixes e das aves.

Como podemos, então, relacionar este conjunto de repetições que Freud reúne no princípio pulsional orgânico com a repetição fechneriana? É certamente possível reuni-las todas sob uma mesma palavra, como fizemos aqui. Mas a repetição periódica ou cíclica concebida paradigmaticamente por Fechner não parece ter lugar em nenhum dos exemplos elencados por Freud como expressão do seu princípio. A única referência a algo próximo de uma repetição cíclica que encontramos em *Além do princípio do prazer* é um comentário sobre a teoria de Fliess, que, por conceber os fenômenos vitais a partir de prazos temporais relacionados ao ano solar, poderiam corroborar a ideia de que a morte ocorre por causas internas. Trata-se, porém, de

outro contexto argumentativo, e, além disso, a teoria é ao menos parcialmente descreditada por Freud, não sendo tomada por ele como expressão de sua compulsão à repetição.

A coincidência da morte como meta dos princípios dos dois autores foi, até aqui, o porto mais seguro que encontramos nesta análise comparativa; vejamos, portanto, se também em relação ao tema da repetição ela pode nos servir. A estabilidade absoluta de Fechner consiste, para o seu autor, em uma repetição periódica que nunca se realiza como repetição, por terem se tornados nulos os deslocamentos das partes do sistema, coincidindo assim com o repouso do estado inorgânico. E a repetição freudiana, por sua vez, tem como uma de suas instâncias o retorno do organismo ao estado inorgânico, ao qual aspira a pulsão de morte primeva. Temos mesmo aqui, porém, paradigmas de repetição divergentes. Mesmo se ignorarmos o fato de a estabilidade absoluta ser concebida por Fechner como caso especial da repetição periódica, permanece uma diferença essencial entre as duas repetições. A repetição fechneriana é aqui a manutenção de um mesmo estado material, enquanto a repetição freudiana, neste caso, é a modificação de um estado. Repete-se o estado inorgânico, com a pulsão de morte, pois este estado já existiu, mas foi modificado. Já em Fechner, a repetição da estabilidade absoluta não permite modificações. A tendência à estabilidade e a pulsão de morte não coincidem em sua meta por serem ambas tendências à repetição. Quando se passa de um estado mais instável para um mais estável, em Fechner, não se repete, em geral, um estado que já existiu; pelo contrário, caminha-se de uma instabilidade originária para uma estabilidade final previamente inexistente — a qual será então mantida, digamos, repetindo-se. Em Freud, por outro lado, a realização da meta da pulsão de morte primeira repete o estado inorgânico na medida em que a ele retorna, após ter-se originado a partir da sua modificação; e, após este retorno final, não há mais repetição, em relação ao princípio freudiano, pois não há mais pulsão. Restaria agora, então, apenas uma repetição fechneriana, próxima da estabilidade absoluta, se a matéria orgânica morta não estivesse imersa em um organismo maior e não fosse reinserida nos ciclos do reino orgânico e revitalizada em novas repetições aproximadamente estáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da menção que Freud faz à tendência à estabilidade de Fechner em *Além do princípio do prazer*, abre-se uma senda teórico-conceitual que procuramos aqui desbravar. Este ponto de contato entre os dois autores pode ser lido como uma passagem que não recebe particular atenção, ou pode dar lugar a uma investigação que levará a diversas possíveis relações entre as construções teóricas dos autores, e que merecem detida consideração.

Reunamos as conclusões a que chegamos, para avaliá-las em conjunto. Iniciando com a relação tecida pelo próprio Freud, entre a tendência à estabilidade de Fechner e os seus princípios de regulação das quantidades de excitação, assim como a identificação entre a sua concepção de prazer com a de Fechner, consideramos se tratar de associações inadequadas, devido ao caráter *qualitativo* do princípio fechneriano e do seu conceito de estabilidade, que se contrapõe ao caráter *quantitativo* dos princípios freudianos em questão e da sua concepção de prazer à época. A partir de 1924, a associação do prazer freudiano a um aspecto qualitativo torna a sua concepção mais próxima da de Fechner e possibilitaria uma maior aproximação entre os dois autores, não fosse o fato de o princípio do prazer de então adquirir seu caráter qualitativo justamente ao ser modificado por algo alheio à linhagem derivada da tendência à estabilidade — isto é, a pulsão de vida.

Uma coincidência notável entre os dois autores, a qual a obra de Freud não deixa transparecer de modo claro, está no fato de que a tendência à estabilidade de Fechner atua nos organismos como uma *tendência à morte*, em consonância, portanto, com a pulsão de morte freudiana. Ainda que os princípios coincidam com relação à sua *meta*, contudo, apontamos que o seu *modo de ação* possui uma diferença significativa, sendo que o princípio freudiano age como uma *força*, enquanto a tendência à estabilidade chega a sua meta mais propriamente como um *acidente*. No mesmo contexto, uma coincidência igualmente notável nas teorias dos autores consiste em uma conjunção de uma tendência ao *prazer* e uma tendência à *morte*, a qual também possuirá suas divergências, na maneira específica como se dá essa conjunção. Enquanto, em Fechner, as tendências à estabilidade (e à morte) e ao prazer são as duas manifestações fenomênicas (física e psíquica) de uma mesma tendência, no Freud de 1920 o princípio do prazer é um derivado da pulsão de morte, concebido no mesmo domínio ôntico ou fenomênico que ela.

Em uma extensão da análise comparativa que ultrapassa um pouco mais os princípios teóricos mobilizados pela relação inicialmente tecida por Freud, observamos que a pulsão de vida e o princípio da diferenciação relacional possuem também um aspecto em comum, na medida em que conservam uma *relação*, mas a primeira o faz tendo-a como *meta*, enquanto o segundo a conserva mais como um *resto*. E, na análise do tema da repetição, que já não nos parecia constituir de fato uma proximidade entre os autores, concluímos que a repetição cíclica de Fechner não se harmoniza com nenhuma das repetições abarcadas pela nova concepção pulsional de Freud.

As coincidências mais interessantes e notáveis entre os dois autores — e mais seguras — se dão, portanto, na existência de um princípio que atua nos organismos e tem por meta a morte, e na conjunção entre tendências que levam à morte e ao prazer. Ainda que sejam os pontos onde há maior semelhança e compatibilidade teórica entre os autores, as especificidades dos princípios teóricos envolvidos e as suas relações não permitem uma identificação ou concatenação teórica rigorosa. Maior dissonância ainda encontramos na conjunção teórica intentada explicitamente por Freud, entre princípios qualitativos e quantitativos, onde não há sequer uma real coincidência na meta dos princípios, cuja afinidade seria antes uma miragem devida à existência de uma interseção nos campos semânticos dos termos “estabilidade” e “constância”, termos que possuem, contudo, significados diferentes no contexto onde são aplicados. No caso da “repetição”, por sua vez, cremos poder caracterizar como homonímia a pretensão de designar com este termo tanto os fenômenos descritos pela tendência à estabilidade quanto aqueles derivados da nova concepção pulsional de Freud, que já são bastante diversos.

Com relação à apreciação da questão pelos comentadores, todos forneceram informações e considerações que nos foram úteis e estimularam a investigação. A nosso juízo, as considerações de Nitzschke e Heidelberger são em geral as mais acertadas, enquanto Riepe e Laget se destacam pelos excessos no distanciamento e na aproximação, respectivamente, entre Fechner e Freud. Ao inserirmos as nossas conclusões sobre nossa questão específica de pesquisa na avaliação mais ampla que os comentadores fizeram sobre a relação entre Fechner e Freud, nos colocamos em uma posição intermediária, entre aqueles que concedem uma grandiosa importância a Fechner para o pensamento de Freud e, do outro lado, a posição solitária de Riepe,

que rejeita enfaticamente a posição majoritária. Dizer que as ideias de Fechner são tomadas por Freud como um modelo epistêmico⁴²⁶ ou que incidem sobre o fundamento do seu sistema de pensamento⁴²⁷, ao que nos parece, não seria algo muito rigoroso, ao menos se entendemos por isso uma apropriação precisa e correta das ideias de Fechner. O que parece se dar, no caso que analisamos, é uma incorporação um tanto equivocada e imprópria de um princípio teórico, que se fosse tomada como fundamento, comprometeria seriamente a estrutura do edifício. As coincidências mais notáveis que encontramos poderiam ser tomadas como a expressão de uma influência ou inspiração, que por sua vez não necessitariam de uma adequação teórica rigorosa. E muitos indícios apontam de fato que Fechner realmente teve uma influência considerável sobre Freud; mas afirmar que o próprio surgimento das ideias de Freud dependeu dessa influência⁴²⁸ é algo que preferimos evitar, relegando a questão ao imponderável. Por outro lado, dizer que tal influência é meramente um mito⁴²⁹ seria provavelmente ignorar algo de bastante real, e caracterizar as ideias formuladas por Freud em 1920 como “diametralmente contrapostas”⁴³⁰ às ideias de Fechner nos parece certamente um exagero. O tom enfaticamente negativo de Riepe por vezes soa necessário para abalar uma maioria que parece ver harmonia em demasia, mas os seus argumentos são repletos de excessos e erros de leitura. Apesar das notáveis coincidências, as grandes diferenças entre os pensamentos de Fechner e Freud não parecem receber a devida ênfase pela maioria dos comentadores. Talvez ainda estejamos mais próximos do polo majoritário, feitas as devidas ressalvas, mas nunca deixa de impressionar que o pensamento de Fechner, que Freud tanto admirou e citou, levava consigo uma metafísica que, recheada de temas religiosos, não poupava na altura de seus voos.

⁴²⁶ ASSOUN, *Introduction à l'épistémologie freudienne*, 1981, p. 150.

⁴²⁷ NITZSCHKE, “Freud und Fechner”, 1989, p. 94.

⁴²⁸ ELLENBERGER, *The discovery of the unconscious*, 1970, p. 218.

⁴²⁹ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, p. 757.

⁴³⁰ RIEPE, “Das Ornament der Maße”, 2002, p. 761.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introduction à l'épistémologie freudienne*. Paris: Payot, 1981.
- BOWLER, Peter J. *Evolution: the history of an idea*. 3. ed. Berkeley: University of California Press, 2003 [1983].
- BERNARD, Claude. *Leçons sur les phénomènes de la vie communs aux animaux et aux végétaux*. Vol. 1. Paris: Baillière, 1878.
- BERNFELD, Siegfried; FEITELBERG, Sergei. Der Entropiesatz und der Todestrieb. In: _____. *Energie und Trieb: Psychoanalytische Studien zur Psychophysiologie*. Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1930, pp. 80-99.
- BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: comunicación preliminar [1893]. Trad. J. L. Etcheverry. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Vol. 2. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, pp. 27-43.
- BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. *Studien über Hysterie*. Leipzig, Viena: Deuticke, 1895.
- BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudios sobre la histeria [1893-95]. Trad. J. L. Etcheverry. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Vol. 2. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- DARWIN, Charles. *Über die Entstehung der Arten im Thier- und Pflanzenreich durch natürliche Züchtung oder Erhaltung der vervollkommneten Rassen im Kampfe um's Daseyn*. Trad. H. G. Bronn. Stuttgart: Schweizerbart, 1860.
- DARWIN, Charles. *Über die Entstehung der Arten durch natürliche Zuchtwahl oder die Erhaltung der begünstigten Rassen im Kampfe um's Dasein*. 6. ed. Trad. H. G. Bronn, rev. J. V. Carus. Stuttgart: Schweizerbart, 1876.
- DORER, Maria. *Bases historiques de la psychanalyse*. Trad. M. Géraud. Paris: L'Harmattan, 2012 [1932].
- ELLENBERGER, Henri F. Fechner and Freud [1956]. In: Micale, M. S. (org.). *Beyond the unconscious: essays of Henry F. Ellenberger in the history of psychiatry*. Princeton: Princeton University Press, 1993. pp. 89-103.

- ELLENBERGER, Henri F. *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. Nova York: Basic Books, 1970.
- FECHNER, Gustav T. *Ueber das höchste Gut*. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1846.
- FECHNER, Gustav T. Ueber das Lustprincip des Handelns. *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, Halle, n. 19, 1848, pp. 1-30, 163-194.
- FECHNER, Gustav T. *Elemente der Psychophysik*. Vol. 1. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1860.
- FECHNER, Gustav T. *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwicklungsgeschichte der Organismen*. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1873.
- FECHNER, Gustav T. *Vorschule der Ästhetik*. Vol. 2. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1876.
- FECHNER, Gustav T. *Die Tagesansicht gegenüber der Nachtansicht*. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1879.
- FREUD, Sigmund. Beiträge zu den "Studien über Hysterie" [1892]. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 17). Londres: Imago, 1941, pp. 1-18.
- FREUD, Sigmund. Bosquejos de la «Comunicación preliminar» de 1893 [1892]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. 1. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 179-90.
- FREUD, Sigmund. [Vortrag] Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene [1893]. In: _____. *Studienausgabe*. Band VI. 5. ed. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1982, pp. 9-24.
- FREUD, Sigmund. Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos [1893]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. 3. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 25-40.
- FREUD, Sigmund. Die Abwehr-Neuropsychosen: Versuch einer psychologischen Theorie der akquirierten Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorischer Psychosen [1894]. In: _____. *Gesammelte Schriften*. Vol. 1. Leipzig, Viena, Zúrich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1925, pp. 290-305.
- FREUD, Sigmund. Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias)

[1894]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. 3. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 41-61.

FREUD, Sigmund. Manuscrito D. Sobre la etiología y la teoría de las grandes neurosis [1894]. In: _____. *Obras completas*. Vol. 1. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 225-6.

FREUD, Sigmund. Entwurf einer Psychologie [1895]. In: _____. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. S. Fischer Verlag, s/d [1950], pp. 297-384.

FREUD, Sigmund. Proyecto de psicología [1895]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. 1. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 323-436.

FREUD, Sigmund. *Entwurf einer Psychologie* [1895]. Trad. O. F. Gabbi Jr. In: GABBI JR., Osmyr. *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, pp. 171-260.

FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung [1900]. In: _____. *Studienausgabe*. Band II. 10. ed. Frankfurt am Main: Fischer, 1996.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* [1900]. Trad. R. Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

FREUD, Sigmund. El chiste y su relación con lo inconciente [1905]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 8. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

FREUD, Sigmund. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens [1911]. In: _____. *Studienausgabe*. Band III. Psychologie des Unbewußten. Frankfurt a.M.: Fischer Taschenbuch, 1982, pp. 13-24.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico [1911]. In: _____. *Obras completas, volume 10*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 108-21.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir y reelaborar [1914]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas (Volumen 12)*. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 145-57.

FREUD, Sigmund. Triebe und Tribschicksale [1915]. In: _____. *Studienausgabe*. Band III. Psychologie des Unbewußten. Frankfurt a.M.: Fischer Taschenbuch, 1982, pp. 75-102.

- FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos [1915]. In: _____. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras completas, volume 12. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 51-81.
- FREUD, Sigmund. Conferencias de introducción al psicoanálisis (Partes I y II) [1915-16]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 15. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.
- FREUD, Sigmund. Jenseits des Lustprinzips [1920]. In: _____. *Studienausgabe*. Band III. *Psychologie des Unbewußten*. Frankfurt a.M.: Fischer Taschenbuch, 1982, pp. 213-272.
- FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer [1920]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. vol. 18. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, pp. 1-62.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. In: _____. *Obras completas, volume 14*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 161-239.
- FREUD, Sigmund. Das Ich und das Es [1923]. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 13). 5ª ed. Londres: Imago, 1967, pp. 235-89.
- FREUD, Sigmund. O Eu e o Id [1923]. In: _____. *Obras completas, volume 16*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 13-74.
- FREUD, Sigmund. “Psychoanalyse” und “Libidotheorie” [1923]. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 13). 5ª ed. Londres: Imago, 1967, pp. 209-34.
- FREUD, Sigmund. Das ökonomische Problem des Masochismus [1924]. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 13). 5ª ed. Londres: Imago, 1967, pp. 369-84.
- FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo [1924]. In: _____. *Obras completas, volume 16*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 184-202.
- FREUD, Sigmund. “Selbstdarstellung”. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 14). Londres: Imago, 1948, pp. 51-98.
- FREUD, Sigmund. “Autobiografia” [1925]. In: _____. *Obras completas, volume 16*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 75-167.
- FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur [1930]. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 14). Londres: Imago, 1948, pp. 419-506.

- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura* [1930]. Trad. R. Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FREUD, Sigmund. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse [1932-33]. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 15). 3^a ed. Frankfurt: Fischer, 1961.
- FREUD, Sigmund. Die endliche und die unendliche Analyse [1937]. In: _____. *Gesammelte Werke* (v. 16). 2^a ed. Frankfurt: Fischer, 1961, pp. 57-99.
- FREUD, Sigmund. Análisis terminable e interminable [1937]. Trad. J. L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas* (vol. 23). 2^a ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 211-54.
- FREUD, Sigmund; BOEHLICH, Walter (org.). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. Trad. F. Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FREUD, Sigmund; MASSON, Jeffrey M. (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GUNDLACH, Horst. Dr. Mises and Mr. Fechner: how early was their identity uncovered? *American Psychologist*, v. 1, n. 5, pp. 582-3, 1986.
- HAECKEL, Ernst. *Natürliche Schöpfungsgeschichte: gemeinverständliche wissenschaftliche Vorträge über die Entwicklungslehre im Allgemeinen und diejenige von Darwin, Goethe und Lamarck im Besonderen [...]*. Berlin: Reimer, 1868.
- HEIDELBERGER, Michael. *Nature from within: Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview*. Trad. C. Klohr. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2004.
- HERMANN, Imre. *Gustav Theodor Fechner: Eine psychoanalytische Studie über individuelle Bedingtheiten wissenschaftlicher Ideen*. Leipzig, Viena, Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1926.
- KENT, W. Saville. *A manual of the Infusoria: including a description of all known flagellate, ciliate, and tentaculiferous protozoa, British and foreign and an account of the organization and affinities of the sponges*. Vol. 1. Londres: D. Bogue, 1880-1881.
- LAGET, Annette. *Freud et le temps*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1995.
- LINK, Stephen. Fechner, Gustav Theodor (1801-1887). In: E. Erwin (org.). *The Freud Encyclopedia: theory, therapy and culture*. Nova York: Routledge, 2002, pp. 192-5.

- MAYR, Ernst. *The growth of biological thought: diversity, evolution, and inheritance*. The Belknap Press of Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, 1982.
- MEYER, Axel. Charles Darwin's reception in Germany and what followed. *PLoS Biology*, v. 7, n. 7, pp. 1-2, 2009, e1000162.
- MONZANI, Luiz R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- NITZSCHKE, Bernd. Freud und Fechner: Einige Anmerkungen zu den psychoanalytischen Konzepten „Lustprinzip“ und „Todestrieb“. In: _____ (org.). *Freud und die akademische Psychologie: Beiträge zu einer historischen Kontroverse*. Munique: Psychologie-Verlags-Union, 1989, pp. 80-96.
- OKEN, Lorenz. *Lehrbuch der Naturphilosophie*. 2ª ed. Jena: Frommann, 1831.
- RIEPE, Manfred. Das Ornament der Maße: Gustav Theodor Fechners Bedeutung für die Psychoanalyse Sigmund Freuds. *Psyche*, v. 56, n. 8, pp. 756-89, 2002.
- SIMANKE, Richard T. Fontes científicas: “Um reino de possibilidades ilimitadas”. In: Freud, Sigmund. *Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips]*. Edição crítica bilíngue. Trad. M. R. S. Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, pp. 369-442.
- SMOCOVITIS, Vassiliki. Evolution. In: M. C Horowitz (org.). *New dictionary of the history of ideas*. Vol. 1. Detroit: Thomson Gale, 2005, pp. 750-8.
- STANLEY HALL, Granville. Gustav Theodor Fechner. In: _____. *Founders of modern psychology*. Nova York: Appleton, 1912, pp. 125-77.
- STRACHEY, James. Apéndice. Surgimiento de las hipótesis fundamentales de Freud. Trad. J. L. Etcheverry. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Vol. 3. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, pp. 62-8.
- SULLOWAY, Frank J. *Freud, biologist of the mind: beyond the psychoanalytic legend*. Nova York: Basic Books, 1979.
- UNIVERSITÄT LEIPZIG. Gustav Theodor Fechner. In: _____. *Professorenkatalog der Universität Leipzig*. Sem data (a). Disponível em: <https://research.uni-leipzig.de/catalogus-professorum-lipsiensium/leipzig/Fechner_807>. Acesso em: 23/01/2021.

UNIVERSITÄT LEIPZIG. Fechner, Gustav Theodor. In: _____. *Historische Vorlesungsverzeichnisse der Universität Leipzig*. Sem data (b). Disponível em: <https://histvy.uni-leipzig.de/dozenten/fechner_gt.html>. Acesso em: 23/01/2021.